

Selmara Merlo Londero

**TECENDO VIAS PELAS QUAIS O AMOR SE FALA:
Cartografias dos discursos amorosos
na atualidade.**

**Assis
2006**

Selmara Merlo Londero

**TECENDO VIAS PELAS QUAIS O AMOR SE FALA:
Cartografias dos discursos amorosos
na atualidade.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista – para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Aparecida
Moreira França

**Assis
2006**

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

L847t Londero, Selmara Merlo.

Tecendo vias pelas quais o amor se fala : cartografias dos discursos amorosos na atualidade / Selmara Merlo Londero. – Assis, 2006.

124f.

Orientador : Sônia Aparecida Moreira França.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de Assis). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 2006.

Bibliografia : f. 120-124.

1. Amor – Teses. 2. Psicologia social – Teses 3. Relações interpessoais – Teses. 4. Discursos amorosos – Teses. I. França, Sônia Aparecida Moreira. II. Universidade Estadual Paulista. III. Título.

CDU 159.942

Selmara Merlo Londero

**TECENDO VIAS PELAS QUAIS O AMOR SE FALA:
Cartografias dos discursos amorosos
na atualidade.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista – para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Aparecida Moreira
França

COMISSÃO EXAMINADORA

Assis, ____ de _____ de 2006.

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apóia, refúgio dos momentos difíceis.

À minha orientadora, Dra. Sônia Aparecida Moreira França, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e o respeito presente em suas orientações.

Aos amigos que dividem as angústias e alegrias: Juliana, André, Marien, Eleana, Sabrina, Cinthia Helena.

As companheiras de viagem e das expectativas com o mestrado: Karol e Valéria e também a Namara pela força.

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto de Carvalho, por sua disponibilidade e atenção na confecção do projeto.

Ao Prof. Dr. William Siqueira Peres, pelo material emprestado, as discussões sobre o tema e as muitas risadas pelas estradas de Assis.

Ao Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, pelas contribuições teóricas e o carinho.

Ao Prof. Ms. Achilles Delari Júnior, pela disponibilidade e atenção, na revisão.

À Selma pela paciência e ajuda nos momentos finais.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, através das várias histórias amorosas relatadas.

LONDERO, Selmara Merlo. **Tecendo vias pelas quais o amor se fala: cartografias dos discursos amorosos na atualidade.** 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis. 2006.

RESUMO

Este trabalho versa sobre os processos de produção de discursos amorosos presentes na atualidade. Tem como objetivo colocar em análise o texto amoroso que se constitui nas práticas amorosas na contemporaneidade, investigar o processo sócio-histórico da construção do discurso amoroso, as contribuições da literatura, de filmes, de revistas e de conversas cotidianas, etc. para a constituição de um regime de saber para as práticas amorosas no contemporâneo. Utiliza-se da cartografia como metodologia de pesquisa, o campo empírico se constituiu através do diário de bordo, de leituras de contos e revistas. O trabalho se constitui em quatro cartografias: a primeira sobre o percurso histórico dos discursos amorosos; a segunda trata-se do projeto amoroso na modernidade, onde são analisados contos de literatura brasileira; a terceira discorre sobre o narcisismo como um constituinte do amor contemporâneo; e a quarta coloca em análise a pedagogia amorosa. Em todas as cartografias estão presentes dados coletados nas revistas e diário de bordo. A análise presente nas cartografias mostra que o amor é uma crença, implica em procedimentos de ascese, visa o supremo bem e a felicidade. A configuração narcísica do contemporâneo traz atributos morais para as práticas amorosas, muitas vezes distanciados do exercício ético, enquanto uma estilística da existência.

Palavras-chaves: Amor, discursos, contemporâneo, cartografias.

LONDERO, Selmara Merlo. **Tecendo vias pelas quais o amor se fala: cartografias dos discursos amorosos na atualidade.** 2006. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Assis. 2006.

ABSTRACT

This paper concerns the current intimate speech production processes. It aims to analyze the intimate text which constitutes itself upon the intimate practices into the contemporaneity, as well as investigating the socio-historic process of the intimate speech building-up, and which the contributions from literature, movies, magazines, and daily talks, etc, are for the constitution of a knowledge regime for the intimate practices, as the empiric field was built up by a log book and both narrative and magazine readings. The paper is based on four cartographies: the first concerns the intimate speech historic path; the second is the intimate project inside modernity where Brazilian literature narratives are analyzed; the third discourses narcissism as a contemporary love constituent, and brings movies; the fourth places love pedagogy into analysis. Data gathered from magazines and the log books are in all cartographies. The analysis in the cartographies demonstrates that love is a belief, implies in ascesis procedures, it aims the supreme good and happiness. The narcissic configuration of the contemporary brings moral attributes for the intimate practices, often apart from the ethical exercise, as a stylistics of the existence.

Key words: love, speech, contemporary, cartographies.

Aos meus pais, Selmo e Cidinha pelo amor sempre
presente nos pequenos gestos.
Ao meu irmão, José mesmo que através de lembranças
esteve o tempo todo presente
na construção deste trabalho; saudade.
Ao Luciano pelas primeiras intensidades
amorosas... pela vida que não pôde ser
vivida.
À Clara, minha sobrinha que trouxe alegria e leveza
e me faz celebrar a vida.

Mas assim que se aceite o fato de que até mesmo entre os seres humanos mais próximos continua a existir uma infinita distância, uma maravilhosa vida lado a lado pode florescer, se essas pessoas tiverem êxito em amar a distância entre elas, que torna possível que cada um veja a integridade da outra contra o amplo céu.

Rainer M. Rilke

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
METODOLOGIA.....	20
I - CARTOGRAFIA: AS NARRATIVAS DO AMOR.....	26
II - CARTOGRAFIA: PROJETO AMOROSO DA MODERNIDADE: A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL	37
III - CARTOGRAFIA: O NARCISISMO, UM CONSTITUINTE DO AMOR CONTEMPORÂNEO	64
IV - CARTOGRAFIA: A PEDAGOGIA DO AMOR	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO CONSULTADO.....	123
FILMOGRAFIA.....	124

APRESENTAÇÃO

O amor romântico se apresenta como algo natural, universal e eterno e imanente ao sujeito. As idealizações amorosas aparecem como expectativas de experiências vividas de forma espontânea que levam à felicidade. A vivência amorosa na atualidade traz valores aparentemente inconciliáveis e coloca o homem diante de impasses que configuram as novas práticas amorosas. Ao mesmo tempo, que é dito que amor é algo que traz felicidade e completude, suas práticas trazem confusão e sofrimento. Enquanto o romantismo é valorizado e almejado, a liberdade também é um valor presente nas relações.

Os discursos sobre o amor apresentam-se como críticas que oscilam entre a culpabilização dos indivíduos pelos fracassos amorosos e a condenação dos excessos da paixão amorosa.

Muitos são os autores, atualmente ocupados em discutir a temática amorosa. Este tema é tratado por psicólogos, psicanalistas, sociólogos, cineastas, filósofos entre outros.

Segundo Costa (1998), existem três principais afirmações que sustentam o credo amoroso dominante: 1) o amor é um sentimento natural e universal, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à “voz da razão” e incontrolável pela força da vontade; 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar.

Em todas as culturas conhecidas, temos relatos da presença do amor paixão. Talvez a crença da naturalidade e universalidade do amor se deva a este fato. Tudo aquilo que venha a inibir ou proibir a vivência amorosa é encarado como anti-natural e desumano.

Para o referido autor, o amor romântico é uma crença emocional e a crença na universalidade do sentimento romântico é do tipo de crença opcional e não uma crença necessária. As convicções amorosas, desta forma, são passíveis de transformações e aperfeiçoamento.

O ideário amoroso ressalta a importância da espontaneidade e relega a razão a segundo plano. No entanto, a prática amorosa desmente estas idealizações. Amamos com sentimentos, mas também com a razão e julgamentos. Na maioria das vezes, o amor é conservador e conformista. Os eleitos, os escolhidos, possíveis objetos de amor, obedecem a certas condições para serem aceitos, como: classe social, grau de escolaridade, valores, etc., que geralmente são chamadas de afinidades.

As expectativas amorosas são altamente idealizadas e levam a sentimentos de frustração e impotência. Cabe ressaltar que as idealizações, segundo Nietzsche, são manifestações de uma concepção metafísica de mundo que desqualifica esta existência tal como ela é. Desta forma, a idealização é uma construção imaginária que supõe a existência de outro mundo, de outra vida para além desta. O projeto de Nietzsche foi desmistificar estas idealizações que se escondem sob a moral, já que se apresenta como dicotomias simplificadoras, entre bem e mal, pretendendo sempre excluir o que é considerado mal. (CARVALHO, 2006)

Cresce a procura de aconselhamentos, terapias, livros de auto-ajuda, dicas, entre outros procedimentos que visam amenizar este sofrimento. No entanto, as queixas aumentam. Chega-se ao ponto de pessoas que não têm uma relação amorosa acreditarem que são fracassadas, causando danos à visão que se tem de si mesmo.

Pessoas ainda sonham encontrar a tão falada “alma gêmea”, ou seja, aquela pessoa que os compreenderá e aceitará em todas as situações e contradições, ao mesmo tempo em que colocam seus interesses individuais sempre como prioridade máxima.

Dentre aqueles que se debruçaram sobre o estudo das relações amorosas, encontramos textos sobre o amor com uma visão idealizada e outros com uma visão realista. Para Badinter (1986), o amor ideal é a experiência emocional cuja virtude é nos proteger contra a solidão e tem sua fonte no respeito e ternura pelo outro. Porém, a autora adverte, vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa.

A tese de Bauman (2004) é que o amor é ambivalente, é incerto e inevitavelmente traz sofrimento. Segundo este autor, nesse mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre a alegria e a dor e não há como determinar quando um se transforma no outro. Para ele a virtude do amor reside na balança entre liberdade e responsabilidade.

No idealismo de Bloom, a cultura simplesmente perdeu a habilidade de criar a experiência amorosa, ao desprezar a imaginação e ao converter erotismo em sexualidade. Sem histórias de amor, sem narrativas amorosas, sem uma produção ficcional que traga o erotismo de volta para o centro dos ideais de felicidade, o amor deixa de ser amor. Seu problema é saber como reinjetar na cultura o gosto por histórias de amor, dissolvidos no vocabulário da política ou das ciências (COSTA, 1998, P.143).

Nessa assombrosa fragilidade do amor, lado a lado com sua recusa em suportar com leveza a vulnerabilidade, o amor pode ser, e freqüentemente é, tão atemorizante quanto a morte. A demanda de segurança e de coisas prontas faz com que se perca de vista o processo e a criatividade necessária às relações.

As relações amorosas na atualidade podem estar configurando novas formas de processos de produção de subjetividade, que se estabelecem em um

contexto histórico-cultural onde se presentificam valores característicos do Contemporâneo, levam a mudanças de sentidos das vivências de forma cada vez mais rápida, em que os valores se tornam obsoletos.

Os meios de comunicação revelam o acontecimento amoroso, a todo momento, como um produto vendável no mercado sem oferecer maneiras de se problematizar estas questões.

Esta pesquisa parte de algumas reflexões e questionamentos sobre o amor na sociedade contemporânea. A emergência do objeto de pesquisa traz como pergunta essencial: qual é esse texto amoroso que se constitui nas práticas amorosas contemporâneas, e que se revelam através do cotidiano? O eixo central da pesquisa permeará questões a respeito do paradigma amoroso na contemporaneidade.

A relação com o campo empírico, de certa forma, começa desde muito cedo, desde quando a cartógrafa se vê afetada por estas questões, do amor, das relações humanas, da vulnerabilidade do homem diante de suas emoções. O relato dessas primeiras experiências se faz aqui presente, com o intuito de ressaltar que a aproximação com o campo empírico se iniciou antes que esta pesquisa pudesse acontecer, indica o caminho percorrido até que se pudessem formular questões a serem trabalhadas, é uma construção.

As primeiras vivências impactantes acontecem através de filmes, talvez porque ocorrem em uma fase tão precoce em que não se tem ainda dominado a possibilidade da leitura de textos mais complexos. O mais interessante é que o que desperta inquietações sobre estes temas ocorra através desta linguagem específica – a imagem. No entanto, não são as imagens em si, com riquezas de detalhes que permanecem na memória, mas sim as sensações que estas imagens causam.

Sensações novas, inexplicáveis e talvez impossíveis de descrever, pois vividas em uma época em que não existia ainda linguagem suficiente que pudesse dizê-las.

Três filmes são a primeira referência: “Doutor Jivago”, dirigido por David Lean; “Girassóis da Rússia”, de Vittorio de Sica e “O morro dos ventos uivantes”, de Peter Kosminsky. Todos eles filmes clássicos que retratam amores intensos, vividos através de suas impossibilidades e alimentados pelas dificuldades, deixam a idéia de que para se viver um amor de verdade é preciso muito sacrifício e sofrimento. “Doutor Jivago” e “Girassóis da Rússia” impressionam pela beleza da história, da fotografia, da intensidade dos sentimentos que até então eram desconhecidos. Porém, o efeito de “O morro dos ventos uivantes” é devastador, causa uma forte impressão que perdura por muito tempo. O resto que fica dessa experiência não são idéias racionais e articuladas, mas sim uma sensação de horror diante de um saber, um novo saber sobre a vida, ou melhor, sobre sexualidade e morte. Depois disso o que se transforma em pensamentos são as perguntas: o que tem a ver o desejo, o amor, a morte com a vida? O que causam estas vivências na subjetividade humana? Por que tudo isso é tão importante e ao mesmo tempo tão assustador? É lógico que estas questões não se articulam desta forma, demoram anos para se construir. Mas logo após as sensações despertadas e do começo da racionalização, já não se pode mais lembrar do filme, só ficam lembranças das sensações, das noites mal dormidas, em que se tenta decifrar enigmas sobre o ser humano.

Com o tempo, torna-se hábito a leitura de romances, que são lidos com avidez, como se tivessem que ser bebidos de uma vez só, na tentativa de decifrar os enigmas da existência e, principalmente os mistérios das relações entre homens e mulheres, esses seres tão diferentes, que ao mesmo tempo, causam estranhamento, que em algumas vezes se repelem, outras vezes se atraem como

algo irresistível que foge ao controle da razão. No início são romances comerciais, previsíveis, sempre com o final feliz, que não causam muito “abalo emocional”, pelo contrário, apaziguam o espírito: “ai que bom, então no final sempre dá certo!” Um pouco de paz, ilusão pelo menos por um tempo. No entanto, com o tempo, passa-se a ficar mais exigente e esses “romancinhos água-com-açúcar” já não bastam para aquietar o espírito e dar a ilusão de que tudo ia dar certo no final... Que final, afinal? Começam, então, leituras mais interessantes, consistentes, mais belas, artísticas, que não buscam tranquilizar, mas sim inquietar, provocar, instigar...

No decorrer do tempo a própria vida se encarrega de trazer experiências novas que remetem a todos os mistérios que pedem para ser desvendados. A curiosidade, a busca pelo conhecimento sobre a vida, pode criar a esperança de que com isso possa se preparar para enfrentar o que vier pela frente, cria uma forma de proteção e ilusão de controle diante do inesperado e incontrolável. Nesta busca por informações, conhecimentos, e principalmente por maneiras de evitar sofrimentos, busca-se “apaziguar o espírito” em uma palestra sobre sexualidade. No meio da confusão de sentimentos, da curiosidade, perplexidade e vergonha, escuta uma voz grave atrás de si, um baque... Passa a só escutar a voz... é de forma inesperada e ao mesmo tempo muito esperada, o encontro com o primeiro amor.

O primeiro amor é vivido com toda intensidade que merece, com muitos risos, lágrimas, ciúmes, namoro no portão, com direito as brigas e reconciliações que só aumentam a paixão e principalmente a ilusão de que esse amor é mais forte do que tudo e que pode durar para sempre. É, então, que se torna possível aprender “na carne” que a realidade não é bem assim, que existem inúmeros caminhos que podem ser percorridos e que podem separar até aqueles que se amam. O “destino” separa, outras experiências pedem para serem vividas, surgem outras sensações,

outras possibilidades e o início do conflito: viver um amor ou se abrir para todas as outras possibilidades que a vida pode oferecer? Conhecer mais, experimentar mais ou continuar se refletindo naquele olhar? Bom, isso é viver. Os mistérios começam a se tornar menos assustadores, afinal deve ser assim com todos os jovens que se iniciam na arte de amar...

Se deparar com a falta de garantias do amor em decorrência do outro, deixa o vazio, a dor. Muito tempo depois, a certeza de que nada é certo, de que tudo pode ser diferente do que se imagina. O que passa a dar uma certa sensação de liberdade para viver outros amores, que surgem com o tempo, pois como dizia Cazuza “o tempo não pára” e a vida continua...

Nesta época, alguns filmes de diretores de várias nacionalidades delimitam o percurso da cartógrafa em direção a produções sobre o discurso amoroso: “Amor Sem Fim”, de Franco Zeffirelli; “As pontes de Maddison”, de Clint Eastwood; “A pele do desejo”, de Andrew Birkin; “O Piano”, de Jane Campion; “O paciente inglês”, de Antony Minghella; “A insustentável leveza do ser”, de Philip Kaufman; “Ata-me” e “Carne trêmula”, de Pedro Almodóvar; “Perdas e danos”, de Louisd Malle; “O amante”, de Jean-Jacques Annaud... como também vários livros: “A insustentável leveza do ser”, de Milan Kundera; “Perto do coração selvagem”, de Clarice Lispector; “Memorial do convento”, de José Saramago; “O amante”, de Marguerite Duras...

Um novo amor, mais real, com menos expectativas, vivido no dia-a-dia, cresce aos poucos, se torna cumplicidade, companheirismo, afinidades, planos, convivência, histórias, projetos, enfim, amor... É quando surge “O amante”. Ao ler o livro pela primeira vez, a cartógrafa se impressiona ao perceber a intensidade transformada em texto, pergunta-se como é que Marguerite Duras consegue colocar

em palavras “tudo aquilo”? Não só em palavras, o mais impressionante era a intensidade que surge naquilo que não é palavra, no entre, no não-dito. Passa a ler todos os livros dela depois de “O amante”, pois ali presentifica-se através da arte, da literatura a intensidade das sensações das relações humanas, do amor, da dor, do vazio, da morte, do sentido e da falta de sentido.

Intensificam-se os encontros com a arte, através da dança, a proximidade com o teatro, a paixão pela música etc. Encontros com Astor Piazzolla, Salomé, Shakespeare, etc. Aos poucos, tornam-se possibilidades de potencializar a vida, transformar a dor da existência em beleza, gesto, imagem, som, luzes, vibrações... a curiosidade já não se contenta somente com conhecimentos organizados de forma racional e sistematizada, precisa encontrar-se com o indizível e invisível, com a arte na vida.

Todas estas vivências abrem caminhos para que a cartógrafa possa, então, se propor a pesquisar a temática amorosa através de discursos presentes na cultura e na arte, entendendo-os como produtores de processos de subjetivação e de práticas sociais. Busca, talvez desta forma, compreender os valores em jogo no interior destas práticas amorosas no contemporâneo.

Para que o campo empírico se delineie, a cartógrafa assiste vários filmes que abordam direta ou indiretamente a temática amorosa, busca realizar um levantamento sobre o discurso amoroso através desta linguagem - o cinema, já que atualmente é um dos veículos de comunicação que atinge toda uma gama da sociedade. São alguns deles: “Brilho eterno de uma mente sem lembranças”, de Michel Gondry; “Pão e tulipas”, de Silvio Soldini; “Fale com ela” e “Má educação”, de Pedro Almodóvar; “Modigliani: paixão pela vida”, de Mick Davis; “Sob o sol de Toscana”, de Audrey Wells; “Tão perto tão longe”, de Win Wenders; “Os

Sonhadores”, de Bernardo Bertolucci; “O clã da adagas voadoras”, de Zhang Yimou; “Diário de uma Paixão”, de Nick Cassavetes; “De repente é amor”, de Nigel Cole; “Denise está chamando”, de Hal Salwen; “Closer”, de Mike Nichols; “O jardineiro fiel”, de Fernando Meirelles; “O segredo de Brokeback Mountain”, de Ang Lee; entre outros.

Em relação à literatura é preciso fazer algumas definições a priori, pelo vasto campo e pela grande produção literária amorosa, tanto internacional quanto nacional, portanto, fica definido que são contos e não romances, produções de autores brasileiros. O conto é escolhido por ser mais curto e desta forma, representar um estilo literário que tem muita popularidade e acesso aos seus leitores. A princípio, são lidos contos de alguns dos melhores e mais reconhecidos autores brasileiros, como: “Morangos mofados” de Caio Fernando Abreu, “Saragana” de João Guimarães Rosa, “A bela e a fera” de Clarice Lispector, “Obra completa” de Machado de Assis; bem como “Os cem melhores contos brasileiros do século”, seleção de Ítalo Moriconi de 2001. Busca-se através da literatura fazer um mapeamento dos discursos amorosos nos diferentes estilos presentes no último século, que se iniciam por uma fase mais romântica e passam a um estilo mais realista.

Este primeiro momento de aproximação e reconhecimento do campo trouxe uma afirmação: o amor é falado por muitas vias e formas. Os filmes, os autores literários, as revistas e o diário de bordo auxiliam na produção dos contornos do campo.

Num segundo momento aparece, a partir das linhas que compõem a multiplicidade do campo empírico, uma linha intensiva que pede atenção e passagem para a palavra. Esta linha apresenta o amor romântico como um valor,

embora supostamente ultrapassado pela volatilidade do mundo contemporâneo, ainda buscado, como uma nostalgia pelo tempo passado, cria um regime discursivo que, pela impossibilidade de estabelecer um valor definido para o amor no contemporâneo, tenta criar um absoluto amoroso redentor que possa trazer a salvação para o desterro do contemporâneo.

Portanto, o presente trabalho apresenta, inicialmente, os conteúdos desenvolvidos sobre o “amor”, buscando uma contextualização histórico-cultural dos valores e atributos a ele conferidos na atualidade. Visto que o texto difundido do amor traz a idéia de que nada substitui a felicidade erótica, o amor erótico é signo do supremo “Bem”, mas se esse ideal não se realiza, “amar é sofrer”. O amor, então, pode levar a uma realização suprema ou a um sentimento de fracasso naqueles que não conseguem usufruir das promessas de felicidade que são associadas a este sentimento (COSTA, 1998).

Posteriormente, procura articular como as produções culturais e artísticas contribuem para a perpetuação e entendimento das idealizações amorosas como componentes constituintes do amor romântico, pois, atualmente se encontra em marcha uma máquina de reparar amores infelizes através da literatura: tanto romântica como de auto-ajuda, bem como meios de comunicação que envolvem a mídia áudio visual, telenovelas, filmes, etc. E, com isso, propiciar uma reflexão que possa nos indicar se o narcisismo contemporâneo¹, como uma forma de subjetivação moderna, pôde contribuir para a efetivação de idealizações de caráter individualista nas relações da atualidade, comprometendo os potenciais criadores de quem as vive.

¹ Narcisismo Contemporâneo – Restrições das possibilidades de investimentos em projetos futuros e o incentivo na busca de satisfações imediatas, que não impliquem em cooperação social, de forma a instituir o indivíduo como o valor da moral contemporânea. (COSTA, 1988)

Percebe-se, apesar de tudo, um grande investimento na busca de relacionamentos em que se possa viver um grande amor, como o dos filmes, que superam todas as dificuldades da vida real. Amor este carregado de conceitos naturalizantes dos papéis sexuais, do casamento e das expectativas de um sentimento incondicional e recíproco. Em que a complementaridade assume um estatuto de complementação do outro, buscando na relação a dois a ilusão de uma unidade perfeita e de salvação.

As questões que norteiam esta investigação estão carregadas de percepções, vivências e afetos envolvidos na vida cotidiana da maioria das pessoas, trata-se então de pensar e repensar as relações entre os seres humanos. Para problematizar o paradigma amoroso contemporâneo o trabalho traz alguns analisadores do regime discursivo presente na cultura a respeito do que é o amor. Para tanto, torna-se importante formular a seguinte pergunta: Quais as contribuições da literatura, dos filmes, das revistas e das conversas cotidianas para a constituição de uma cultura para as práticas amorosas no contemporâneo?

METODOLOGIA

Como a experiência da cartógrafa se lançava em direção à literatura, ao cinema, à mídia e às relações cotidianas, fomos aí buscar o texto do trabalho, neste encontro das obras com o leitor pôde se vislumbrar os valores que constituem os discursos amorosos na contemporaneidade. Utiliza-se, então, como dispositivos² de análise: a literatura brasileira, através de contos de Machado de Assis; relatos de revistas, filmes e de histórias do cotidiano, sendo estes considerados o campo empírico. Um campo de discurso e de práticas que constitui a cultura amorosa. Levando-se em conta, sempre, qual é o pedido amoroso presente nestes dispositivos, que por sua vez se atualizam nas práticas amorosas vividas no cotidiano.

Para Guattari (2000) os modos pelos quais os indivíduos vivem a subjetividade oscilam entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que chamaria de singularização.

A cartografia é um procedimento metodológico utilizado pela geografia, que busca dar formas as superfícies geográficas através de mapas. Não se reduzindo simplesmente ao desenho de um mapa, mas visando a representação mais próxima possível dos contornos daquele território em questão. Segundo Joly (apud MANSANO, 2003), insere-se no mapa a noção de duração e de movimento

² Dispositivo: isolar estratégias de força que dão suporte a certos tipos de saber, uma grade de análise que interroga o que as práticas fazem, sua organização, sua coerência, sua inteligibilidade, entendendo-as como uma formação que responde às necessidades estratégicas de um determinado momento histórico (FRANÇA, 2004, p.35).

presentes na paisagem geográfica.

A cartografia pode também ser usada para acompanhar o movimento subjetivo das mudanças ocorridas na realidade social, mapeando as forças presentes nestas mudanças, determinando a desconstrução e construção de novos sentidos de vivências subjetivas, Sueli Rolnik considera que:

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 1989, p.15).

A cartografia não determina em si uma metodologia, no entanto, propõe uma discussão metodológica que se atualiza na medida em que ocorrem encontros entre o pesquisador e o território pesquisado. Não se trata de um método pronto, ele se constrói na medida em que acompanha os movimentos dos afetos que surgem no campo. Não busca a “verdade” do campo estudado, mas acompanha as linhas que emergem nas ramificações dos sentidos dos discursos apresentados, no decorrer do processo.

Tem ocorrido, na sociedade moderna, transformações em uma velocidade muito grande, algumas organizações sociais se desmancham, perdem sentidos com uma rapidez que, às vezes, impedem que se construa novos sentidos, tornando certos valores obsoletos.

Mansano (2003) afirma que no meio destes processos, alguns afetos pedem passagem, buscam se expressar e cabe ao cartógrafo investigar a ação das forças que levam a estas mudanças, dando passagem tanto para estes afetos quanto para novas modalidades de linguagem que possam dar condições de expressão a estas novas paisagens sociais. Segundo Rolnik:

Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo

fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia (ROLNIK, 1989, p.66).

As forças atuantes nos processos de produção da subjetividade são múltiplas e heterogêneas. O cartógrafo busca não só delinear estas forças, mas acompanhar seus movimentos, seus embates e reconhecer as formas de vida engendradas em um determinado momento histórico. Portanto, os mapas produzirão trajetórias de vida, sem que estas pressuponham uma direção ou finalidade a ser alcançada. O método cartográfico não visa comprovar verdades ou configurações fixas da realidade, já que busca encontrar os campos sociais de produção de desejo. Tem como princípio a potencialização da vida, ou seja, seu princípio é extramoral e tem como ética a possibilidade de expansão da vida pelo movimento de forças que constituem as subjetividades.

Segundo Stremlow (2002) para o cartógrafo, “entender” não está ligado a aspectos exclusivamente cognitivos. Não se trata, portanto, do campo da explicação, ou da solução. Para ele, o importante não é revelar algo oculto ou o não dito, mas dar passagem ao que ainda não foi dito e visto, são efeitos de superfície dos campos intensivos.

Nenhum mapa poderia ser tomado como uma totalidade estática e fechada: os mapas teriam sempre sua validade limitada. As cartografias são, portanto, por princípio, passíveis de transformação tanto para este cartógrafo em outro tempo e posição, quanto para outros que se interessarem por esse território. Dependendo tanto do momento histórico quanto das possibilidades sensíveis do cartógrafo.

Nessa produção, a multiplicidade do material colhido ao longo do processo, possibilita a interlocução com os textos que vão sendo criados, isso se faz por atravessamentos e pela dimensão ramificada.

Segundo Souza (2005) em cada situação ou momento, existe uma pluralidade de forças em luta imprimindo uma pluralidade de sentidos, tentando predominar uma sobre a outra. A todo momento, o pesquisador é colocado diante de perguntas que se refazem e da fragilidade e da insegurança que isso gera. Não encontra uma realidade cristalizada que caberia a ele explicar, mas sentidos que emergem e desaparecem, de acordo com as forças atuantes em determinados momentos. Cabe a ele construir, como um artesão, a partir do que dispõe, novas formas de representar a realidade que está sendo vivida.

Para a referida autora, o trabalho do cartógrafo visa à produção de novos territórios de expressão, a constituição de modos de vida. Ao deixar-se vibrar no campo social, emerge sua dimensão sensível. Seu trabalho é movido pelo desejo de viver entre os homens, pelo grau de abertura de suas relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Como vimos, a posição ética e política do método cartográfico implica: paisagens que se movem em direções imprevisíveis; diferentes estratégias e táticas; o desmanchamento de certos mundos e a formação de outros para expressar afetos contemporâneos; é tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem; é um mapa aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente; uma produção de subjetividade que constitui a sua matéria-prima e tudo pode ser colhido desde que se mantenha a multiplicidade ao longo do processo.

As cartografias foram construídas a partir do nosso contato e experimentação com os vários planos que nos foram ofertados no decorrer do trabalho. Através dos contatos com os textos, com a literatura, com as músicas, os poemas, os filmes e as conversas sobre o amor se delinearam as cartografias.

Para cada cartografia, diferentes estratégias de acesso foram sendo erigidas, emergiram quatro cartografias: sendo a primeira sobre as narrativas do amor, ou seja, um percurso histórico dos modos de ser do amor; a segunda trata sobre o projeto amoroso na Modernidade, em que os contos de Machado de Assis podem demonstrar o quanto à mudança no regime discursivo amoroso perpassa por épocas não tão distantes e que construíram valores diferenciados, mas ao mesmo tempo presentes no contemporâneo. Os contos analisados pertencem ao estilo romântico do início de sua obra e ao estilo realista do período de seu cânone definitivo.

A terceira cartografia ressalta o narcisismo como constituinte do amor contemporâneo e a quarta cartografia traz à superfície os contornos de uma pedagogia amorosa presente na atualidade, sendo que para estas últimas cartografias buscou-se também reconhecer os pedidos amorosos presentes nas revistas femininas de grande circulação, como Nova e Cláudia. Estas revistas foram escolhidas por atingirem um grande público feminino e tratarem principalmente de tentar encontrar saídas ou “dar receitas”, através de assessoria de profissionais especializados (como psicólogos, conselheiros sentimentais, entre outros), para solucionar conflitos referentes ao mal-estar contemporâneo, que muitas vezes aparecem nos discursos sobre os desencontros nos relacionamentos e na vida amorosa. Outras revistas consultadas consideradas populares não estão presentes

neste trabalho por não apresentar matérias específicas, com profissionais “psi” ou “conselheiros” sobre a temática amorosa.

Também, nestas cartografias, estão presentes histórias que foram ouvidas e/ou vistas nos vários lugares cotidianos pelos quais a cartógrafa passou durante seu percurso de pesquisa, que compuseram sua visão sobre os diferentes discursos que revelam também as queixas amorosas do contemporâneo.

Conforme Eduardo Passos e Regina Benevides (2003, p. 89), “cartografar é percorrer caminhos bifurcados, ousar rotas que levam a lugares inesperados, fazer escolhas e desvios. Afirmar que, num certo sentido, somos sempre marinheiros de primeira viagem, ou pelo menos, que devemos nos esforçar para sê-lo.”

Estão registradas no ***Diário de Bordo*** da pesquisadora, as rotas principais, as bifurcações desse mapa aberto que constitui o método cartográfico, que levaram, através dos desvios que surgiram no caminho, a uma riqueza de vivências, prenhes de sensibilidades produtoras de discursos e afetos amorosos. Muitas das anotações dão a tonalidade desta dissertação e são as vias expressivas dos afetos compartilhados, com as intensidades consideradas.

O enfoque da análise é pensar nestes textos, o quanto o discurso amoroso pode estar ou não atrelado à central de valores e sentidos amorosos estabelecidos na atualidade. Como também mapear as linhas pelas quais os afetos e os discursos amorosos se expressam e se tecem no Contemporâneo.

Portanto, temos com o presente trabalho o objetivo de colocar em análise o texto amoroso que constitui um regime de saber para as práticas amorosas na contemporaneidade. E, para isso, torna-se necessário investigar o processo sócio-histórico da construção do texto amoroso através das contribuições dos discursos presentes na cultura.

I - CARTOGRAFIA: AS NARRATIVAS DO AMOR

...são loucos aqueles que inventaram o amor.

Astor Piazzolla

Apesar de todas as informações que se têm através da mídia, em que temas polêmicos são discutidos e problematizados, percebe-se um grande interesse das pessoas, desde as mais cultas até as mais simples, em histórias amorosas, como se o amor com certeza fosse um dos caminhos que levasse o ser humano a alcançar um ideal de felicidade.

O amor já era discutido na Antiguidade por filósofos e pensadores. Este acontecimento³ humano desperta o interesse em diferentes épocas e culturas. Para uma melhor compreensão desta super valorização do sentimento amoroso no Ocidente faz-se necessário recorrer a uma genealogia do sujeito amoroso e mostrar sua relação com a história do amor romântico. Voltemos, então, à Grécia Antiga, onde já se apresentavam discursos sobre o amor valorado como o bem, o belo e o verdadeiro, temas de interesse da formação de cidadãos na Polis.

Segundo Motta Peçanha (1987) em “Os Sentidos da Paixão”, no texto em que se refere a Platão, amor e fala, amor e discurso, amor e palavra, estão intrinsecamente ligados. Coloca também que existe estreita vinculação entre as diversas formas de amor e as múltiplas figurações de EROS e as respectivas linguagens que falam do amor e com que o amor se fala.

³ Acontecimento é “uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma determinação, nem uma mecânica, mas ao acaso dada luta”. (FOUCAULT, 1979, p. 28)

Cabe aqui interromper o percurso e recorrer à etimologia da palavra *Érôs*. Segundo Motta Peçanha (1987), através de Sócrates, Platão investiga a etimologia de *Érôs* e faz uma aproximação entre “amor” e “herói”, e coloca que para a cultura grega todos os heróis são seres híbridos de mortalidade/imortalidade, pois são fruto do amor de um deus e uma mortal ou de um mortal e uma deusa e, esclarece ainda, que os heróis são sábios, oradores, com habilidades em questionar e falar. Sócrates então, faz uma relação de Logos com *Érôs*, ou seja, uma relação entre fala e amor, e afirma que o amor é falante e discursante. Já em Fedro, *Érôs* é apresentado no contexto teogônico, em que este é o mais antigo dos deuses, sem genitores e que surge depois de Caos e juntamente com a Terra. *Érôs* é o deus mais honrado e poderoso para a aquisição da virtude, da beleza e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.

Neste texto Motta Peçanha dialoga com três textos de Platão: “O Banquete”, “O Lísias” e “Fedro”. Em “O Lísias”, Sócrates diz: “tornando-nos sábios seremos amados”, pois como sábios, somos úteis e bons. A utilização do paradigma político e do binômio livre/escravo conduz ao reconhecimento de outra forma de se alcançar o amor: o amor que se recebe em decorrência de uma habilidade, de uma mestria – a mesma mestria que permite o exercício pleno da liberdade. No Lísias já encontramos a formulação da tese platônica de que ao amor passionai, escravizante, avassalador, contrapõe-se a outro tipo de amor: aquele baseado no aprendizado, no saber. E que liberta. No Banquete discute-se critérios valorativos quanto ao amor. Faz-se a separação entre amores qualitativamente diversos: o Popular, mais voltado para o corpo e referente a homens e mulheres; e o Celestial: amor entre os homens.

Percebe-se na cultura antiga da Grécia uma valorização da relação entre homens como iniciação na arte erótica. Nesta concepção de amor pouco importa o sexo do parceiro, a questão não é de definições sexuais identificatórias, como homossexualidade ou heterossexualidade, mas de temperança e autodomínio. Trata-se de definir um estilo, que não é norteado pelo moralismo, mas um pressuposto estético que guia o desejo em direção ao belo, que tanto pode ser homem ou mulher. Para o adolescente tornar-se cidadão é preciso ser iniciado na sexualidade por um adulto, e a honra só é alcançada através do desenvolvimento da virtude que é a capacidade de moderação e autodomínio.

O Amor Celestial que tem o Alto como origem e destinação, quando bem conduzido, une homens que se libertam pela persuasão da palavra amorosa – o que bárbaros não entendem e tiranos não podem admitir. É um amor que não convive com a servidão, a não ser a “servidão voluntária”, ao próprio amor, à virtude e ao bem. O importante é que, tanto na natureza como no homem, estejam aliados à moderação e à harmoniosa convivência dos opostos. Do contrário podem advir os males causados pelo amor associado à violência, aos excessos, à imoderação” (PLATÃO apud MOTTA PEÇANHA, 2002, p. 93).

O autor retoma em seu texto um dos mais famosos mitos da obra de Platão, através do qual o comediógrafo Aristófanes, ao começar seu discurso sobre o amor, propõe a origem das idealizações do amor. Segundo o mito, inicialmente, foram três os gêneros de humanidade: o masculino, o feminino, e o andrógino. O primeiro era constituído por duas partes masculinas, o segundo por duas partes femininas, o terceiro por uma parte masculina e outra feminina. Tal conformação dava a essa humanidade anterior grande mobilidade: esses seres duplos moviam-se nas duas direções e podiam, apoiando-se em seus oito membros, locomover-se em círculo. Eram fortes, mas dotados de grande presunção. Por isso, voltaram-se contra os deuses, e o castigo de Zeus à hibris dos humanos primitivos consistiu em cortá-los, separando em verso e reverso. Segundo este mito, Apolo incumbiu-se de

retocar os seres divididos, numa operação plástica que inclusive fez o rosto voltar-se para o lado do corte. No entanto, esta plástica divina não conseguiu atenuar a sensação de incompletude e o desejo de cada metade de unir-se a outra. Desta forma, o mito tenta explicar o desejo de completude vivido pelo ser humano através da relação com o outro, como se fosse uma busca incessante da unidade perdida. Busca de um amor ideal que é, fundamentalmente, não busca do semelhante, mas busca da totalidade partida, da outra metade perdida. Por isso o amor tem sua genealogia a partir dessa vivência que o ser humano experimenta de separação, de mutilação, de incompletude, como se realmente cada um vivesse na própria carne a dor da perda de um pedaço de si, que só seria aliviada quando encontrasse aquele outro, que seria nada menos do que uma parte de si mesmo. O desejo de unir-se ao amado provém dessa sensação de ser apenas parte, metade de um todo.

O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo, é portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor. Anteriormente, como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa de nossa injustiça, fomos separados pelos deuses... (MOTTA PEÇANHA, 1987).

Vivem-se, atualmente, amores carregados com valores de completude e transcendência, como se observa nas falas do diário de bordo: “Quero alguém que me complete”; ou mesmo: “tenho certeza que vou encontrar alguém que pense como eu”. Estes discursos estão presentes no diário de bordo e se repetem várias vezes nas falas de diferentes pessoas. Idéias referentes a esta completude remetem também à idealização da alma gêmea: “eu ainda não encontrei a tampa da panela”; “eu sei que em algum lugar está alguém esperando me encontrar... e que foi feito exatamente para mim... que vai encaixar perfeitamente naquilo que espero...”. O que fica claro nestes relatos de diário de bordo é que, em nenhum momento, as pessoas questionam esta idéia de completude, pelo contrário, quando

encontram dificuldade em realizar este ideal trazem uma explicação que também confirma a idéia da completude: “acho que sou bacia... não tenho tampa mesmo (referindo-se à tampa da panela)...”. A busca pelo outro como aquele que vá completar a metade que falta, também está presente nos discursos atuais e leva a um grande sofrimento diante da possibilidade da perda deste outro idealizado.

No mito sobre a origem da idealização do amor já se observa o prenúncio de uma idéia moderna que é da nostalgia decorrente da perda do objeto ideal perdido, do sofrimento ligado à idéia da separação do objeto de amor e a alegria associada à posse deste objeto, mostrando semelhanças com o ideário amoroso atual (COSTA, 1998). Constata-se que nos discursos da Antiguidade (que levavam em conta o vínculo afetivo entre os esposos), as regras implícitas de um bom casamento geralmente partiram de pressupostos idealizadores das relações entre homens e mulheres, que tinham como finalidade confirmar o caráter metafísico e espiritualizado da sexualidade humana.

Michel Foucault (1994) também menciona este mito quando discute a relação conjugal e dialoga com Musonius em seu tratado: “Sobre o casamento como obstáculo à filosofia”, onde este coloca que após ter separado os dois sexos, o criador quis reaproximá-los, implantando em cada um deles um “violento desejo” que é ao mesmo tempo de “conjunção” (homilia) e de “união” (koinonia). Sendo que o primeiro se refere à relação sexual e o segundo à comunidade de vida. De modo semelhante, Hierócles fundamenta o casamento na natureza de certa forma “binária” do homem. Para ele os homens são animais “conjugais”, noção encontrada entre os naturalistas que distinguiram os animais que vivem em rebanho e aqueles que vivem a dois. Para ele os humanos são feitos para viver a dois e para viver também numa multiplicidade. O homem, para Hierócles é ao mesmo tempo conjugal e social.

O casamento nos dias de hoje pode ser vivido e constituído a partir destes valores, ou seja, se organizar de forma que confirme esta idéia de que o homem é um ser conjugal e, por isso, vive a dois, como se isso fosse o natural. Uma história, presente no diário de bordo, chega ao extremo e pode exemplificar esta configuração amorosa: “algumas pessoas estavam impressionadas porque em seu bairro, uma mulher cometera o suicídio... diziam que seu marido estava indo para o Japão trabalhar... na carta que deixou, ela dizia que não tinha casado para viver sozinha...”.

Tanto para os gregos pagãos quanto para os cristãos o amor se constrói através da idéia de se alcançar um supremo bem, que transcende a vida mundana, portanto o objeto amado representa a posse desse bem. Essa crença amorosa se difunde no Ocidente de forma totalmente hegemônica. O amor associado ao sofrimento e vivido como a falta do outro leva a uma vivência do amor como algo extático e transcendente, o qual é considerado por Costa (1998) como o estabelecimento de uma dinâmica masoquista que condicionaria o gozo amoroso.

A idéia da completude, de que o ser humano só pode viver se for a dois, leva até nos dias de hoje, as pessoas a atitudes inconseqüentes e irracionais. Em nome deste amor ideal tomam decisões que excluem o exercício da razão, alguns relatos colhidos no nosso diário de bordo apontam para esta suposição:

Uma senhora conta que estava viúva com três filhos, não agüentava mais viver sozinha... conheceu um homem que em uma semana lhe propôs viverem juntos... depois de seis meses de convivência ele passou a agredir-la física e sexualmente... ela permanece nesta relação há 15 anos, diz não suportar a idéia de viver só.

O amor passa, então, a se ligar à idéia de que o sofrimento da perda do objeto amoroso pode ser maior que qualquer sacrifício vivido na relação, mesmo que ponha em risco a integridade física e emocional da pessoa.

Segundo Costa (1998), no cristianismo dos primeiros séculos o amor a Deus (caritas) é exaltado como o verdadeiro amor que visa o Bem absoluto, que não é perecível, pode ser eterno e independe do sujeito. Santo Agostinho define que o amor entre humanos (cupiditas) se caracteriza pelo desejo de possuir o que não se tem e pelo medo de perder o que se possui. Sendo este ideário amoroso o que permeará a mentalidade cristã ocidental da Idade Média, no período de 1500 – 1700. Ideário este, que supervaloriza o amor-amizade, numa tentativa de dissociar a sexualidade do sentimento amoroso, mas ao mesmo tempo, explicita uma relação ambivalente entre corpo/alma, sexo/amor, na medida em que pretende que as pessoas lutem contra as sensações do corpo para superar o desejo da carne no sentido de elevar seu amor a Deus, luta esta que já revela as dificuldades da sua empreitada. Neste contexto a sexualidade é sinal de fraqueza e pecado e vista, principalmente, como obstáculo ao verdadeiro amor.

Pode-se pensar que a influência cristã sobre os discursos amorosos está presente e traz práticas específicas. Estas práticas trazem uma dicotomia entre sexo/amor, corpo/alma, que torna as relações ambivalentes: “não sei se quero minha namorada ou minha ex-namorada... não sei se quero a santa ou a puta” (relato do diário de bordo, de um rapaz de 22 anos). Mas há aqueles que conseguem não dicotomizar a relação, embora estejam presentes estes valores: “acho que dá certo com minha namorada, porque nela encontrei a santa e a puta” (relato do diário de bordo, de um rapaz de 23 anos).

Para o autor, a condição amorosa de um desejo insatisfeito e do sofrimento ligados à idéia cristã do amor, passou a caracterizar também o amor cortês, se iniciou na configuração social do século XII, que é o predecessor do amor-paixão-romântico dos séculos posteriores, fim do século XVII, início do XIX.

Para que se possa realmente visualizar esse movimento histórico em direção ao amor romântico, torna-se necessário recorrer a um mito, que é considerado “a maior história de amor do mundo”, o romance de Tristão e Isolda, escrito em sua primeira versão por Thomas de Bretanha, por volta do ano de 1185. Segundo Wisnik (1987), a história de Tristão e Isolda é a matriz histórica de amor em que os apaixonados se amam loucamente e morrem de tanto amar. O fascínio do amor-paixão levou a uma grande produção literária amorosa, fazendo do tema um clichê para várias versões desta história através de romances românticos, novelas de massa e também de uma versão atualizada de filme (*Lendas da Paixão*). O autor coloca que Denis de Rougemont denomina esta história como o “grande mito europeu do adultério” e o considera o próprio nascimento da paixão no Ocidente.

Para Wisnik (1987), nessa história vigora uma lei durante todo o romance: um contraponto antitético entre paixão e casamento, pois quando os amantes se encontram não se casam e quando se casam não se encontram. Um dos enigmas do amor entre Tristão e Isolda é a fuga do casamento. Neste mito estão presentes os valores do amor cortês, doutrina ligada à poesia trovadoresca, que se caracterizam por uma exaltação da mulher e do amor extraconjugal. Esta cultura cria uma outra Lei, a lei do amor contra a do casamento, alternativa que se opõe à lei patriarcal do mundo feudal, que se regia por interesses financeiros e políticos.

No livro de Kreps (1992) “*Paixões eternas, ilusões passageiras: uma análise do mito do amor romântico*”, a autora, cineasta, jornalista e pensadora feminista, discute as idealizações amorosas presentes na atualidade. Traz de forma simples e resumida uma versão do mito de Tristão e Isolda.

Eis o mito: Tristão fica órfão e é levado por seu tio, irmão de sua mãe, o

rei Marcos da Cornualha, para viver com ele em seu castelo em Tintangel. Quando chega à idade de se tornar cavaleiro, Tristão mata Morholt, gigante irlandês que vem para cobrar seu tributo de donzelas e jovens da Cornualha. No entanto, se fere mortalmente, com o veneno da espada de Morholt, e se lança ao mar, em um barco sem vela e nem remo, à própria sorte. O barco aporta na Irlanda, cuja rainha é a única que sabe o segredo de cura do veneno, Tristão não revela seu nome, nem como foi ferido, pois a rainha é irmã de Morholt. Isolda, a filha da rainha é quem cuida de Tristão e o traz de volta à vida, curado ele retorna à Tintangel.

A pedido do rei Marcos, alguns anos depois Tristão retorna à Irlanda. O rei quer que ele encontre a mulher a quem pertence um fio de cabelo loiro como ouro, trazido por um pássaro, para que ele se case com ela. No reencontro de Tristão e Isolda, este por motivos heróicos ganha o direito de se casar com Isolda, mas reclama este direito para seu tio, rei Marcos. Durante a viagem de volta a Cornualha para a realização do casamento de Isolda com o rei, esta descobre a verdadeira identidade de Tristão. Porém bebem por engano uma poção de amor que a mãe da jovem havia preparado e que se destinava a Isolda e rei Marcos. Tristão e Isolda se apaixonam loucamente, e caem um nos braços do outro, mas movido pelo dever Tristão leva Isolda e esta se casa com o rei. A criada de Isolda que havia dado a poção por engano, para expiar sua culpa, toma o lugar de Isolda na noite de núpcias.

O rei Marcos acaba descobrindo que Tristão e Isolda são amantes e como punição entrega Isolda a cem leprosos e condena Tristão à fogueira. Tristão consegue escapar à execução e salva Isolda dos leprosos. Os amantes se escondem na floresta de Morrois. Um dia na floresta, o rei Marcos os encontra dormindo. Tristão havia colocado sua espada desembainhada entre ele e Isolda, e o

rei supõe que isso signifique que são inocentes de adultério. Ele vai embora sem acordá-los, deixando sua própria espada no lugar da de Tristão. Os amantes permanecem na floresta.

Ao final de três anos a poção do amor se esgota e imediatamente, Tristão se arrepende de ter traído o rei, e Isolda volta a desejar ser rainha. Com isso, Tristão propõe paz ao rei e promete devolver Isolda. O rei Marcos os perdoa e recebe Isolda de volta. No entanto, Tristão e Isolda voltam a ter vários encontros secretos.

Com o passar do tempo, novas aventuras levam Tristão para longe de Isolda e ele acaba por acreditar que ela não o ama mais. Por causa disso, ele se casa com outra Isolda, “por seu nome”, mas continua a amar sua Isolda.

Tristão está mais uma vez à beira da morte por um ferimento com veneno, e manda buscar Isolda, pois é a única que pode salvá-lo. Quando o navio dela se aproxima, Isolda içava uma vela branca que significa esperança. A mulher de Tristão, com ciúmes, diz que a vela é preta e Tristão entra em desespero e morre. Quando Isolda chega e vê seu amado morto, deita-se ao seu lado, o abraça e morre também. E assim termina esta história de amor, morte, sexo, traição, que sobrevive até hoje, com a força de uma configuração simbólica em pleno vigor.

Essa então, é a maior história de amor de todos os tempos? A trama está cheia de impedimentos a uma vida a dois. Por que Tristão, se ama tanto Isolda, a devolve ao rei? Será que Tristão realmente deseja Isolda? São várias as questões que surgem. Tristão tenta superar os obstáculos para chegar até sua amada, no entanto, ao chegar até ela, dá meia-volta e inventa novos obstáculos quando nada externo os separa. O que realmente Tristão deseja?

O romance de Tristão e Isolda é o amor romântico na versão clássica

codificada pelo amor da corte na Provença do Século XII, que se tornou o padrão, para os modelos ocidentais posteriores, do amor romântico. Desta forma, pode-se supor que o quê Tristão queria não era Isolda, mas sim amar Isolda, seu desejo não é amar, mas sim ser arrebatado pelo amor. Ele quer viver a chama da paixão, morrer por ela, sem, no entanto, se prender demais, ou seja, viver um amor ideal e não real. Estão postos aí os ingredientes das histórias do amor romântico, que passaram a se aperfeiçoar com as configurações da sociedade moderna.

Os valores da Antiguidade, dos gregos pagãos, os valores cristãos, vêm tecendo, com os valores do amor cavaleresco (amor cortês, séc. XII), o discurso romântico que se institui nos séculos XVII, XVIII e que estão presentes nas idealizações amorosas na atualidade.

E para que se possa entender o advento do amor cortês e do amor romântico, faz-se necessário recorrer ao projeto moderno da civilização, elaborado pela Ilustração européia (séculos XVIII, XIX), que tem como ingredientes os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia. Pois desta forma, torna-se possível o entendimento da criação de uma racionalidade, ou seja, do estabelecimento de verdades sobre o que é o amor e quais os valores que constituem sua prática na Modernidade.

II - CARTOGRAFIA: PROJETO AMOROSO DA MODERNIDADE: A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

A gente não percebe o amor que se perde
aos poucos sem virar carinho. Guardar lá dentro amor,
não impede, que ele empedre, mesmo crendo-se infinito.
Tornar o amor real é expulsá-lo de você
para que ele possa ser de alguém.

Nando Reis

Pode-se pensar que o projeto amoroso da modernidade visou uma educação sentimental a partir da produção de uma racionalidade, do jogo do amor entre razão e paixão, de um discurso específico sobre o que é o amor e o como o indivíduo deve se comportar para viver o amor, para que não se deixe levar pelo excesso da paixão amorosa. Esta prática amorosa na Modernidade passou a ser relatada, principalmente através da literatura, com a valorização do amor cortês e romântico.

O amor romântico (séc.XVIII) constitui-se dos discursos produzidos a partir do projeto moderno da civilização, que foi elaborado pela Ilustração europeia, corrente intelectual que corresponde ao movimento de idéias que se cristalizou no século XVIII, a ética iluminista. Ética esta, onde todos os homens são iguais, independentemente de cultura. Tratava-se de formular princípios gerais, universais, baseados na razão e observação que levariam os seres humanos à vida civilizada. O projeto moderno da Ilustração baseia-se em uma natureza humana universal, que gera efeitos políticos importantes como a condenação de qualquer racismo ou sexismo, mas que também é criticado por operar como um conceito abstrato de homem em geral (ROUANET, 1993).

Segundo Rouanet (1993), a Ilustração tem como foco liberar o indivíduo da matriz coletiva, partindo da hipótese de que o indivíduo tem direito à realização e

à felicidade e pode descentrar-se com relação à vida comunitária, criticando-a de fora. O indivíduo tem direitos e não somente obrigações. O individualismo da Ilustração colocou no centro da ética o direito à felicidade e auto-realização, o que posteriormente degenerou, no século XVIII, numa apologia dos interesses pessoais, de forma a desconsiderar que toda individuação só pode ser alcançada socialmente.

Para o referido autor, a Ilustração busca principalmente a emancipação do homem através do desenvolvimento de sua autonomia intelectual, para que ele possa ser criador de valores, e não fique tutelado pelos valores religiosos. Visa libertar a razão do preconceito, da autoridade religiosa e secular, promovendo livres pensadores com acesso à condição adulta. Este movimento traz a crítica à religião como uma forma de infantilizar o homem, e valoriza a educação, no intuito de substituir dogmas pelo saber. Desta forma, a ciência busca, por meio da razão, libertar o homem de suas superstições e fantasias, dando-lhe uma maior autonomia.

É neste contexto do século XVIII e XIX que surgem saberes e disciplinas específicas sobre o homem, como: direito, educação, medicina e psiquiatria. No século XX ocorre a cientificização do amor por meio da psicologia e da psicanálise. Contudo, percebe-se que o ideal de autonomia, de homens livres que agem e interagem no espaço público segundo a autoridade da razão, permanece irrealizado.

Este contexto sócio-cultural propicia o surgimento de práticas amorosas específicas, que se constituem a partir de procedimentos calcados em valores impregnados de uma racionalidade que estabelecia o que era verdadeiro ou falso no que dizia respeito ao acontecimento amoroso. É como se as histórias de amor já tivessem um roteiro pré-estabelecido, que poderia organizar esta vivência, trazendo

uma certa ordem ao caos que a experiência puramente emocional poderia acarretar.

Segundo Rouanet (1993) a Ilustração rompeu com a ditadura das regras e criou uma estética baseada na revalorização do sentimento e da imaginação. Embora o que se perceba é que esta proposta estética possa ter malogrado, visto que os discursos se estabelecem a partir dos valores morais instituídos, muitas vezes apartados do exercício ético.

Para França (2004), dependendo do modo de relação estabelecido com este regime de verdade, organizar-se-á um modo específico das práticas existentes e dos modos de ser do homem. O amor está inserido, como qualquer outro campo das relações humanas, em um regime discursivo e conjunto de práticas, marcado por regras, mecanismos de poder e efeitos de verdade.

A partir do projeto Moderno estabeleceram-se tipos de amor e de procedimentos amorosos, que se revelaram através de discursos sobre o amor, constituídos por práticas historicamente organizadas. Dentre eles, o amor cortês, que teve como tecnologia o amor ao objeto, o amor e a idolatria à dama, em substituição ao amor a Deus.

Costa (1998) oferece uma vasta discussão, em seu livro “Sem fraude e nem favor: estudos sobre o amor romântico”, sobre as diferentes configurações do amor em épocas específicas, inclusive sobre o amor cortês. Neste texto, destaca três formas de amor cortês: o “amor abandono”, o “amor cortês propriamente dito” e o “serviço de amor”. No amor abandono supõe-se uma busca do sofrimento por aquele que ama, caracterizando um funcionamento que poderia ser chamado de masoquista, já que é este sofrimento que constitui o amor. Nos dois outros tipos de amor o que se constata é uma sublimação do amor carnal, ou seja, uma renúncia à

posse do objeto do desejo que nada tem a ver com infelicidade, já que, segundo Costa, nesta idéia de amor o que se constitui como felicidade é a aceitação da própria renúncia.

O contexto histórico cultural da emergência do amor cortês (séc. XII) possibilita um circuito racional para o entendimento do desenvolvimento desta prática amorosa. A retórica do amor cortês surge quando filhos mais jovens de senhores feudais, sem herança, passam a ter como obrigação conquistar uma noiva rica e estes se rebelam contra este dever. A rebeldia frente tal expectativa imposta é o solo fértil para o desenvolvimento de uma cultura que objetiva desenvolver as habilidades retóricas de conquista através de amores impossíveis. Estes amores são impossíveis já que, em sua maioria, as damas (objeto de amor) são casadas. Desta forma, o que importa é o papel do amor na educação dos cavaleiros e não a sua realização.

O que se pode notar neste período é uma supervalorização da vida na corte e isto faz com que o sentido da vida seja o valor atribuído ao prestígio desta forma de vida. Esse endurecimento de regras traz a necessidade de expressão de violentos sentimentos através do canto, da literatura. Com isso, a literatura vem revelar o sentimento de perda da cultura rural e pastoral dos nobres, cultura esta negada através do autocontrole na tentativa de manutenção de uma posição social. Por isto, surge com a literatura uma necessidade de valorizar a espontaneidade dos pastores como o início para o desenvolvimento da idéia burguesa romântica do amor dos séculos posteriores.

Fica evidente que os resquícios dos valores do amor cortês (séc. XII) aparecem na literatura do romantismo, na medida em que os romances se constituem como uma forma de realização de necessidades afetivas individuais,

mas que tentam se realizar sempre em torno de obstáculos da realização do amor, histórias que para serem consideradas românticas se desenrolam diante da superação de várias impossibilidades.

Isto pode ser observado claramente nos primeiros contos de Machado de Assis, de sua fase romântica. A intensa produção de Machado de Assis demonstra o quanto este genial autor, através de seus contos, perpassa por diferentes formas expressivas de dizer o amor.

Torna-se necessário contextualizar a obra de Machado de Assis, brevemente, antes de recorrer ao conto. A fase inicial de sua obra, de cunho romântico, divide-se em “Contos Fluminenses” (1870) e “Histórias da Meia-Noite” (1873). “Papéis Avulsos” (1882), “Histórias sem data” (1884), “Várias Histórias” (1896), “Páginas Recolhidas” e “Relíquias da Casa Velha” (1906).

Segundo Mário Matos, crítico literário, em “Machado de Assis, o homem e a obra – os personagens explicam o autor” (1939), Machado de Assis é considerado um contador da cidade, atmosfera em que nasceu e formou sua vida. Procurava analisar os sentimentos sutis dos personagens, de compor as almas. Preocupava-se com o homem interno, os fatores ocultos às ações, foi um contista psicológico.

Temas costumeiros dos contos de Machado de Assis são a alma feminina e os namoros, em que ressaltou a psicologia da vida diária das mulheres, sendo as mulheres figuras centrais em seus melhores contos abordando seus dramas e angústias, como em “Miss Dollar”, “A Mulher de Preto”, “O Segredo de Augusta”, “Linha Preta e Linha Curva”, etc. Fez um estudo de tipos psicológicos a respeito das mulheres, de seus hábitos, gêneros de vida, mostrando certos costumes de época, fazendo uma fisionomia social através de seus personagens.

O conto “Miss Dollar” (1870), aqui tratado, exemplifica o discurso

romântico presente na literatura brasileira do final do século XIX. Estilo literário romântico em que, por sua vez, encontram-se presentes, também, os valores do amor cortês, demonstrando claramente as características do discurso presente nesta época. Eis uma síntese do conto:

Logo no início do conto o autor faz um jogo de adivinhação com o leitor, para que adivinhe quem é Miss Dollar, supõe que o leitor possa pensar que Miss Dollar é uma mulher. No entanto, Miss Dollar é uma cadelinha galga que desapareceu e estava sendo procurada pelo jornal, com direito à recompensa.

Dr. Mendonça fazia coleção de cães e cuidava deles como se fossem filhos, para ele “o cão pesava tanto como o amor”. Ele tinha 34 anos, era bem apessoado, tinha maneiras francas e distintas, era formado em medicina e tinha inventado um elixir contra uma epidemia que surgiu na capital, ganhando uns contos de réis, passou a exercer a medicina como amador. Mendonça encontrou Miss Dollar e levou-a para sua casa no Cajueiro.

Vendo o anúncio no jornal do desaparecimento de Miss Dollar, se comoveu com o provável sofrimento dos donos e resolveu devolvê-la. Foi quando devolveu Miss Dollar que conheceu Margarida, sua dona, que era uma moça bonita de olhos verdes. Mendonça nunca tinha visto olhos verdes antes e dizia que: “se alguma vez encontrasse um par de olhos verdes fugiria deles com terror”.

Ficou impressionado com a interessante Margarida, notava-lhe além da beleza, certa severidade triste no olhar e nos modos. Mendonça tinha “grande tendência para as afeições românticas”. Passou a pensar e sonhar com Margarida, disse consigo que “nas mãos de Margarida estava talvez a chave de seu futuro”. Ideou neste sentido, um plano de felicidade, com “uma casa num ermo, olhando para o mar do lado do ocidente, a fim de poder assistir ao espetáculo do pôr-do-sol. Margarida e ele, unidos pelo amor e pela Igreja, beberiam ali gota-a-gota, a taça inteira da celeste felicidade”.

Depois de um tempo, encontrou Margarida e sua tia D. Antônia em uma loja e elas o convidaram para visitá-las de vez em quando. Era tudo o que ele queria, ficou cheio de esperanças em relação à sua musa. Andrade (amigo seu que estava nesta ocasião), contou-lhe que Margarida já havia rejeitado 5 casamentos: “tinha se apaixonado pelo primeiro e não era indiferente ao último”, e completou dizendo que se Mendonça tencionava conquistá-la seria muito difícil, pois ela era muito esquisita.

Mesmo com este aviso, Mendonça não desistiu de sua empreitada e passou a visitá-las regularmente, na companhia de seu amigo Andrade, estabelecendo assim intimidade com elas. Descobriu, então, que Margarida era viúva há três anos e que recusara os casamentos depois da viuvez.

Mendonça tratou de cortejar assiduamente a viúva e esta recebeu seus olhares com supremo desdém, recusava-lhe amor, mas não recusava estima, tratando-o com a maior meiguice. “Amor repellido é amor multiplicado. Cada repulsa de Margarida aumentava a paixão de Mendonça”.

Tentou por à prova seu amor e se ausentou da casa para cessar a paixão, citando La Rochefoucauld: “a ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, como o vento apaga as velas e atiza as fogueiras”.

Passaram-se três meses e como nada de seu sentimento mudou, resolveu retornar às visitas. Margarida nunca deixou de ser amável com ele, embora ficasse indiferente à assiduidade do rapaz. Ela gostava muito de sua presença, mas não parecia dar-lhe uma importância que o lisonjeasse:

“gostava de o ver como se gosta de ver um dia bonito, sem morrer de amores pelo sol”.

Mendonça, então resolveu perguntar-lhe se havia sido feliz com seu marido, no que ela respondeu que sim. Ele por sua vez queria saber a razão de sua insensibilidade. Como não conseguia mais esconder seus sentimentos e somente as visitas já não satisfaziam seu coração de apaixonado, resolveu mandar-lhe uma carta declarando seu amor e falando da indiferença dela:

“... por maior que seja essa indiferença está longe de ombrear com o amor profundo e imperioso que se apossou de meu coração, quando eu mais longe me cuidava destas paixões dos primeiros anos. Não lhe contarei as insônias e as lágrimas, as esperanças e os desencantos, páginas tristes deste livro que o destino põe nas mãos do homem para que duas almas o leiam”.

Em relação à sua esquivança, o rapaz acreditava estar diante de um enigma que desejava decifrar: “Penso às vezes que alguma grande dor a atormenta, e quisera ser o médico do seu coração; ambicionava, confesso restaurar-lhe alguma ilusão perdida”. No final dizia que o perdoasse se sua esquivança fosse somente orgulho. A carta era reflexiva e fria e não exprimia o sentimento.

Seu amigo Andrade o advertiu que ele havia estragado tudo escrevendo a carta, pois os outros pretendentes também o fizeram e isto foi a “certidão de óbito do amor”, depois acabou confessando que ele tinha sido um dos pretendentes dispensados.

Margarida respondeu a carta assim:

“Perdão-lhe tudo; não lhe perdoarei se me escrever outra vez. A minha esquivança não tem nenhuma causa, é questão de temperamento”.

Mendonça leu e releu e concluiu: “havia coisa oculta que arredava Margarida do casamento; ... Margarida ainda lhe perdoaria segunda carta se lha escrevesse”. Escreveu a segunda carta que foi devolvida. Arrependeu-se e resolveu não voltar mais à casa dela. No entanto, “em um mês não tinha perdido uma partícula sequer do sentimento que nutria pela viúva. Amava-a com o mesmíssimo ardor. A ausência, como ele pensara, aumentou-lhe o amor, como o vento atea um incêndio”. Fez o quanto pôde para esquecer Margarida, mas era impossível.

Tanto ele quanto ela ficaram às voltas com leituras de livros. Jorge, primo de Margarida contou-lhe que sua prima nunca tinha lido tanto. Passados 15 dias, resolveu voltar à casa de Margarida, foi recebido por D. Antônio com alegria, ele por sua vez, estava pálido e magro, melancólico e abatido, alegou muito trabalho e Margarida não apareceu para recebê-lo, alegando estar “incomodada”.

Depois disso, Margarida quis ir viver uns dois meses na roça. D. Antônio mandou um bilhete para Mendonça informando-o e pedindo que ele fosse se despedir delas. Nesta noite Mendonça não conseguia dormir, e acabou em sua insônia se dirigindo à casa de sua amada que também se encontrava acordada. A porta do jardim estava aberta e ele teve uma suspeita, Miss Dollar saiu latindo, mas quando o reconheceu fez festa. Margarida saiu para ver o que era e ele se escondeu, ela voltou para dentro. Mendonça acabou seguindo Miss Dollar e entrou até a porta do quarto dela. Logo reconheceu a “baixeza de seu procedimento”, mas não se desculpou, ela lhe disse “que isso não era coisa de cavalheiro”, caiu numa cadeira chorando e pediu que ele saísse. Nenhum dos dois dormiu aquela noite.

No dia seguinte, D. Antônio foi visitá-lo e disse que sua sobrinha estava de cama, que tinha passado a noite mal e que ela sabia a razão. Quando perguntou sobre a razão de seu mal-estar, D. Antônio respondeu-lhe que lera no diário de Margarida que ela o amava. Ele, então, questionou que se ela o amava porque recusava seu coração, no que ela explicou que em seu diário revelava que: “foi infeliz no casamento; o marido teve unicamente em vista gozar da riqueza dela; Margarida adquiriu a certeza de que nunca

será amada por si, mas pelos cabedais que possui, atribui o seu amor à cobiça”.

D. Antônia pediu a Mendonça que ele fizesse Margarida feliz e ele achou que depois da cena do quarto isto seria impossível. Porém depois de dois dias doente, Margarida enviou um convite para que Mendonça fosse vê-la, e nesta visita lhe disse: “depois do que se deu há três dias, compreende o senhor que eu não posso ficar debaixo da ação da maledicência... Diz que me ama, pois bem, o nosso casamento é inevitável”. Ele concordou, pois não podia se recusar a uma reparação.

D. Antônia supôs que fosse milagre do rapaz, depois reparou que os dois tinham mais cara de enterro do que de casamento. Depois do casamento, Mendonça disse-lhe: “Casei-me para salvar-lhe a reputação; não quero obrigar pela fatalidade das cousas um coração que me não pertence. Ter-me-á por seu amigo; até amanhã”.

Por fim, o tempo convenceu Margarida de que a sua suspeita era gratuita, se deixou levar pelos sentimentos, aceitou tornar efetivo o casamento que havia apenas sido celebrado, e passou a viver com Mendonça uma relação verdadeira de marido e mulher que se amavam: “Os dous esposos são ainda noivos e prometem sê-lo até a morte”.

Em *Miss Dollar* (1870), o protagonista, Mendonça conhece a “mocinha” (Margarida), alvo de sua paixão, ao devolver sua cachorra sumida: Miss Dollar. Logo no primeiro encontro, o protagonista se vê tomado de paixão pela “mocinha” que possuía olhos verdes, os quais ele disse temer e nunca ter visto antes. Aparece como um encontro que desperta interesse e medo, como algo da ordem do inesperado que desperta emoções que só estavam à espera de um canal pelo qual pudessem se expressar.

Este conto mostra claramente a prática amorosa do século XIX, onde os jovens têm restritas oportunidades de encontros, que na maioria das vezes podem ocorrer nas missas ou casas das famílias, sendo os ritos permitidos iniciados pelo olhar que se torna possível através das janelas, onde ocorrem rápidas declarações de amor ao som de serenatas, porém quando despertam uma paixão são acompanhados por modificações corporais como: tremores, suores frios, lágrimas, rubores nas faces e suspiros (DEL PRIORI, 2005).

Segundo Del Priori (2005), este período é marcado por casamentos arranjados que consideram muito mais o dote da noiva como um atrativo importante

do que suas virtudes e beleza. No entanto, o discurso amoroso que circula entre a elite inspira-se no contexto do romantismo francês, carregado de metáforas religiosas, em que a mulher amada é descrita como um ser celestial, angelical, enaltecendo o sofrimento redentor e a demonstração de pudor. O que fica claro no conto já no início, quando Mendonça conhece Margarida e já lhe atribui um olhar triste e modos contidos: “notava-lhe além da beleza, certa severidade triste no olhar e nos modos” (ASSIS, M. 1959, p.31). Machado de Assis justifica esta forma de enxergar o possível objeto de amor dizendo que Mendonça tem tendência às afeições românticas.

Em decorrência deste contexto, após a crise da Sociedade da Corte (séc. XVI e XVII), o amor entre um homem e uma mulher é representado como a possibilidade de felicidade, ganhando assim o Romantismo expressão literária. A crença de que o amor é algo imanente ao sujeito se fortalece com as produções literárias mesmo que a realidade vivida fosse diferente disto. Logo após conhecer Margarida, Mendonça tece fantasias e sonhos com relação à sua futura vida ao lado da amada, idealizando tanto a “mocinha”, objeto de seu amor, quanto as possibilidades de felicidade que poderia viver ao seu lado: “nas mãos de Margarida estava talvez a chave de seu futuro”; “uma casa num ermo, olhando para o mar do lado do ocidente, a fim de poder assistir ao espetáculo do pôr-do-sol. Margarida e ele, unidos pelo amor e pela Igreja, beberiam ali gota-a-gota, a taça inteira da celeste felicidade”. Demonstração clara do quanto o Romantismo confirma o caráter individualista da época, considerando este ideal de relação, entre um homem e uma mulher, a única possibilidade de levar os seres humanos a uma verdadeira felicidade.

A partir daí o ideal romântico amoroso se estabelece por regras definidas

que representam uma configuração social de uma época marcada pela necessidade da individualização, em que amor torna-se sinônimo de afeto entre um homem e uma mulher, que pretende ser correspondido excluindo a presença de terceiros. Para tanto, criam-se estratégias de difícil realização na conquista do amor, caracterizando o romance como uma história que sempre gira em torno de dificuldades experimentadas na busca deste amor ideal.

Percebe-se neste conto, o quanto, as dificuldades de realização do amor alimentam este sentimento, principalmente por parte do homem que deve ser aquele que derrubará os obstáculos que surgirem no caminho da conquista de sua amada, sendo esta que deverá, por sua vez, dificultar esta empreitada. Mendonça declara seu amor a Margarida, revelando o sofrimento associado a este sentimento:

“... por maior que seja essa indiferença está longe de ombrear com o amor profundo e imperioso que se apossou de meu coração, quando eu mais longe me cuidava destas paixões dos primeiros anos. Não lhe contarei as insônias e as lágrimas, as esperanças e os desencantos, páginas tristes deste livro que o destino põe nas mãos do homem para que duas almas o leiam” (ASSIS, M. 1870, p. 37).

Margarida, no entanto, foge das investidas de Mendonça: “Perdôo-lhe tudo; não lhe perdoarei se me escrever outra vez” (Idem, p.38) e este insiste na conquista, através de visitas e das cartas. Sendo recusado resolve se afastar de Margarida, porém a distância não diminuiu seus sentimentos: “em um mês não tinha perdido uma partícula sequer do sentimento que nutria pela viúva. Amava-a com o mesmíssimo ardor. A ausência, como ele pensara, aumentou-lhe o amor, como o vento ateia um incêndio” (Idem, p.39). Ele conclui que fez o quanto pôde para esquecer Margarida, mas era impossível, atribuía suas recusas a um mistério que decidiu decifrar. O que soube sobre isso foi que Margarida era viúva há três anos e que já recusara vários casamentos, mesmo não sendo indiferente aos possíveis

noivos.

Esta necessidade de vivenciar um amor repleto de dificuldades a serem vencidas bem como o sofrimento associado a este sentimento confirma, desta forma, o quanto o ideal do Romantismo foi influenciado pelas idéias tanto dos gregos pagãos quanto dos cristãos. Já que ambos ideais consideravam que o amor exigia uma espécie de ascese para se alcançar um supremo bem, que transcendia a vida mundana, portanto o objeto amado podia representar a posse desse bem. Nessa crença amorosa, o amor está associado ao sofrimento vivido pela falta desse outro, que levaria a vivência de um amor extático, transcendente, estabelecendo uma dinâmica masoquista que condicionaria o gozo amoroso. Estes valores encontram sua origem na “erótica cortês”, como constata Denis de Rougemont: “o desejo nasce de sua impossibilidade”; “as provas, os obstáculos, as interdições, são as condições da paixão”; a “paixão é indissociável da transcendência da lei moral e social” (apud COSTA, 1998, p.134).

Costa (1998) diz que os atributos de um desejo insatisfeito e de um tipo de sofrimento, ligados à idéia cristã do amor, representam as condições e os atributos necessários para que o sentimento possa ter o status de amor verdadeiro e, desta forma, ter um valor social e moral. A idéia de sacrifício ligada ao amor passa a ser valorizado à partir disto.

Enquanto Mendonça sofria por acreditar que Margarida era impedida de amar por algum motivo oculto, isso só aumentava sua admiração por ela. Margarida também sofria pela sua paixão por ele, mas não se permitia se declarar. Sofrimento descrito como: palidez, magreza, abatimento, mal-estar e melancolia.

D. Antônia, tia de Margarida leu seu diário e descobriu que ela amava Mendonça. Pensando em sua felicidade resolveu contar a Mendonça toda a

verdade. Mandou um bilhete a Mendonça contando que se afastariam da cidade, mas que antes gostaria de conversar com ele. Como ele sofria com seu amor não-correspondido, ficou ansioso e com insônia. Não se conteve e foi espiar Margarida de madrugada no jardim da casa dela, ela percebeu pelos latidos de Miss Dollar e, quando o viu, o recriminou e chorou.

Mendonça acreditando ter ofendido a honra de sua amada escutou a história do diário e ficou incrédulo. A tia contou que a esquiva de Margarida podia ser explicada pelo que ela escreveu em seu diário, revelando então que Margarida “foi infeliz no casamento; o marido teve unicamente em vista gozar da riqueza dela; Margarida adquiriu a certeza de que nunca será amada por si, mas pelos cabedais que possui, atribui o seu amor à cobiça” (Idem, p.42).

Mesmo sabendo da verdade, ele acreditou que, depois da noite passada, Margarida não fosse querer nada com ele, mas depois ela lhe enviou uma mensagem dizendo que ele teria que reparar sua atitude casando-se com ela. Mendonça concordou com o casamento, deixando claro que não fugiria à responsabilidade, mas que continuaria sendo apenas seu amigo. Só após um tempo Margarida passou a confiar no amor de Mendonça e aí passaram a viver como marido e mulher.

Estão presentes neste conto os valores morais burgueses do romantismo, os quais excluem totalmente a sexualidade da fase da conquista, já que é proibido um contato mais próximo entre os apaixonados. Sendo estes valores muito mais restritivos no que se refere às atitudes das mulheres. Fica claro, como o casamento ganha importância como o espaço legítimo da vivência amorosa, demonstrando a valorização da família nuclear como o lugar específico da afetividade, espaço privado e circunscrito.

Interessante notar, no final do conto, a solução encontrada por Machado de Assis para este desencontro amoroso, a de que são justamente os valores morais que justificaram o casamento, para que só depois pudessem viver realmente o amor. O autor parece querer deixar claro que os valores morais dirigiam as vidas das pessoas até no que tangia a vida amorosa, e também como existiam regras sociais explícitas em relação aos encontros amorosos. Parece que há aqui um trabalho racional sobre as paixões, onde há a necessidade do tempo da reflexão para que não se deixe levar pelo arrebatamento da paixão. Margarida precisou de tempo para viver o sentimento amoroso, já que teve decepções passadas, isto demonstra um exercício da racionalidade que faz um ajuste entre o jogo da razão e da paixão.

Entre os séculos XVI e XVII, configura-se um circuito de produção da subjetividade amorosa, na medida em que a metafísica do objeto amoroso é relegada ao segundo plano. O desejo passou a ser associado ao amor de si, ou seja, o desejo como uma forma de gratificar as necessidades afetivas do indivíduo, tornando de certa forma o objeto de amor, um acessório utilizado na realização da satisfação do indivíduo, o sujeito amoroso. Nesta visão, o amor se torna sinônimo de sensações prazerosas que o outro pode proporcionar, tornando os objetos passíveis de substituição na medida em que não oferecem o prazer esperado. Cria-se, então, uma interiorização subjetiva do amor, já que reduz o sujeito amoroso a uma capacidade “natural” de sentir prazer ou desprazer. Desta forma, a felicidade amorosa se liga à possibilidade constante de renovação do prazer.

A busca da felicidade justifica as várias tentativas de encontrar o objeto que melhor possa satisfazer o desejo. Satisfação que nem sempre pode ser alcançada, implicando numa busca constante que pode levar a uma substituição

permanente de um objeto por outro, que, por ventura, possa ser mais satisfatório naquele momento. Neste contexto, o amor não é mais paixão da carne, presença do pecado, mas sim subproduto do desejo, portanto proveniente do egoísmo “natural” do ser humano, sendo assim portador de sua maldade (COSTA, 1998).

Pode-se observar esta nova configuração da vivência amorosa no conto “Noite de Almirante” (1884) de Machado de Assis. Conto este considerado um dos melhores de sua fase realista, pela crítica literária. Neste conto revela-se um humorismo mais pessimista, com pinceladas de um niilismo presentes no autor. Eis o conto:

Deolindo Venta-Grande saiu do Arsenal da Marinha, voltando de uma longa viagem de instrução. “Era a fina flor dos marujos e, demais, levava um grande ar de felicidade nos olhos”.

Ao sair, seus companheiros, disseram-lhe:

“- Ah! Venta-Grande! Que noite de Almirante vai você passar! Ceia, viola e os braços de Genoveva, colozinho de Genoveva...” Ele acreditava que teria uma dessas grandes noites de almirante em terra.

Começara a paixão três meses antes de sair a corveta. Genoveva tinha vinte anos, era esperta, tinha olhos negros e atrevidos. Encontraram-se em casa de terceiro e ficaram apaixonados um pelo outro, a tal ponto, que estiveram prestes a tomar uma decisão precipitada, ele deixaria o serviço e ela o acompanharia para a vila mais recôndita do interior. Foram dissuadidos disso, ele então, viajaria de 8 a 10 meses. Fizem um juramento de fidelidade, jurando por Deus, ela chorou muito e “ele mordida o beijo” para dissimular a emoção. Ela ficou achando que ia lhe “dar uma cousa” de tanta tristeza, não lhe deu nada e o tempo foi passando.

Ele se dirige, passados 10 meses, a rua Bragança, para a casa de Genoveva. Pensa no que vai falar: “jurei e cumpri”. Lembra das mulheres que viu na viagem, italianas, marselhas ou turcas, não teve caso com nenhuma, só pensava em Genoveva.

Comprou-lhe um par de brincos em Trieste, à custa de muita economia, levava-lhe algumas bugigangas. Pensava no que ela lhe daria, talvez um lenço com o nome dele.

A casa estava fechada, Inácia o atendeu e logo foi dizendo: “não me fale dessa maluca. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse. Estava agora com o lindo amor. Genoveva andava com a cabeça virada...”.

“Está com um mascate, José Diogo. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro. Ela então anda maluca...” Inácia conta que brigou com ela por causa disso, que não queria sua casa difamada, depois ela se mudou, brigada, disse que Genoveva está morando na Praia Formosa. Deolindo foi para lá, sem pensar em nada, as idéias marinhavam-lhe no cérebro.

Genoveva estava sentada à janela e espantou-se com sua chegada. Recebeu-o com francas maneiras, por um momento ele teve esperanças, depois, tratou-o sem nenhuma intimidade, aí ele perdeu a última esperança. Não pensou, então, em outra coisa senão estrangulá-la.

Ele foi logo dizendo que sabia de tudo, que ela gostava de outro e ela disse que disseram a verdade, que curtira as saudades dele, recusara as propostas do mascate, “até que um dia, sem saber como amanhecera

gostando dele". E disse mais: "Pensei muito e muito em você... chorei muito... mas o coração mudou... Mudou..."

Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. Deolindo lembrou-lhe do juramento de fidelidade e falou que juramento serve para não gostar de outro. Ele perguntou-lhe quando voltaria José Diogo, pois queria matá-lo.

Ela o acusou de não lembrar dela por onde passou, aí ele lhe mostrou o pacote de presentes que lhe trazia. Genoveva pegou os brincos, contente, deslumbrada, mirou-se por um lado e outro, perto e longe dos olhos, e afinal, enfiou-os nas orelhas. Disse que achou bonito e perguntou onde tinha comprado.

Ele começou a crer que assim como a perdeu, estando ausente, assim o outro, ausente, podia também perdê-la, provavelmente, ela não lhe jurara nada. Genoveva pediu-lhe que contasse histórias das terras por onde andou. Deolindo recusou a princípio, mas o demônio da esperança aticava o coração do pobre diabo", e ele voltou a sentar-se para dizer umas anedotas de bordo.

A esperança começava a desampará-lo e ele levantou-se definitivamente para sair. Genoveva não quis deixá-lo ir antes que a amiga visse os brincos. Genoveva acabou acompanhando-o até a porta para lhe agradecer o mimo.

Deolindo saiu cabisbaixo e lento, não era mais o rapaz impetuoso da tarde, mas estava com um ar velho e triste. Genoveva entrou logo depois, alegre e barulhenta. Contou à outra a anedota de seus amores marítimos, gabou-se o gênio de Deolindo e os seus bonitos modos. Ela contou que ele disse que ia se matar e comentou que os brincos eram muito engraçados, convidando, então, a amiga a coser.

Deolindo não se matou, seus companheiros cumprimentaram-no pela noite de almirante e pediram notícias de Genoveva. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir.

Esta nova configuração amorosa como já foi dito, estabelece uma nova forma de relação do sujeito amoroso com seu objeto de amor e isto fica claro no conto "A Noite de Almirante". Deolindo, quando volta de sua viagem de instrução da Marinha, 10 meses depois, encontra sua noiva que lhe havia prometido esperar e ser fiel, apaixonada por outro. E o que chama mais a atenção neste caso, é a falta de constrangimento que ela demonstra ao confirmar seu amor pelo outro, revelando o quanto os valores morais já estão transformados, já que um juramento não representa muita coisa e o sentimento já não se sustenta com a distância e a dificuldade, mostrando uma nova configuração amorosa, onde o amor está mais ligado ao prazer e à satisfação de cada um.

O conto se apresenta da seguinte forma: ele (Deolindo) foi logo dizendo que sabia de tudo, que ela gostava de outro e ela disse que disseram a verdade,

que curtira as saudades dele, recusara as propostas do mascate, “até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele”. E disse mais: “Pensei muito e muito em você... chorei muito... mas o coração mudou... Mudou...” (ASSIS, M., 1884, p. 440).

Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. Deolindo lembrou-lhe do juramento de fidelidade e falou que juramento serve para não gostar de outro. Ele perguntou-lhe quando voltaria José Diogo, pois queria matá-lo.

Interessante notar que, neste conto, Machado de Assis relata o amor de uma forma realista, cínica e irônica. Além da desilusão do apaixonado pela volubilidade de sua amada, o autor ressalta o egoísmo e interesse da moça quando ela se gaba do presente que ele lhe trouxe da viagem, e em momento nenhum demonstra qualquer consideração pelos sentimentos do antigo noivo. Deixa claro, neste conto, que o amor se constitui numa relação em que existe uma supremacia dos interesses individuais, em que nenhum sacrifício é valorizado em nome do sentimento amoroso, característico de uma cultura narcísica, onde o outro pode ser descartado, na medida em que não atende aos anseios de satisfação do indivíduo. O conto demonstra que o ideário romântico de outrora se substitui por um realismo, onde o objeto de amor já não é idolatrado e passa para segundo plano, em detrimento dos interesses do sujeito.

No conto se dá desta forma: “Genoveva acusou Deolindo de não lembrar dela por onde passou, aí ele lhe mostrou o pacote de presentes que lhe trazia. Genoveva pegou os brincos, contente, deslumbrada, mirou-se por um lado e outro, perto e longe dos olhos, e afinal, enfiou-os nas orelhas. Disse que achou bonito e perguntou onde tinha comprado” (ASSIS, M. 1884) .

Depois de dar o presente a Genoveva e de ter esperanças vãs em recuperar seu amor, o conto termina com um Deolindo triste, com ciúmes e ódio, que quis matar seu rival ou até a si próprio, e por orgulho não conseguiu contar sua decepção para os amigos, deixou que eles pensassem que passou uma maravilhosa noite de almirante no colo de Genoveva. Com isto, o autor parece querer afirmar que mesmo em uma história de amor mais realista, o sofrimento está presente, principalmente do lado daquele que ainda não encontrou um novo objeto para amar.

Percebe-se nos dois contos citados acima, discursos sobre a vivência amorosa, característicos de uma época específica, confirmando que os sentidos atribuídos ao amor são construídos a partir de crenças e valores provenientes de um contexto sócio-histórico. Fica claro que estes valores servem como um referencial das práticas sociais que se refletem até nas obras literárias, de forma a deixar a literatura também prisioneira de saberes homogêneos totalizadores.

No conto Miss Dollar, pode-se perceber um discurso sobre o amor permeado pelos sentidos característicos do Romantismo, da sociedade burguesa, de acordo com os valores vigentes. Já no conto “Noite de Almirante”, percebe-se, através de sua ironia, uma tentativa de questionar os valores burgueses e também as idealizações presentes no amor romântico, revelando o quanto o amor pode ser vivido de forma inconstante. Indicando tanto uma tendência à vivência amorosa que traz em si todas as dificuldades de uma cultura narcísica, quanto uma tendência a se preservar um pouco que seja do romantismo, também como forma de preservar valores associados ao casamento e à família nuclear.

Rousseau (apud COSTA, 1998) pensa o amor moderno ocidental como um sentimento fundado pelo egoísmo do amor de si, que é derivado do desamparo

infantil e dos movimentos instintivos da criança. Propõe como pedagogia sentimental educar as crianças no sentido de sensibilizá-las com relação ao sentimento e sofrimento do outro e moderar as paixões sexuais domesticando a força da natureza do sexo, só assim acredita tornar possível a vida em sociedade. Com isso ele recomenda uma canalização da sexualidade para a conjunção entre sexo, amor e casamento, na unidade da família conjugal. Tornando o casamento e a família o lugar privilegiado da vivência amorosa, estabelece uma concórdia entre necessidades individuais e sociais.

Phillipe Ariès (1985) também relata os valores e costumes que regiam as “boas” relações conjugais no início da inclusão do sentimento afetivo dentro da sociedade burguesa, que pregavam que os maridos deviam amar as suas mulheres como seu próprio corpo, já que defendiam a idéia de que aquele que ama sua mulher ama a si mesmo apesar de sua diferença, e por causa da sua complementaridade. O marido e a mulher eram considerados um só corpo, fórmula que não designa apenas a penetração dos sexos, mas também a confiança mútua, o apego recíproco, uma identificação de um com outro.

Um aforismo de Nietzsche revela de que forma a polarização paixão/casamento pode ser harmonizada:

O casamento foi inventado para os seres humanos medianos, que não são aptos nem para o grande amor nem para a grande amizade, portanto para a maioria. Mas também para aqueles, raríssimos, que são aptos tanto para o grande amor quanto para a grande Amizade. (NIETZSCHE apud WISNIK,1987).

Segundo Ariès (1985) a obrigação de casar-se era, antes de tudo, para os estóicos, a consequência direta do princípio de que o casamento foi desejado pela natureza e que o ser humano é levado a ele por um impulso que é racional e natural e que é o mesmo em todos. Mas ela também está implicada no

conjunto de tarefas e deveres os quais os seres humanos devem obrigatoriamente cumprir, a partir do momento em que ele se reconhece como membro de uma comunidade e parte do gênero humano.

Atualmente, as expectativas amorosas vêm carregadas com estes valores, restringem-se a este modelo as vivências amorosas e isto se confirma em uma fala da Revista Cláudia de julho de 2005: “Ainda fomos criadas para encontrar um companheiro que divida conosco um projeto de vida, com os filhos, a formação de uma família e o patrimônio. Muitas desperdiçam oportunidades por permanecerem ligadas a esse modelo único”. Este modelo traz em si a idealização de completude, de fusão e de unidade que vigora também nas relações atuais.

Musonius (apud FOUCAULT 1994), coloca que o bom casamento repousava na homonoia, que além da semelhança no pensamento, tratava-se de uma identidade na maneira de ser racional, na atitude moral e na virtude; como peças ajustadas uma à outra simetricamente; idéia de uma fusão integral, segundo uma noção de unidade indissociável - em que só os casamentos por amor onde os esposos são ligados pelo amor, podiam realizá-la.

O romantismo literário sempre foi duramente criticado em defesa de um amor prudente e moderado, voltado para as relações sociais e de perpetuação da espécie. O romantismo prega uma completude física e espiritual no amor como realização última do humano em busca de uma felicidade eterna, negando os paradoxos inerentes às relações. Porém não se pode negar que o romantismo também vem denunciar a autonomia do amor diante do prazer sexual, da necessidade de reprodução da espécie e da manutenção de contratos sociais.

Os paradoxos se apresentam na medida em que se estabelecem, nas relações, exigências provenientes de idéias românticas inconciliáveis já que

pressupõem um ideal de perfeição que sempre se denuncia através da impossibilidade desse mesmo ideal. O amor vivido enquanto interioridade, em que o individualismo está implícito na metafísica do sujeito amoroso, faz com que o sujeito possa amar realmente sem deixar de ser o “sujeito do amor”, senão ele sempre desejará o amor impossível de se concretizar, impedido que está por sua própria subjetivação.

... aprendemos a valorizar o amor como um bem desejável e ao mesmo tempo, a não duvidar de sua universalidade e de sua naturalidade. Só que a idéia de naturalidade e universalidade da experiência amorosa nada tem de evidente por si mesma, no entanto reconhecemos em experiências emocionais passadas semelhanças ou identidades com experiências amorosas presentes. Desta forma, por acreditarmos que os amores históricos ou lendários são aquilo que devemos sentir, acabamos por ver o amor como algo grandioso, mágico, que atravessa o tempo e o espaço com a força de um bem extra-humano, extramundo, altamente idealizável. (COSTA, 1998, p13).

Não amamos porque a natureza assim o exige. Não há nada natural no amor. Através das experiências, do pensamento, das práticas que construímos, das crenças e dos valores sobre o amor, forjamos nossas formas de amar.

A relação do amor romântico como ideal de felicidade é uma outra questão importante da atualidade e uma das marcas registradas da cultura ocidental. A felicidade amorosa passa a ser um bem de consumo ao qual todos sentem o direito de ter acesso. “Ideal este que insiste em ser o mesmo num mundo que se tornou outro, que faz explodir contradições latentes em sua história cultural” (COSTA, 1998, p. 18).

P.R., 32 anos, advogada, na Revista Cláudia de novembro de 2005, declara que: “procura um pretendente para protagonizar com ela um casamento do gênero “comercial de margarina”. Os comerciais de margarina geralmente, revelam uma imagem de família “perfeita”, onde todos os integrantes são bonitos, saudáveis e se relacionam de maneira harmoniosa. Demonstra a realização de um modelo-

padrão de família burguesa. Deixa claro a expectativa altamente idealizada em relação ao amor que é cultuada e divulgada pelos meios de comunicação, mostrando que a imagem de felicidade também se tornou uma mercadoria vendável no mundo em que vivemos.

O amor romântico tem uma história que se justifica como norma de conduta emocional na Europa, já que responde a anseios de autonomia e felicidade pessoais. Associado com a vida privada burguesa o amor se transforma em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos. No entanto, o valor do amor cresceu tanto que o romantismo se torna mais um valor a ser adquirido como garantia de sucesso e felicidade.

Costa (1998) ressalta que, quando não realizamos o ideal imaginário do amor, entramos num processo de culpabilização tanto de nós mesmos, quanto dos outros e do mundo, sem nunca contestar as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar.

Os excluídos do amor romântico não se constituíram ainda como “minorias identitárias”, mas aprenderam a se considerar “infelizes”, “azarados”, “irrealizados”, “neuróticos”, “ansiosos”, “narcísicos”, “frustrados”, “medrosos” e outros estigmas auto-aplicados. Aprendemos a crer que amar romanticamente é uma tarefa simples e ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais. O sentimento de insucesso amoroso é acompanhado de culpa, baixa auto-estima e não de revolta contra o valor imposto, como na situação do preconceito. Sem uma crítica da idealização do amor-paixão romântico, temos poucas chances de propor uma vida sexual, sentimental ou amorosa mais livre (COSTA,1998, p.19).

Vive-se a busca do amor como algo que confirme a identidade, através da vivência amorosa pode-se dizer quem se é, constitui-se o auto-conceito através dessa vivência. Aqueles que não cumprem um ideal amoroso são considerados fracassados e isto aparece freqüentemente nos discursos atuais.

Na revista *Cláudia* de novembro de 2005, numa matéria intitulada: “A mulher de 30 e o amor: o que está acontecendo com nossas Bridget Jones?”, escrita por Patrícia Zaidan, se evidencia esta questão. A matéria define as mulheres de 30 anos como: “Ela é competente, livre, sai para dançar, para se divertir...mas chora porque fica sozinha mais tempo que gostaria”. E continua dizendo que: “No Brasil, quatro em cada dez mulheres estão sozinhas”. Segundo Beatriz Kuhn, da Sociedade Brasileira de Psicanálise, a principal queixa das mulheres é que seus amores nunca dão certo: “Ela fica sozinha por mais tempo que gostaria, e isso provoca muita aflição”. E continua: “Aos 30, se vê como uma baleia encalhada, um Titanic. Olha para as amigas casadas acreditando que só ela sobrou sem marido”. No entanto, o que se percebe nesta matéria é que nem a matéria e nem as mulheres questionam os valores ligados à felicidade amorosa, parecem acreditar que as conquistas sociais das mulheres é que contribuem para este desencontro e fracasso no campo amoroso.

Ao mesmo tempo em que a realização através da experiência amorosa passou a ser um imperativo, percebe-se uma banalização desta vivência, na medida em que se desenvolveram categorias e classificações de tal vivência. Percebe-se, até, certa patologização daqueles que não conseguem alcançar o ideal imposto; abrindo, desta forma, um vasto campo de intervenções psicológicas e psicologizantes no que se refere às relações amorosas. Diante do medo de ser considerado um “fracassado amoroso”, homens e mulheres desenvolvem um nível de exigência que acarreta além da classificação das pessoas, expectativas irreais:

R., jornalista fala em relação aos homens: “Eles nos colocam em gavetas: mulher para expor em festa; para ligar de madrugada; mulher para casar”. E ainda assinala os quesitos para um bom candidato: “se você tem faculdade, ele tem que ter pós-graduação. Se você fala duas línguas, ele deve falar três”.
Já D., dentista revela como deve ser um pretendente: “Tem que ser

o príncipe moderno. Culto, decidido e nada fútil. Ah! É providencial que seja fiel. Com esse tipo vejo até futebol na TV.” (Revista Cláudia Nov. 2005)

Partiremos, então, neste trabalho, do conceito de que o amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, trocada, melhorada ou piorada. O amor foi inventado como a roda e tudo mais que o homem criou. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos é fixo ou dado previamente pela natureza. Portanto tudo pode ser recriado, transformado. Jurandir Freire Costa (1998) propõe que seja necessário, então, mostrar que as convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas. Com isso presume-se que existam diversos tipos de amor que forjam diferentes materialidades, valores e condutas presentes em diferentes tempos e espaços.

Aqueles que descrevem a experiência do amor entre homem e mulher concordam em dar-lhe duas definições diferentes. De acordo com a primeira, o laço conjugal se funda sobre a experiência de uma semelhança. “Aquilo que é amado no outro é uma imagem de duas dimensões, onde me reconheço como num espelho. Encanto da reciprocidade: eu te compreendo; nós nos abraçamos; isto é, cada um pode contornar o outro” (JULIEN, 1997, p. 39).

Segundo Julien (1997), tradicionalmente, este amor fundado sobre o reconhecimento mútuo é considerado como sendo o mais durável. É enaltecido como assegurando a permanência da felicidade no casamento. A busca por uma relação de reciprocidade geralmente envolve expectativas relacionadas ao casamento, que norteiam as expectativas frente à vivência amorosa.

Porém, o que talvez possa manter a reciprocidade neste amor da semelhança é: “O amor se mantém pela comunicação entre semelhantes, isto é pela troca de opiniões comuns” (JULIEN, 1997, p. 40).

Esta conversação pode durar muito tempo, toda uma vida. Mas isto também pode desmanchar-se subitamente, como um castelo de cartas. Nada de garantias. Surpresa: o outro, que eu acreditava conhecer, faz explodir o espelho de duas dimensões: “para além da tua imagem, uma alteridade surge na diferença homem-mulher” (JULIEN,1997, p.40). Que fazer quando esta terceira dimensão do outro ou de mim mesmo se revela, em que se apoiar, para avançar na direção um do outro, no desconhecido, em vez de fugir pela ruptura e a separação? Nesse ponto crítico, do não reconhecimento de si no outro, geralmente, o que acontece é o rompimento, talvez esse seja o ponto de abertura de uma nova relação, de descobertas, de outras faces do amor, no entanto, o que se percebe é que, aí o amor não se sustenta. Será esse o amor contemporâneo?

Um outro tipo de amor: não é o amor da semelhança, mas o amor – paixão, o amor “extático”, que, segundo Julien, nos coloca fora de nós mesmos, na convicção absoluta de uma unicidade com o outro, em seu corpo e sua alma.

O próprio deste amor é viver o instante, um instante eterno que repousa sobre o pressuposto de que: “o gozo que experimento do corpo do outro sexo é idêntico àquele que o outro experimenta do meu corpo. De dois, não fazemos senão um, num mesmo gozo: tal seria o milagre da sexualidade. Ora, não é nada disso. Com exceção de breves instantes, a dualidade permanece, irredutível, insuplantável” (JULIEN,1997, p.41).

Este amor extático, a paixão desenfreada, geralmente é temida e almejada, e muito relatada por filmes e nas conversas do cotidiano. Em falas recolhidas no diário de bordo, a cartógrafa detectou muita intensidade e dor neste tipo de configuração amorosa. Parece que este é um tipo de amor que tanto pode levar a uma ilusão de unicidade com o outro, quanto também à sensação de se

perder no outro. Pode levar ao terror vivido, diante do descontrole das emoções e isto se apresentou em frases do tipo: “nunca mais quero sentir algo tão forte, quero um amor sereno, em que não perca o controle de mim mesmo”. Bem como, a partir desta concepção, surge também a possibilidade de viver várias e intensas experiências amorosas na tentativa de realizar esta expectativa: “uma relação pode durar uma noite, uma semana ou um mês contanto que seja intensa e especial, o que importa é o momento, que ele possa ser vivido” (Relatos do Diário de Bordo).

Talvez esta crença no amor que apaga a diferença, seja o que leva às diversas experiências amorosas, vividas consecutivamente, na tentativa de se viver esta experiência de completude. Parece difícil viver, uma relação duradoura construída dia-a-dia, quando se tem uma expectativa de emoções tão fortes e intensas. Essa busca de uma relação tão ideal pode impossibilitar uma relação real com o outro.

Com a valorização do sentimento amoroso, o casamento passou a ser um espaço onde o amor pode acontecer, deixando de ser uma obrigação social. O amor ganhou, então, importância em detrimento da instituição matrimonial, no entanto, isto tem seu percurso histórico para assim se constituir.

Segundo Julien (1997), a conjugalidade não se funda no casamento legal, mas em um outro casamento fundado sobre o consentimento. É este consentimento que nos permite ir além das referências que são os traços comuns de identificação: traços de ordem cultural, religiosos, profissionais, políticos. É este consentimento que nos faz deixar nossas raízes para ir ao encontro da alteridade!

O casamento deixa gradativamente de ser uma instituição para se converter numa formalidade. Com os conhecimentos adquiridos através da formação educacional, os jovens conquistaram uma grande independência dentro

da família; já não precisam casar para escapar ao poder dos pais. Também não é necessário casar para manter relações regulares com um parceiro do outro sexo, já que essas relações só terão alguma conseqüência se os parceiros assim quiserem. Então, multiplicam-se os casais de jovens não casados, numa relação de “coabitação juvenil”, muitas vezes a coabitação resulta em casamento (ARIÈS,1985).

Isto aparece nas relações de namorados que moram juntos e que dividem suas responsabilidades como se morassem em uma república, dividem as tarefas da casa, não cobram satisfações do outro e sentem-se livres para sair da relação no momento em que quiserem. Acreditam que a obrigação é que acaba com o sentimento amoroso, demonstrando o quanto o casamento está associado ao fim do desejo e do investimento na relação. Coabitar, talvez, permita a vivência do namoro enquanto investimento na manutenção da relação. Resgatando no diário de bordo, uma mulher que vive há cinco anos com o namorado e que fala:

quando você namora, toda hora é hora para transar... depois que casa não tem mais vontade de se arrumar, de seduzir... é um saco, parece que tem que fazer por obrigação... mesmo morando junto é diferente, porque você sabe que na hora que não der mais... um pega a televisão, o outro o fogão e vai cada um para o seu lado.

Ariès (1985) ressalta que casar é se comprometer, é inscrever a vida num projeto; ora, a coabitação se contenta com um presente intenso e desconfia do futuro. Os coabitantes temem que o casamento estrague a relação. Receiam que o sentimento se transforme em hábito e rotina: seria envelhecer e aburguesar-se. Parece-lhes impossível amar por contrato, prometer afeto pode transformá-lo em dever. Eles querem ser amados pelo que são e não por obrigação. Por isso crêem que a falta de compromisso, a precariedade institucional de sua relação é a garantia mesma de sua qualidade.

Assim a instituição matrimonial passa a ser uma escolha e o amor passa a ocupar um lugar privilegiado na realização individual. A relação a dois é um assunto puramente privado que diz respeito apenas aos envolvidos, desta forma, o amor assume uma grande importância na vida dos indivíduos como uma das formas de buscar a felicidade.

O projeto da Modernidade levou à tentativa de se entender como as relações amorosas podem se constituir de uma forma racional e com procedimentos que dêem um mínimo de autonomia aos envolvidos. Entretanto, fica claro que o discurso amoroso moderno e ocidental se constituiu a partir dos valores que regiam a sociedade nos diferentes momentos históricos, ou seja, os valores pagãos e cristãos, que foram constituindo o amor cortês e o amor romântico, para atualmente se deixar influenciar pelos valores individualistas que acarretaram uma cultura narcísica, que determina toda uma forma de se relacionar no contemporâneo. Por isso, é de suma importância desenvolver uma reflexão sobre a cultura narcísica e como esta nova configuração cria processos subjetivos que constituem práticas amorosas específicas.

III - CARTOGRAFIA: O NARCISISMO, UM CONSTITUINTE DO AMOR CONTEMPORÂNEO

Nova era esta minha, e ela me anuncia para já.
Tenho coragem? Por enquanto estou tendo: porque
venho do sofrido longe, venho do inferno de amor
mas agora estou livre de ti. Venho de longe - de uma
pesada ancestralidade. Eu que venho da dor de viver.
E não a quero mais. Quero a vibração do alegre.
Quero a isenção de Mozart. Mas quero também
a inseqüência. Liberdade? É o meu último refúgio,
Forcei-me à liberdade e agüento-a. Não como um dom
mas com heroísmo: sou heroicamente livre. E quero o fluxo.

Clarice Lispector

Para discutir o narcisismo como constituinte do amor contemporâneo, torna-se necessário, primeiramente, desenvolver o que é o narcisismo. Portanto, esta discussão terá início com o resgate da raiz etimológica da palavra narciso, para posteriormente, retomar o mito de narciso e suas conceituações.

Nárkissos, o Narciso, é uma palavra que tem sua origem provavelmente na Ilha de Creta. Nárke em grego significa “entorpecimento, torpor”, tornou-se a base etimológica da palavra “narcótico” e da família de palavras com o elemento *narc* (CHAHINE, 2000).

Narciso também se relaciona com a belíssima flor, deste mesmo nome, que tem um perfume soporífero, é venenosa e estéril. Segundo a citada autora, pode-se fazer uma associação da flor com o Narciso do mito, que é belo, não possui virtudes masculinas maduras e, portanto, tornou-se estéril, inútil e venenoso.

O mito de Narciso é retomado por Brandão (1996) em “Mitologia Grega”, onde o autor coloca que Narciso é filho do rio Cefiso, que em grego é Képhisos, “o que banha, o que inunda”, e da Ninfa Liríope, que vem do grego “leíron” (lírio) e

“óps” (voz), significando, então, “de voz macia como um lírio”. Casal que presentifica a simbologia das águas, pois os rios são seres primordiais, detentores de grande energia sexual, relacionando-se à fertilidade e as ninfas são divindades ligadas às águas, sendo Narciso aquele que se admira e mergulha nas águas, o resultado dessa união.

Eis o mito: Liríope, como as outras ninfas, se submeteu a insaciável energia sexual de Cefiso e acabou engravidando. Teve uma gravidez indesejada e difícil, com um parto jubiloso. Narciso era extremamente belo. Na cultura grega uma beleza fora do comum podia ser considerada uma afronta aos deuses, já que considerava a beleza um dom divino.

Liríope ficou preocupada com o destino de seu filho, pois tal beleza o tornaria desejado por deusas, ninfas e jovens de toda a Grécia. Desejo este, que poderia deixá-lo vulnerável, temia a morte do filho. Resolveu, então, consultar o velho cego, adivinho e profeta, Tirésias, e ao ser questionado sobre o destino de Narciso, Tirésias responde de forma lacônica: *si non se uiderit...* (se ele não se vir), eis aí o drama de Narciso: a visão.

Com o passar do tempo os temores de Liríope se concretizaram, jovens de toda a região se apaixonaram por Narciso, embora ele permanecesse sempre indiferente à qualquer uma delas, causando sofrimento a todas – eis aí seu veneno. Então, Némesis (a Justiça) condenou Narciso a amar um amor impossível, como punição por ele ter repellido friamente a ninfa Eco.

O destino de Narciso se consumou quando, em uma caçada, ao sentir sede aproximou-se da fonte de Tépsia. Ao se debruçar sobre o espelho das águas e se ver, apaixonou-se por sua imagem, não podendo distinguir o que é sombra e o que é real. Ao matar sua sede, outra sede maior o encontrou. Narciso ao se

encantar com sua própria imagem, não resistindo ao apelo irresistível de seu reflexo, deixou-se levar... Procuraram-lhe o corpo: encontraram somente, uma belíssima flor amarela, cujo centro era circundado de pétalas brancas. Era o narciso.

Este mito parece revelar muito do funcionamento atual das forças amorosas, na medida em que estas, muitas vezes, apresentam uma grande dificuldade em se envolver, escolhendo se relacionar com vários parceiros, mas sempre de forma superficial. Esta questão está sempre muito presente nas queixas femininas, onde se pode considerar esta incapacidade de se entregar, como uma fuga narcísica. A cartógrafa em seu diário de bordo relata algumas dessas queixas:

As mulheres quando têm um “encontro” dizem que esperam que “no mínimo o cara ligue no dia seguinte”. Os homens ficam e dizem que se for muito bom eles fogem para não criar “historinha”, e que se as mulheres querem que eles liguem no dia seguinte é porque “querem casar”, e é aí que eles não ligam mesmo.

Demonstra-se através dessa fala o quanto esta “fuga” acaba gerando desencontros amorosos e que, atualmente, se relacionar é um risco. Para não sofrer por amor, prefere-se preservar um investimento em si mesmo, recusando a relação.

No entanto, Brandão (1996) assinala que várias são as interpretações do mito de narciso, até mesmo de Freud. Afirmar que alguns elementos são comuns: a vaidade, o egocentrismo e a insensibilidade; como também a escolha de um objeto de amor que viola os destinos do amor, que deve ser dirigido ao outro e não a um reflexo de si.

Freud apresenta o narcisismo como um conceito elaborado em 1914, atribui a utilização do termo a Paul Näcke que, em 1899, o descreve como a atitude

de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é tratado.

A teoria psicanalítica parte do pressuposto de que o narcisismo é um complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação, em que há uma catexia libidinal original do ego que, posteriormente, é dirigida em parte a objetos. Conceitos importantes no entendimento do desenvolvimento psíquico para a psicanálise, pois pressupõem que há uma distinção da libido que é adequada ao ego, em uma que está ligada a objetos. Esta divisão da libido é uma hipótese original que distingue as pulsões sexuais das pulsões do ego.

O conceito de narcisismo da psicanálise se faz entender melhor a partir do conceito de ideal de ego, que é o alvo do amor de si, que se acha possuído de toda perfeição de valor quando impõe condições às satisfações da libido por meio de objetos. Para Freud a busca da felicidade nada mais é do que buscar tornar-se seu próprio ideal, como foi vivido na infância. O homem sente-se incapaz de abandonar a satisfação que desfrutou na infância e a perfeição narcísica tende a ser preservada através do ego ideal. “O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914, p. 111).

Outras contribuições da psicanálise, psicologia e sociologia podem auxiliar no entendimento do narcisismo como constituinte do amor contemporâneo, com isso cabe considerar as colocações de Jurandir Freire Costa.

Segundo Costa (1988), o narcisismo é o modo de funcionamento egóico, pois o ego é necessário à ação e adaptação ao mundo, é o que garante que o sujeito possa ser representado como unidade. É ele que dá sentido às experiências vividas, às sensações, aos sentimentos e pensamentos. E o mais importante é que,

a síntese ego-narcísica é o primeiro anteparo imaginário que, na luta contra a angústia derivada do desamparo e da impotência decorrente do estado inicial da experiência humana, assume a forma de um Eu em face de um outro. É o que possibilita uma separação entre o sujeito de um outro sujeito, bem como o dentro do fora e o antes, do agora e do depois.

Esta impotência e desamparo característicos dos seres humanos são estruturais e confrontam o sujeito com uma tríplice vicissitude, que são: “a caducidade do corpo; a potência esmagadora da natureza; a ameaça proveniente das relações com os outros seres humanos” (COSTA, 1988, p.165). O ego aciona seus mecanismos de auto-defesa diante dessa tríplice vicissitude, desenvolvendo fenômenos que podem ser denominados como distúrbios narcísicos, incluindo aí, as personalidades narcísicas ou as representações do indivíduo na cultura narcísica, termo criado por Christopher Lasch.

A cultura narcísica é a cultura onde a experiência de impotência/desamparo gera tanta angústia e conflitos que dificulta muito a prática da solidariedade social. Lasch denomina o Eu que nela subsiste como “mínimo Eu” (LASCH, 1983).

Podemos, então, propor que esta cultura do narcisismo produz efeitos nos processos que constituem as subjetividades contemporâneas, na medida em que, neste clima de desorientação e ansiedade, os indivíduos tendem a perder o sentido de responsabilidade e pertinência sociais, que já são precários na sociedade burguesa.

Este estado de coisas levado ao extremo pode acarretar a exacerbação do medo e do pânico, a criação de uma cultura narcísica da violência, onde há um descrédito da justiça e da lei, em que representações do Ideal de eu já não se

sustentam, em que há restrições das possibilidades de investimentos em projetos futuros e o incentivo na busca de satisfações imediatas, que não impliquem em cooperação social, de forma a instituir o indivíduo como o valor central da moral contemporânea (COSTA, 1988). No plano social:

O individualismo é um sistema de sentimentos, costumes, idéias e instituições que organiza o indivíduo sobre essas atitudes de isolamento e defesa. Foi a ideologia e estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental desde o século XVIII. Um homem abstrato, sem laços nem comunidades naturais, deus soberano no centro de uma liberdade sem direção e sem medida voltando, antes para o outro, a desconfiança, o cálculo e a reivindicação; instituições reduzidas a assegurar a não interferência desses elementos, o seu melhor rendimento pela associação apenas do lucro. Esta é a civilização que está agonizando sob nossos olhos, e uma das mais pobres que a história tenha conhecido (MURARO, 1969, p. 39).

Lasch (1983) discute a cultura do narcisismo em seu livro “A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio”, onde assinala que, na medida em que o século XX se aproxima do fim, há um enfraquecimento do sentido do tempo histórico. As previsões catastróficas levam as pessoas a se ocuparem de estratégias de sobrevivência, demonstrando uma crescente desesperança em poderem modificar a sociedade. Com a intensificação desta desesperança, as pessoas convenceram-se que o importante é o autocrescimento psíquico: entrar em contato com seus sentimentos, comer alimentos saudáveis, aprender a relacionar-se, superar o medo do prazer, etc. Desta forma, o que mais importa é viver o presente e para si, não para os que virão à seguir, assim perde-se o sentido de continuidade histórica, de pertencermos a uma geração que se originou no passado e terá continuidade no futuro.

As terapias ganharam terreno, pois quando não se tem futuro, passa-se a investir em necessidades imediatas. O sentido e o amor são questões relevantes para os terapeutas, mas somente como forma de preencher as necessidades

emocionais do paciente. Segundo Lasch (1983), tornou-se missão das terapias pós-freudianas liberar a humanidade de idéias ultrapassadas de amor, já que defendem que saúde mental é destruição de inibições e imediata gratificação de qualquer impulso.

Cabe retomar algumas formulações da psicanálise, frente a esta questão para a presente discussão. A psicanálise teve sua origem na experiência com indivíduos moralmente rígidos e severamente reprimidos que precisavam entrar em acordo com um censor interior (superego) rigoroso e hoje se vê cada vez mais confrontada com pacientes que exprimem seus impulsos de forma caótica, com dificuldades em reprimi-los ou sublimá-los. Para o referido autor, a expressão de conflitos (“act out”), leva os indivíduos a uma tendência a cultivar a superficialidade como proteção nas relações emocionais, podendo tornar esses indivíduos mais promíscuos sexualmente do que reprimidos, dificultando a elaboração de impulsos sexuais, impedindo-os de abordar o sexo de forma mais lúdica. E complementa que o “narcisismo patológico” encontrado em desordens de caráter deve nos dizer algo sobre o narcisismo enquanto fenômeno social.

Os encontros amorosos na atualidade estão cada vez mais superficiais, parece que vivemos em uma época de miséria afetiva, em que as relações se estabelecem, proporcionando um vazio indefinível, o qual ninguém sabe ao certo o que representa, aumentando o mal-estar contemporâneo. Algumas destas queixas estão presentes nas revistas femininas que tratam da questão de relacionamentos. Na revista *Claudia*, de julho de 2005, se revela assim: uma mulher que costuma paquerar em barzinhos diz “nesses lugares não falta homem, porém boa parte é mais jovem e só sai com mulheres acima dos 30 anos para ganhar experiência, não quer nada sério”.

E continuam os depoimentos: H. S., relações públicas, solteira com 30 anos, diz:

... as mulheres se deram mal com essa história do ficar. Os homens devem pensar: se eu posso sair com uma hoje e outra amanhã, porque vou me comprometer? Já as mulheres tem aquele lado romântico e bobo de querer encontrar o cara certo para casar, ter filho e ser feliz o resto da vida”.

Percebe-se nestes relatos uma tendência a abordar esta questão como se fosse somente uma questão de gênero, na qual existe uma diferença clara de posicionamento entre homens e mulheres, no sentido de que mulheres querem relacionamentos “sérios” e homens só querem “ficar”. Talvez este seja um entendimento um tanto quanto simplista desta questão, já que a sociedade contemporânea não privilegia na sua própria organização e constituição relacionamentos diferentes do que foi abordado aqui. Tanto em homens quanto em mulheres percebe-se a supremacia dos interesses individuais em detrimento dos interesses do outro, no entanto, o que pode delinear estas colocações é que algumas mulheres ainda se vêem aprisionadas pelo discurso de que é a mulher que quer uma relação estável, casar e ter filhos.

Contudo, a cultura narcísica se apresenta no mundo contemporâneo, como o que constitui as relações amorosas, no sentido de que o indivíduo só quer o outro enquanto este confirmar seu narcisismo. Isto possibilita esta configuração de relação, que atualmente é denominada por “ficar”, ou seja, se relacionar com o outro intimamente por uma noite ou até mais, mas somente ao acaso do encontro, em que nenhum dos dois tenha nenhuma espécie de compromisso, a não ser tirar o maior prazer possível do encontro.

Alguns vivenciam o individualismo de forma radical, não encontrando formas de relativizar estas tendências. Na ordem social onde o indivíduo é soberano, absoluto, acreditam que a atitude fundamental é usar o outro como

objeto, o que mais interessa é o próprio desejo. Neste tipo de relação, o outro pode assumir um estatuto de coisa. O indivíduo ocupa-se primeiro consigo mesmo. Os outros são considerados como instrumentos do amor-próprio e atores secundários da peça em que só o eu pode ser o personagem principal... Esta configuração amorosa se apresenta em uma fala do diário de bordo: “enquanto meu marido não estava estabilizado financeiramente, eu estava o tempo todo do lado dele batalhando... depois que ele melhorou de situação, passou a se arrumar, freqüentar bons lugares, aí eu não servia mais, arrumou outra...”.

Este tipo de configuração amorosa acaba trazendo muito sofrimento, pois as pessoas sentem-se usadas ao fim das relações, afirmam que enquanto traziam algum tipo de benefício para seu parceiro ou parceira a relação se manteve, desta forma expressam todo o ressentimento sentido em tal vivência. A supremacia dos interesses individuais pode ser uma das maneiras que os indivíduos encontram atualmente para se defender diante de tudo que possa comprometer ou abalar sua integridade narcísica.

Joel Birman (1997) discute a questão do narcisismo contemporâneo através de uma análise do filme “Denise está chamando”, de Hal Salwen, em que os personagens vivem isolados, restritos ao espaço de seus apartamentos e a única forma de comunicação e relação é pelo telefone. Fica evidente neste filme a aridez afetiva vivida pelos personagens, que mostra muito do vazio vivido no contemporâneo.

Os personagens vivem confinados em casa, onde trabalham em seus computadores. Pelo excesso de trabalho não encontram tempo para os encontros sociais. Uma personagem tenta arrumar um namorado para sua amiga, que é amigo de seu ex-namorado. Ambos demonstram desejo de se encontrar, falam por telefone e o máximo que acontece é uma transa via telefone. A personagem que tenta o encontro para sua amiga, manifesta o desejo de voltar com o ex-namorado, este, no entanto não esboça reação diante desta possibilidade. Isto logo se torna impossível, ela morre de acidente de carro, no acidente ela falava ao telefone e na batida, o telefone

entra em seu cérebro, cortando suas conexões com a vida.

Os amigos são comunicados via telefone, de sua morte, todos manifestam a intenção de ir ao enterro, mas isto não se realiza, nem mesmo a morte consegue possibilitar o encontro. Combinam, então, se encontrar na festa do reveillon para homenagear a amiga morta. O ex-namorado se propõe a organizar a festa em sua casa. Mais uma vez a intenção não se transforma em ato, a festa não acontece, apesar dos convidados chegarem até a porta. O dono da casa não abre a porta mesmo com a insistência de Denise, que fica desapontada. Denise havia convidado o pai de proveta de seu filho para a festa, para que pudessem se conhecer, o filme termina com a vinda dele, finalmente um encontro.

Neste filme presentificam-se duas lógicas, que são duas invariantes que se esboçam atualmente para nossa escolha: uma lógica de existência vibrátil, pulsante, afetada pela força do desejo, que quer sempre se unir aos demais, pois não repele o mundo da sensorialidade; e a outra lógica maquínica, de desistência pulsional, em que não há investimento em encontros sociais reais, estes só ocorrem de forma virtual. Segundo Birman (1997) nesta invariante, há a mortificação da vida, sem calor nem expressão, considera desistência pulsional na medida em que não visa o encontro e união entre os corpos, as sensações são vividas somente à partir da relação cibernética.

Para Birman (1997), este esboço atual dos afetos traz uma interessante discussão, mas acena para efeitos trágicos, já que a questão fundamental do filme é a maquinização tecnológica da vida e o sujeito esvaziado nas suas relações. O autor afirma que o filme revela o quanto os laços sociais e inter-humanos perderam substância, que o tecido social se fragmentou em um conjunto de individualidades dispersas. Assinala, então que a individualidade preocupa-se com a identidade que está cada vez mais fundada na auto-imagem, passando a se ocupar de si como função fundamental de sua existência, não restando aí espaço para a relação com o outro.

O filme só confirma aquilo que as relações cotidianas têm demonstrado atualmente, ou seja, que questões como o afeto e o desejo deixam as pessoas

angustiadas, embora essa angústia impulse as pessoas a encontrar apenas poucas saídas criativas ou mesmo nenhuma saída. Só se investe no outro se isto gratificar o eu individual. O outro só interessa ao indivíduo se a diferença for abolida e se esse outro reafirmar a identidade do indivíduo, desta forma fica impossível se instituir o sujeito da diferença e, conseqüentemente, o sujeito do desejo. Neste contexto, o laço amoroso passa para um plano secundário, e por outro lado há a maximização do gozo, na medida em que o outro vale enquanto um corpo que pode ser consumido pelo indivíduo, sem considerações pelos sentimentos e desejos deste outro. Na cultura do narcisismo, a idéia de singularidade desaparece, diante da ânsia desenfreada de maximização da individualidade (BIRMAN, 1997).

Outra autora que se debruçou sobre esta questão do narcisismo na atualidade foi Badinter (1986), que afirma que o indivíduo anseia pela unidade perfeita como valorização da idéia de uma possível androginia que multiplica as exigências e os desejos. Surge, então, a questão: o homem moderno sente-se uma totalidade em si? Esta autora propõe que o desejo vigente é de que cada um seja completo e auto-suficiente sempre. O Outro só pode ser desejado se enriquecer o ser, e com certeza, será rejeitado se pedir sacrifícios.

Os valores cristãos que apregoam que a vivência do amor acarreta sacrifícios para que seja considerado um amor verdadeiro perdem força e substância no mundo contemporâneo, ninguém demonstra muito interesse em arcar com o ônus das relações, parece muito mais simples desistir de se relacionar do que se envolver e correr o risco de ter que enfrentar problemas com o outro e ter que abrir mão de seus próprios interesses. Buscam-se novas experiências amorosas, novas tentativas que não exijam sacrifícios. Com isso, as relações se estabelecem cada vez mais de forma frágil, onde qualquer obstáculo ou tormenta

pode decretar seu fim. Parece não haver mais tempo e nem interesse em investir energia no cuidado com o outro através de pequenas atitudes, que demandam no mínimo uma troca de foco, de si mesmo para o outro. Esta queixa é uma constante, relatos do tipo:

estava tudo às mil maravilhas, até que um dia eu precisei do apoio dele para um problema pessoal... ele me disse que naquele momento de sua vida tinha que investir todas as suas energias em seus projetos profissionais, não podia se envolver com as minhas coisas... o pior de tudo é perceber que ele nem podia me escutar... (relato de uma mulher que tinha uma relação de um ano, presente no diário de bordo)

Badinter (1986), coloca que a emergência de uma aspiração à totalidade sem precedentes históricos torna mais dolorosa do que nunca a consciência da falta. Se o outro é a causa da insatisfação, melhor deixá-lo. Vale mais a pena cultivar o eu, pois não se admite nos dias de hoje, que alguém abra mão de um aspecto de sua personalidade em nome de um amor. O imperativo que rege as relações atuais é: “Se não sabemos nos fazer amar pelo que somos, em compensação, estamos sempre prontos a nos amarmos com paixão” (BADINTER, 1986, p. 267).

Segundo esta autora, a vivência amorosa na atualidade está carregada de valores ligados ao amor a si, bem como o gozo de si e afirma que o sobreinvestimento de si implica numa nova configuração psíquica: o narcisismo. Em que os imperativos: “conheça-te a ti mesmo” e “ama-te” são as condições prévias para qualquer valorização do ego. Uma vez que inaptidões e inapetências são colocadas por conta de um ego infeliz, “bloqueado”, é um dever escutá-lo para poder liberá-lo, com isso a palavra de ordem passa a ser “goze” independente e apesar do outro.

O eu é objeto de culto e de cultura, porque se aposta tudo nele. Supõe-se que ele nos traga prazer, felicidade, glória e talvez mesmo a eternidade, com mais certeza do que ou quem quer que seja. Lipovetsky (1983) sublinha que o superego

se apresenta atualmente sob a forma de imperativos de celebridade, de sucessos que, quando não realizados, desencadeiam uma crítica implacável contra o ego.

Desta forma, percebe-se que o eu passa a ter valor moral já que o amor por si tornou-se uma ética, o outro não é mais que uma representação de si próprio. O outro não se relaciona enquanto pessoa ou sujeito de uma história particular, mas como um apêndice que só servirá aos propósitos de satisfação, ao se configurar naquilo que se necessita, confirmando a imagem que se quer ter de si. A finalidade da moral deslocou-se do Outro para Si. A suposta autenticidade do Eu vence a reciprocidade, o conhecimento de si vence o reconhecimento dado por outrem.

Neste sentido, parece ficar claro que o outro deve ser o reflexo do ideal que se quer para si, o outro tem mais que ser uma imagem do que um outro, se o parceiro não corresponde a imagem esperada, ele pode ser excluído da relação: “uma mulher de 33 anos relata o fim de uma relação de alguns meses, em que acreditava estar indo tudo muito bem, pois ele dizia que nunca tivera uma relação tão verdadeira... até que um dia ele diz que a ama, mas quer terminar porque ela é gorda” (Relato do Diário de Bordo). Este relato denuncia o quanto a imagem ganha importância no que tange as relações amorosas. Mesmo que seja utilizada como desculpa para o fim de uma relação, isto denuncia seu valor, já que pode ser uma das justificativas do fim ou da manutenção da relação, independente até do sentimento amoroso.

Quando o eu se torna nossa preocupação central, antes de qualquer coisa, é forçoso reconhecer que a relação intersubjetiva perde seu valor. As grandes paixões não são mais aceitas, em proveito do desprendimento, do desapego. Atualmente, politicamente correto é não se envolver afetivamente, sinal de domínio de si e antídoto contra o sofrimento. Até os casais que se divorciam não

podem demonstrar o sofrimento pela separação, muito pelo contrário devem colocar como ponto de honra: “continuarem sendo bons amigos”, como se a ligação excessiva fosse a marca da pobreza e da incompletude do eu, não havendo espaço nem tempo para a elaboração do luto de uma perda amorosa significativa. É como se o imperativo que rege as relações fosse: “É bom dar a aparência de que a gente se basta a si próprio” (BADINTER, 1986, p. 269).

Atualmente é preciso negociar constantemente entre as pulsões egoístas, ou seja, o amor a si e o desejo de ter uma relação com o outro. A relação com o outro pode pressupor a disponibilidade para a troca e o compartilhamento das experiências, implicando em um desprendimento dos interesses individuais em favor da manutenção da união. Uma falta prolongada à regra de reciprocidade é vivida como uma falta de consideração e indiferença, minando o entendimento entre o casal.

Esta negociação que pode manter a reciprocidade na relação foi discutida por Anthony Giddens (1991) quando elaborou sua teoria sobre as transformações da intimidade. Ele afirma que há uma conexão direta entre as tendências globalizantes da modernidade e a transformação da intimidade. Segundo este autor a transformação da intimidade pode ser analisada em termos da adição de mecanismos de confiança pessoal, que estão intimamente relacionadas à situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo.

Giddens (1991) retoma o que diz Erikson: a confiança nas pessoas é erigida sobre a mutualidade de resposta e envolvimento; a fé na integridade de um outro é uma fonte primordial de um sentimento de integridade e autenticidade do eu. Coloca que no século XX, a confiança pessoal torna-se um projeto a ser trabalhado pelas partes envolvidas e requer a abertura do indivíduo para o outro. Ela não pode

mais ser controlada por códigos normativos fixos, a confiança tem que ser ganha. Relacionamentos são laços baseados em confiança, onde a confiança é trabalhada, onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de auto-revelação. Esta auto-revelação pode ocorrer principalmente através dos envolvimento eróticos, dados às forças das emoções associadas à sexualidade.

Para o referido autor, os relacionamentos só se mantêm com a presença de confiança pessoal. E a confiança pessoal tem que ser estabelecida através do processo de auto-questionamento: a descoberta de si torna-se um projeto diretamente envolvido com a reflexividade da modernidade. Uma busca da auto-identidade, a preocupação com o auto-desenvolvimento, produzindo uma preocupação narcisista, hedonista com o ego. Porém, deve-se levar em conta que:

“... nas relações de intimidade do tipo moderno, a confiança sempre é ambivalente, e a possibilidade de rompimento está sempre mais ou menos presente. Os laços pessoais podem ser rompidos, e os laços de intimidade podem voltar à esfera dos contatos impessoais – no caso amoroso rompido, o íntimo torna-se de súbito novamente um estranho. A exigência de “se abrir” para o outro que as relações pessoais de confiança pressupõem hoje, a injunção de nada ocultar do outro, misturam renovação da confiança e ansiedade profunda. A confiança pessoal exige um nível de auto-entendimento e auto-expressão que deve ser em si uma fonte de tensão psicológica. Pois a auto-revelação mútua é combinada com a necessidade de reciprocidade e apoio; estas duas coisas, contudo, são freqüentemente incompatíveis. Tormento e frustração entrelaçam-se com a necessidade de confiança no outro como o provedor de cuidados e apoio (GIDDENS, 1991, p. 144).

O que parece ficar claro é que a proposta de Giddens pode guiar algumas relações atuais que investem na manutenção da relação, pressupõe um esforço constante no sentido de manter a confiança pessoal e no outro. Isto dá trabalho e é justamente trabalho que muitas pessoas parecem não querer atualmente.

Diferente da proposta de Giddens que aposta na autenticidade e confiança como ingredientes de uma relação possível nos dias de hoje, existem aquelas relações que se baseiam na troca de interesses, no sentido de troca de mercadorias, do tipo: “eu só faço isso para você, se você fizer tal coisa por mim”. Um

exemplo presente no diário de bordo confirma esta pressuposição: “uma moça de seus vinte e poucos anos conta que seu namorado promete deixar de sair para beber com os amigos, se ela desistir de fazer um curso de inglês de três meses na Inglaterra”.

Mesmo as relações consideradas mais “saudáveis” ou maduras, onde cada um respeita o espaço e os desejos do outro, a negociação é uma constante. E cada um só permanece na relação enquanto for interessante, enquanto não tiver que abrir mão daquilo que considera importante para sua individualidade. Com isso, cada vez mais, encontram-se pessoas buscando um crescimento pessoal que acaba, de certa forma, excluindo a relação amorosa como se configurava há tempos atrás, ou seja, relações estáveis e/ou casamentos. Isto se confirma até através de ditados populares como: “antes só do que mal acompanhado”, ou mesmo as seguintes falas: “prefiro ficar sozinha do que com um cara que vá atrasar minha vida, ou que não me acrescente nada”; ou até: prefiro curtir a vida de solteiro do que ficar com uma mulher que eu tenha que carregar nas costas” (Relatos do diário de bordo).

As gerações mais jovens têm escolhido cada vez mais facilmente a solidão, já que na eminência de se descobrir imperfeito e aquém de um ideal construído de si mesmo, o melhor é ficar só, sem correr o risco de ser desvelado em suas particularidades, pelo outro, que pode sim refletir muito mais o que é da ordem do real, do que, o que é da ordem da idealização desejada pelo “Narciso”. Na busca da relação ideal ou do que se imagina que o outro espera de si, os indivíduos têm se privado de experimentar novas formas de relacionamentos. Alguns conceitos que poderiam ser considerados ultrapassados ainda estão presentes nas gerações mais jovens. Neste sentido chama à atenção a fala de um rapaz de uns vinte e poucos

anos que diz: "... está muito difícil se relacionar, porque as mulheres querem os caras bem-sucedidos, com perfil de provedor, que tenham carrões...". Enquanto uma moça também afirma: "... eles só querem saber de corpão... tipo modelo, magra, linda e que não pense muito para não dar trabalho...". Isto demonstra o quanto as pessoas ficam presas àquilo que consideram o que o outro espera delas. De tão alienadas que estão aos valores vigentes, valores estes permeados pelo fascínio da imagem, acabam esquecendo de realmente conhecer o outro e se deixar conhecer pelo outro, preferindo ficar nesta busca incessante pela autonomia.

Lipovetsky (1983) vê nesta procura narcísica de autonomia, a qualquer preço, o sintoma de uma apatia patológica, próximo do estado depressivo. O processo de personalização engendra uma existência puramente atual, uma subjetividade sem objetivo, nem sentido, entregue à fascinação da auto-sedução. Os indivíduos, fechados nos seus guetos, enfrentam sua condição de mortalidade sem nenhum apoio transcendente. Nem mesmo os valores como família, casamento, ou mesmo a religião, conseguem proporcionar um suporte de referência que amenize a angústia vivida pelas exigências do mundo contemporâneo.

O Estado, de certa forma, fracassou na sua tarefa de proporcionar segurança para os indivíduos. Vive-se, atualmente, numa insegurança tão grande, diante dos acontecimentos advindos pela globalização, que faz com que o culto à imagem e ao Eu assuma o lugar que outrora a religião ou mesmo a política tiveram. Hoje em dia o que pode dar algum sentido à vida é o sucesso pessoal, o reconhecimento pelo outro e também o amor, apesar de todos os impasses que o determinam.

A procura de autonomia não significa necessariamente a incapacidade de estabelecer uma relação dual, mas a recusa de pagar qualquer preço por ela, já que

a vivência do homem moderno o possibilita fazer escolhas. O que mais se teme, atualmente é a perda do domínio de si, uma desconsideração por um aspecto do Eu não é mais tolerada, no entanto, esse mesmo homem continua ansiando também pela “serenidade de um coração satisfeito (...) Andrógino imperfeito, nossa completude nunca é total. O aprendizado da solidão é uma força e não uma finalidade” (BADINTER, 1986, p. 279).

Com todos os impasses vividos na contemporaneidade que determinam uma subjetividade narcísica, onde o imperativo de sucesso na vida afetiva cria a demanda de uma relação altamente idealizada impossível de se realizar, observa-se um pessimismo referente às relações amorosas na maior parte dos discursos do cotidiano. A família, reduto da vivência afetiva do indivíduo está em crise e com poucas possibilidades de realizar esses ideais amorosos em seu seio, o que persiste é a tentativa de encontrar uma solução neste modelo, embora enfraquecido.

Rolnik (2000) discute esta questão e relata numa entrevista com Guattari, na qual ele propõe uma nova possibilidade amorosa para os tempos modernos, que chamaram: “Por uma nova suavidade no amor...”, que tenta propor uma saída para as relações que na maioria das vezes se caracteriza como uma relação simbiótica, que abole a diferença e a singularidade.

Nesta entrevista coloca-se a questão do caráter universalizante do desejo amoroso em uma sociedade que é capitalística, e que, portanto, trata as questões subjetivas de uma forma serial, dificulta o processo de singularização, que por sua vez se constitui em territórios fechados, nos quais o que está em jogo é uma relação de posse e apropriação do outro. Esses modos de relações fazem com que o acontecimento amoroso se constitua, muitas vezes, em um campo de competições,

comprometendo até as relações que a princípio podem parecer mais promissoras.

Guattari (2000), nesta entrevista, critica o modelo edipiano das relações que é colocado como um modelo universal e diz que este tipo de relação é uma micropolítica específica que se constituiu em uma dada sociedade e que compõe a subjetividade moderna do Ocidente. Desta forma, o que propõe como uma nova suavidade é a invenção de uma outra relação com o corpo, que saia do território conjugal, da demanda por poder sobre o corpo do outro, que se insira em um devir outro, nos rizomas de modos de semiotização, inventando, talvez, uma nova forma de ordem social que não tenha que se nortear por valores falocráticos ou competitivos, podendo se expressar por seus devires desejantes.

O autor desenvolve seu raciocínio buscando entender por que as pessoas têm a necessidade de se apegar em formas obsoletas de vida. Enfatiza o medo da desterritorialização como um fator que leva a um enclausuramento na simbiose como anestesia para as sensações do mundo e no outro extremo coloca a fragilização experimentada quando não resistimos mais ao movimento da vida e passamos a viver a desterritorialização como uma finalidade em si mesma e não como uma dimensão imprescindível à criação de novos territórios.

Como poderíamos entender esta configuração contemporânea? Vivemos em uma época que se configura pela velocidade da construção e desmanchamento de certos mundos, com perda de sentidos e criação de outros mundos como a forma de expressar novos afetos contemporâneos. Nestes mundos que se desmancham, que perdem consistência, as forças que os mantinham já não permanecem articuladas, ficam incompatíveis com novos afetos que pedem passagem. Segundo Mansano (2003), é a velocidade com que as transformações acontecem na contemporaneidade, o que muitas vezes inviabiliza a construção

imediate de novos sentidos, de novos territórios, ocorrendo a desterritorialização. Esta dificuldade de reagrupamento de forças pode, então, levar à morte, ao caos das forças, onde nada pode se organizar, se nenhum novo território se construir para dar sentido a estes afetos. Isto pode levar, então, ao medo da desterritorialização e à tentativa de se permanecer na simbiose.

No entanto, é próprio do amor, Eros, entendido como pulsão de vida, de conservação, a tendência à união, à permanência, dificultando aí toda tentativa de se instalar a diferença e mudança. Permanência em um território fechado que pode levar à morte do amor. Esta força que institui a permanência no mesmo, na mesma forma dual, complementar e simbiótica de relação pode levar a morte do amor por asfixia, porém, ao se instituir somente o movimento de desterritorialização o amor pode não acontecer. O que pode ocorrer, desta forma, é se deixar levar pelo caos, que pode levar até à morte física. Dilemas da condição humana: se fechar neste único modelo de amor pode levar à morte do amor e não se vincular afetivamente a nada pode levar à morte.

Estar enclausurado na simbiose significa ficar preso à vontade de semelhança, de reflexo, do eterno e do absoluto. A simbiose pressupõe uma relação dual e complementar em que um se desterritorializa quando ameaçado pela perda do outro por sua falta; e o outro quando se vê sufocado por um excesso da presença do outro. Nos dois funcionamentos percebe-se um investimento no absoluto, entendendo a simbiose como a forma de relação dual e especular, onde só existe lugar para dois que se bastam e por isso mesmo se tornam um, excluindo a presença de terceiros. Funcionamentos estes reiterados pelo ritual feito de uma eterna fuga e um eterno retorno que configuram a simbiose. Mantendo a relação especular afasta-se de todas as outras possibilidades de tecer relações afetivas e

fica-se refém de uma imagem de amor que é complementar nas neuroses de dois e, portanto, fechada em si mesma.

Diante destas possibilidades, a simbiose e a desterritorialização, torna-se cabível recorrer ao diário de bordo e trazer para esta discussão um filme que aborda estas questões. O filme é “Esposamante”, de direção de Marco Vicário, que trata das configurações que um casal vive. No filme se dá assim:

Antônia vivia presa à cama e para que se levantasse foi preciso acreditar que seu marido Luigi havia morrido. No entanto, ele foi acusado injustamente de um assassinato e por isso estava escondido, ferido, no celeiro da casa em frente à deles.

Antônia vivia acometida por uma saúde frágil que a impossibilitava, que uns denominavam paralisia progressiva e outros chegavam a dizer que era doença dos nervos, que mulheres ricas tinham para irritar o marido. Na verdade, ela passava os dias na cama e seu marido viajava muito. Quando ela pensa que o marido morreu, volta a andar e assume seus negócios. Com isso ela acaba percorrendo o roteiro das viagens que o marido fazia.

Ela, então, nestas viagens, passa a conhecer os locais que Luigi costumava freqüentar e as pessoas com quem ele convivia. A imagem que tinha dele começa a se transformar. Descobre que o marido tinha vários interesses, que escrevia sob o pseudônimo de Ulisses, (nome este que já faz uma alusão à sua posição subjetiva), sobre aspectos sociais, religiosos, políticos e, principalmente, sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres. Além disso, descobre que Luigi tinha uma vida sexual livre fora do casamento, em que tentava curar mulheres frígidas.

Através da descoberta deste outro Luigi, Antônia começa a alterar também seu modo de vida: começa a fumar, beber, trabalhar, ter amigos e recebê-los em sua casa. Assume a tipografia, publica os manuscritos de Luigi e os negócios de seu falecido pai. Torna-se amiga dos amigos e amigas do marido, inclusive de suas amantes, e com isso passa a se relacionar amorosamente com várias pessoas. Passa então, a discutir e entender sobre sua própria frigidez, e aquilo que parecia ser um problema só seu, transgride sua interioridade. Começa a perceber que vivia um amor fundado na desigualdade entre homens e mulheres, onde o homem pertence à vida pública e tem direito ao prazer e a mulher pertence ao espaço privado e o sexo está ligado, no seu caso, à reprodução.

Como coloca Chillemi (2003), os movimentos do desejo vão mostrando como os encontros extravasam os papéis estratificados dos sexos, de marido, de esposa e de casal.

Agora é Luigi quem se encontra preso, e acompanha através da janela os movimentos da esposa. Passa a discutir com seu anfitrião a contradição presente naquilo que ele escrevia e a vida que tinha no seu casamento, onde era livre para viver experiências fora do casamento e também era conveniente manter a esposa na cama.

Antônia começa a suspeitar que seu marido está vivo e deixa a janela do

quarto aberta para que ele possa vê-la em sua nova vida. Luigi acompanha, espantado, as mudanças da mulher, pois a considerava infantil e incapaz de uma vida sexual. Passa a ter insônia, atormentado pela imagem da mulher nos braços de outro, fica obcecado em acompanhar os passos da esposa enquanto ela ganha mais brilho.

Ela passa a experimentar a vida a partir das referências do marido, mas a forma que vai vivendo isso é diferenciada da dele, não divide a sua em duas como ele, mas deixa-se afetar pelo que vai experimentando, corporifica um novo modo de se relacionar com o mundo. Seu marido passa a viver a destruição da imagem que criou de si mesmo e também a idealização que tinha de sua mulher.

O filme vai tendo outros desdobramentos, mas o que é mais importante assinalar é que Antônia consegue sair de uma relação estabelecida enquanto simbiose e, depois de sua entrega aos movimentos e aos afetos que pediam passagem (a desterritorialização), consegue criar novos territórios, onde pode deixar seu corpo vibrar a partir da invenção de outras possibilidades de relação. Deixou de ser Penélope que só pode viver à espera de Ulisses.

Retomando a entrevista, Guattari coloca que, pode chegar o dia em que um dos dois se desgarrará da simbiose, superará o medo, não precisará mais de espelho e se entregará à desterritorialização. Então, o que se instaurará é o que pode ser chamado de “máquinas celibatárias”, ou seja, o movimento pelas intensidades sem território fixo, sem identificação, que levam a uma expansão da vida. Uma “grandeza celibatária” que é o que aconteceu com Antônia durante suas experimentações, mas que podem, se nenhum território se organizar e nenhum fio se tecer ao longo dos encontros com esse outro, então, desperdiçar toda a expansão conquistada, levando à “miséria celibatária” – o que foi vivido por Luigi. Com isso, perde-se a capacidade de investir em novas relações. Depois, se algum fio ainda for capaz de despertar o desejo de tecer, pode ocorrer uma recaída na simbiose que poderá levar a uma reterritorialização.

Exauridos de tanta repetição, descobrimos que por ter pretendido nos livrar do espelho, o que acabamos perdendo é a possibilidade de envolvimento - como se a única ligação possível fosse a especular. Por ter pretendido nos

livrar da simbiose, o que acabamos perdendo é a possibilidade de montagem de territórios – como se a única montagem possível fosse a simbiótica (ROLNIK, 2000, p.288).

O que pode acontecer, no entanto, é que saturados do fascínio e/ou medo da desterritorialização criam-se, até por uma questão de sobrevivência, novos territórios onde possam se instaurar novas possibilidades amorosas. Campos de intimidades prenhes de certa inocência, onde o outro possa ser um além do espelho, que não seja uma paisagem fugaz onde nada se cria.

Guattari (2000) coloca que para que ocorra esta viagem é importante preservar o que foi conquistado pelas máquinas celibatárias, ou seja, a autonomia necessária para o encontro com o irredutivelmente outro que nos desterritorializa, mas vivido com intensidade. Ao mesmo tempo, que se dá a desterritorialização é preciso que se organizem novos territórios ao longo dos encontros, pois sem território algum a vida murcha, é a morte que predomina. Mas para que tudo isto aconteça é preciso desejo, do qual é feito o amor, de um amor que não se sabe ainda ao certo qual é, que por isso mesmo pode ser inventado em um novo lugar bem distante dos velhos clichês.

O autor propõe então que com o tempo e já distraído de tanto ter vivido na simbiose, nas máquinas celibatárias ou mesmo em “mais nada disso tudo”, pode ser que surja uma convivência amorosa banhada por uma nova suavidade... uma nova possibilidade amorosa.

Nesta entrevista, Guattari para delinear estas concepções recorre ao filme *Blade Runner*, de Ridley Scott, por mostrar experimentações de outros territórios de desejo, o filme é contado assim:

O filme se passa em uma cidade do futuro, onde vivem os “replicantes”, robôs programados para colonizar o espaço. Perfeitas réplicas do homem, eles só não estão equipados para produzir réplicas emocionais. São

réplicas sim – mas das máquinas celibatárias, em seu máximo aperfeiçoamento.

Quando está para expirar seu prazo de existência, rebelam-se. No começo do filme, eles acabam de voltar à Terra justamente para subverter esse seu destino. Querem desertar sua condição de desalmados: já pressentem essas faixas de frequência para as quais o homem, seu criador, negou-se deliberadamente a equipá-los.

Deckard, um quase não-homem – ser homem, dizem no filme, é ser perseguido (man) ou perseguidor (policeman) e Deckard não é nem um nem outro - será o escolhido, pelos replicantes, para ser contaminado com o recém-descoberto potencial de envolvimento, de generosidade, com a coragem que esse potencial requer para se expandir.

Roy, chefe do bando dos replicantes, em meio a uma luta de vida ou morte com Deckard, o salva, o contamina e morre.

Deckard, primeiro homem quase replicante e Rachael, última replicante quase humana, salvam-se. Apaixonados e amorosos, partem juntos e o filme termina (Guattari, 2000, p. 289).

Guattari questiona, então, se não seria essa uma possibilidade de invenção de uma outra espécie de amor, um amor que possa ser um além dos Ulisses e das Penélopes: um amor não tão demasiadamente humano, que não reduzisse o desejo de mundo a um objeto-pessoa ou uma pessoa-objeto.

Outro filme pode exemplificar o que pode ser uma nova possibilidade amorosa, a cartógrafa recorrerá novamente ao seu diário de bordo para, através dele, tornar mais presente o que até aqui foi discutido. O filme chama-se “Pão e Tulipas”, de Silvio Soldini.

Pão e Tulipas, talvez seja a história de uma mulher comum como tantas outras que cumprem o papel que é dado socialmente a uma mulher, ou seja, é casada, dona de casa e mãe de dois filhos. Esta história, no entanto, se desenrola com uma sensibilidade surpreendente a partir de uma viagem em uma excursão pela Itália...

A primeira cena demonstra um cotidiano familiar, com passeios turísticos em que cada membro desta família não tem um grande envolvimento ou prazer com a viagem. A história de Rosalba se inicia quando em uma parada do ônibus ela se demora no banheiro e é esquecida pela excursão/sua família. Aí já se delineia a possibilidade de novas vivências. Ao invés de se juntar novamente à excursão, ela pega carona e vai para Veneza, cidade que não conhecia apesar de ser italiana. O fato de criar um novo roteiro para sua viagem que não está determinado, neste momento, por sua vivência identitária de mulher e mãe, mas sim de alguém que possa desejar percorrer o desconhecido, dá o tom dos próximos acontecimentos. Após conhecer Veneza, “desejo-que-abre-uma-porta-para-a-vida”, ela perde o trem que a levaria de volta para casa e pode, então, continuar “a sua viagem”. Sem dinheiro e sem ter onde dormir conhece Fernando, garçom de um restaurante, que a hospeda.

Parece que destituída das garantias de “segurança”, as quais norteavam sua vida até então, pode entrar em contato com outras vidas que passarão a afetá-la de forma irremediável.

A princípio, seus contatos com Fernando se dão através de bilhetes deixados por ele no café da manhã, a mesa posta, uma flor e um bilhete que encantam e surpreenderam-na pela delicadeza dos gestos. Aos poucos, Rosalba estabelece uma nova vida, arruma um emprego em uma floricultura e passa a cuidar da casa de Fernando. Estabelece novas relações, novas existências passam a afetar a sua, seu patrão, um velho anarquista, que a vê como uma anarquista que conheceu em outro tempo de sua vida, que nada tem a ver com a imagem anterior que Rosalba tinha de si mesma, mas já que ela vive um momento singular de sua vida encontra aí a possibilidade de se ver através de outros olhares. Com a vizinha de Fernando, que é uma massoterapeuta, desenvolve uma amizade, na qual compartilha momentos de prazeres cotidianos como: conversar, assistir a filmes e especular sobre a vida misteriosa de Fernando (que sai todos os dias de manhã no mesmo horário).

Enquanto vivencia novos afetos, redescobre através de uma sanfona (encontrada na casa de Fernando) o prazer que tem com a música, relembra as lições que teve com o avô e passa a tocar cada vez com mais sensibilidade, parece que além da descoberta da possibilidade de uma nova vida redescobre a si mesma. Porém, sua vida anterior se faz presente através de sonhos/pesadelos inquietantes que parecem confrontá-la com sua identidade de mulher casada e mãe, prenunciando uma tensão ocorrida pela desterritorialização que pode levá-la de volta a seu território de “garantias-segurança”.

Seu marido, se vendo obrigado a se ocupar da casa e filhos para se reorganizar, quer a mulher/mãe de volta a qualquer custo e para isso contrata um detetive para ir a Veneza procurá-la. Em sua viagem de novas vivências e descobertas passa a ser perseguida.

Com a convivência conhece Fernando cada vez mais e fica mobilizada por sua história. É um encontro de intensidades e afetos que constrói um canal de passagem, de abertura entre duas existências com sofrimentos e histórias diferentes, que se ligam tão somente pelo sentimento que um acaba provocando no outro, estabelecendo uma conexão fora do território de “garantias-segurança” da mulher/mãe.

Um pouco da história de Fernando:

ele saía toda manhã para levar seu neto para escola, dedicava-lhe estes cuidados como uma reparação por não ter sido bom pai, já que passou boa parte de sua vida na prisão por ter assassinado sua esposa por ciúme. Quando Rosalba aparece em sua vida, ele vivia “ensaiando” se matar, numa força que estava em seu quarto. A presença de Rosalba passa a dar

um novo sentido em sua vida, sentido este que ele passa a reconhecer aos poucos e de forma sutil.

Já capturados por uma aura de magia que envolvia o campo criado pelo encontro Rosalba/Fernando, saem para jantar, experimentação de outras possibilidades, dançam, conversam... Fernando fala poesias para Rosalba, um novo território se criando pela cumplicidade e descoberta do outro. Novo território sensível, de sensações vividas através da música, da dança, do encantamento das palavras, da leveza no encontro, uma nova sensibilidade amorosa em construção.

O filme encaminha-se para o fim, num determinado momento, parece que a tensão criada pela desestabilização identitária corta os novos fluxos e faz com que Rosalba retorne à sua antiga vida, como se nada tivesse acontecido. Em sua vivência de “mulher/mãe”, volta a ser tomada pelo cotidiano de papéis estabelecidos, relações sem nada mais há a criar... tédio. Tenta em vão se anestesiar das sensações do mundo no território das “garantias-seguranças”. No entanto, algo se agita, a inquietação aparece na tentativa de estabelecer uma nova relação com um dos filhos, ela passa a querer saber do desejo dele, já que parece não poder mais saber do seu.

Enquanto isso Fernando vai se deprimindo por ter deixado escapar uma nova possibilidade amorosa. Ele resolve ir atrás de Rosalba quando seu neto lhe pergunta se ele tinha “aberto a porta” para essa nova chance que tinha surgido em sua vida.

Acaba o filme com a volta de Rosalba para Veneza, para continuar a “sua viagem” que agora seria a dois... agora são dois mesmo e não dois que têm que ser um, onde as suas imagens buscam se complementar pela fixidez de papéis atribuídos socialmente. Dois que se ligam para dar vazão a afetos que poderão levá-los a outras viagens.

Na cultura do narcisismo, a busca do reflexo, do espelho, da imagem complementar também não vem possibilitando encontros satisfatórios e duradouros, ocorrem desencontros freqüentes e grandes frustrações, o vivido não coincide com as expectativas imaginadas e, desta forma, surgem novas demandas de soluções para os relacionamentos amorosos, devido às expectativas altamente idealizadas. Quando não existe a possibilidade de se criar novas possibilidades amorosas portadoras desta suavidade proposta por Guattari, o que fica é um mal-estar tão grande que acaba criando procedimentos pedagógicos na tentativa de amenizar este mal estar. Será que vivemos em uma era em que a única solução para o sofrimento humano é buscada através de alternativas imediatas? Se assim for, de onde surgiu esta cultura de procedimentos que podem solucionar o mal-estar contemporâneo? Partindo-se destas questões é que se pode, então, buscar um entendimento das demandas contemporâneas de resolução do sofrimento humano a partir de uma pedagogia específica, incluindo aí a pedagogia do amor.

IV - CARTOGRAFIA: A PEDAGOGIA DO AMOR

Apenas um homem sabe que felicidade
e tormento são a mesma coisa, em todas
as experiências mais intensas e em todos
os momentos fecundos da vida: é o criador.
Mas muito antes dele um ser humano
atingido pelo amor estendeu, suplicante,
suas mãos para uma estrela, sem se
perguntar se era prazer ou dor o que
implorava dela.

Lou Andréas Salomé

Os procedimentos pedagógicos no que se refere às questões das relações, da sexualidade, têm sua história e surgiram dentro de um determinado contexto sócio-histórico. Para que se possa entender o papel que a pedagogia exerce sobre as questões amorosas, torna-se necessário fazer uma retomada de seu percurso histórico.

Danzelot (1986), em “A Polícia das Famílias”, traz à tona a discussão de questões como a confissão e o conselho, como práticas sociais que constituíram determinados procedimentos pedagógicos que passaram a reger as relações das famílias com a sexualidade, com a educação e com o saber.

Segundo Danzelot (1986), a princípio a filantropia se desenvolveu como um pólo assistencialista, que passou a se ocupar das famílias pobres depois do Antigo Regime, de forma que as sociedades filantrópicas exerciam sua influência moral de forma legítima além de distribuir dons materiais. Transformando, então, o que era uma caridade humilhante em conselho que pretendia ser eficaz, acarretando no desenvolvimento de normas preservadoras que deveriam prevalecer em detrimento de uma repressão destruidora. A esta filantropia higienista, eludiu uma interpelação política do econômico, remetendo-o a autoridade familiar por intermédio

da norma, esta norma, no decorrer do tempo, passou a se difundir na totalidade do corpo social através da escola.

Posteriormente, questões como a sexualidade, o casal, a pedagogia, a adaptação social, propiciaram o surgimento recente da constelação dos conselheiros e dos técnicos das relações. No entanto, quem se ocupava outrora com essa espécie de problema era o padre e o médico. O padre geria a sexualidade sob o ângulo da moralidade familiar. Entre o sistema de intercâmbios matrimoniais funcionava uma antiga cumplicidade baseada em benefícios mútuos. O dispositivo da confissão conferia à Igreja um domínio direto sobre os indivíduos, ou melhor, uma possibilidade de direção das consciências. A Igreja aumentava seus benefícios em dinheiro, na medida em que reforçava a hegemonia da família sobre seus membros.

Segundo o referido autor, a medicina no séc. XVIII passou a se interessar pela sexualidade, mais sob o ângulo dos fluxos corporais, do funcionamento fisiológico e das explicações das doenças, do que dos fluxos sociais. Com o tempo, o médico passou a ser o médico da família, intervindo na organização doméstica do lar e na higiene através de conselhos educativos. Somente a partir de 1857 é que os médicos começaram a dar conselhos a respeito das indicações e contra-indicações das uniões, o que até então era tarefa somente da Igreja.

No final do séc. XIX e início do séc. XX ocorreu uma campanha de higienização da sexualidade, como dispositivo de prevenção das doenças sociais (doenças venéreas, alcoolismo, tuberculose). A medicina buscou erigir a sexualidade a uma questão de Estado, saindo do âmbito religioso para o secular. Esta campanha visou criticar a dupla moral das famílias: o hábito de proclamar um comportamento altamente moral que era incoerente com a prática, ou seja, a hipocrisia decorrente

da super valorização da família, visto que a sexualidade era clandestinamente praticada de forma desenfreada fora dos laços familiares.

No séc. XX surgiram os grupos de aconselhamento conjugal, quase ao mesmo tempo que o Planejamento Familiar, sendo este dirigido por instituições religiosas, buscando a todo custo a preservação da família como valor central da sociedade. Com isso, surgiu a educação sexual como profilaxia dos distúrbios do desenvolvimento conjugal e da desadaptação escolar. Entre os grupos de Planejamento Familiar a mensagem sempre era a mesma: o desenvolvimento psico-sexual harmônico da criança, preparação para a vida adulta em seus aspectos individuais, conjugais e parentais, prevenção dos distúrbios mentais, desadaptação escolar, etc. (DANZELOT, 1986).

Os grupos de aconselhamento, como o próprio nome diz, visam o conselho a partir da confissão das dificuldades conjugais e familiares e se estabeleceram a partir dos conhecimentos da psicanálise sobre a dinâmica familiar e seu efeito na subjetividade do indivíduo, buscando uma normalização das relações. Com isso cresceu a procura por psicólogos, psicanalistas, pedagogos, ou qualquer um que tivesse um saber técnico e que pudesse explicar as relações.

Este processo se efetivou depois que a educação sexual passou a fazer parte das funções das escolas. Foi a psicanálise quem autorizou o deslocamento dos problemas de aproveitamento escolar para os da harmonia familiar, foi ela que instruiu uma educação sexual não mais centrada nas doenças venéreas, mas na questão do equilíbrio mental e efetivo.

Para Danzelot (1986), a corrente familialista foi o lugar de elaboração contínua de uma política discursiva regida pela psicanálise e que serviu de suporte para todas as técnicas atuais de direção da vida relacional. Os psicólogos, através

dos testes e da anamnese, passaram a se ocupar de uma técnica precisa, em que realizavam um inventário-perícia das possibilidades individuais e um relato-confissão da vida familiar, para diagnosticar e sugerir os procedimentos adequados aos problemas relacionais.

Do padre, do médico, aos terapeutas de diversas posturas teóricas e éticas, foram estabelecendo-se formas de lidar com o mal-estar presente nas relações, que acabaram por propiciar a busca de procedimentos dirigidos que dessem conta de dar respostas e alívio para o sofrimento amoroso. De forma que, na atualidade, ninguém mais concebe a idéia de sofrer sem saber o porquê e o que fazer para acabar com o sofrimento, até porque, a indústria farmacológica se desenvolveu tanto que existe remédio para tudo, qualquer tipo de tristeza, dor, angústia. Ninguém precisa mais suportar a dor o tempo necessário de ao menos tentar entendê-la. Existem procedimentos, promessas, dicas, testes, toda uma parafernália de auto-ajuda e é isto que as pessoas procuram para tentar resolver suas queixas amorosas. No entanto, o que é curioso, ou mesmo paradoxal, é que quanto mais procedimentos existem mais queixas aparecem, mais técnicas de resolução de conflitos e um leque maior de vivências dolorosas e frustrantes.

Diante do vazio e da solidão da vida contemporânea surgem soluções inusitadas, procedimentos que até um tempo atrás seriam considerados no mínimo estranhos. Parece que quanto mais industrializado e desenvolvido tecnologicamente o país, mais tem que desenvolver técnicas específicas de proporcionar possibilidades de relacionamentos.

No diário de bordo chama à atenção alguns procedimentos adotados no Japão para amenizar a solidão, que são extremamente racionais e buscam economizar tempo, por exemplo: “os japoneses criaram travesseiros que tem um

braço que enlaça a pessoa que dorme, que foi inventado com o intuito de amenizar a solidão de mulheres solteiras”. Em um programa da GNT (canal fechado de tv) apareceu uma reportagem:

os japoneses entre 30 e 40 anos têm uma dificuldade muito grande para estabelecer relacionamentos estáveis. Nesta faixa etária, as mulheres são independentes e não têm como objetivo de vida o casamento, com isso são promovidos cursos de noivos, em que os homens participam para aprenderem como conquistar uma mulher. As mulheres afirmam que se para se relacionar tiverem que abrir mão de suas conquistas preferem ficar sós.

Este exemplo denota o tamanho do desencontro diante das questões amorosas contemporâneas, mesmo que as pessoas continuem insistindo que querem encontrar o amor.

Costa (1998) argumenta que o amor pode representar uma das formas de preservar uma identidade numa era de crise de valores, já que sem a força dos meios tradicionais de doação de identidade – como família, religião, pertencimento político, pertencimento nacional, segurança de trabalho, apreço pela intimidade, regras mais estritas de pudor moral, preconceitos sexuais, códigos mais rígidos de satisfação sensual, etc. – o que restou aos indivíduos foi a identidade amorosa, de certa forma um abrigo num mundo pobre em Ideais de Eu.

Hoje uma parcela da humanidade diz querer um amor, mesmo que isso não signifique compromisso ou divisão de responsabilidade. Na revista Cláudia de Julho de 2005, esta questão aparece da seguinte forma: M.S.R., 39 anos, solteira, diz: “não quero casar nem morar junto ou ter filhos. Muito menos disputar o controle remoto da TV no dia-a-dia. Mas faço questão de encontrar alguém com quem possa compartilhar bons momentos, namorar muito e sentir o coração bater mais forte”.

O amor se tornou a última razão do sujeito, talvez sua salvação. Vivendo em um mundo repleto de violência, competição, frivolidade, egoísmo desenfreado e indiferença, o amor ergueu-se como uma defesa contra a barbárie do mercado. O

amor é enaltecido como uma possibilidade de preservação da satisfação afetiva e uma maneira de se defender do consumismo exacerbado, mas ao mesmo tempo a imagem de amor idealizado que leva à felicidade é utilizada como um produto vendável a ser consumido que pode ser usado pela mídia visando à alienação. Em outras épocas foi símbolo do cuidado com as gerações, da harmonia entre “sexos desiguais” e da família como “célula da sociedade”, e era protegido e valorizado; quando se tornou um sentimento a mais na promoção do gozo imediato, passou a ser visto como qualquer coisa ou pessoa na cultura de consumo: perdeu o interesse e o valor.

Sem a retaguarda dos laços culturais mais vastos, o amor tornou-se derrisório. Em vão quisemos fazer dele um só e o passaporte para a “ilha dos prazeres” e para o céu das emoções perenes. A operação malogrou. Sem a moralidade tradicional, o amor mostra os pés de barro de toda paixão humana; com a moralidade tradicional, traz um ranço de ascetismo que ninguém mais pode aceitar (COSTA, 1998, p. 20).

Em seu berço histórico, o amor foi caracterizado por adiamentos, renúncias, devaneios, esperanças no futuro, e “doces momentos do passado”. Ele nasceu na Era dos Sentimentos, do gosto pela introspecção e por histórias sem fim (Romantismo). Hoje entramos na Era das Sensações, sem memória e sem história. Aprendemos a gozar com o fútil e o passageiro. Em suma: vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; de outro, a saudade dos sentimentos. “Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude” (COSTA, 1998, p. 21).

Parece muito difícil conciliar estas tendências, algumas pessoas vivenciam um verdadeiro desencontro, onde os interesses amorosos não encontram uma forma para se expressarem e isto aparece claramente em uma matéria da revista Cláudia: “homens para sexo casual as mulheres encontram aos montes, mas

poucos pretendem iniciar um relacionamento afetivo” (julho, 2005).

Mesmo aqueles que apresentam um comportamento aparentemente de esquiva diante de uma possibilidade amorosa, parecem ter uma idealização extrema do amor, onde as expectativas com aquele que poderia ser um parceiro, impossibilita o encontro e o conhecimento real do outro. Criando esta situação discordante, onde mulheres ainda esperam um relacionamento romântico do tipo “comercial de margarina” e os homens fazem o que podem para fugir ao envolvimento. Aumentam-se expressivamente as insatisfações de ambos. O que parece estar ocorrendo é que pessoas de ambos os sexos agem de acordo com uma certa fixidez de papéis, presos a identidades que incorporam modos de ser acríticos, impossibilitando relações mais criativas.

Tais são as coisas do amor: “desejo da antiga unidade” diz Platão, que não é tanto unidade com o outro, porque antes deste outro que está fora de nós a quem se dirige o amor, o outro está intimamente em nós. Seria então, a busca de si mesmo no outro, um desejo narcísico de confirmação de si? Talvez o desejo de identidade e de segurança não nos permita mais sair dos limites do eu para encontrar o amor, amor este que se constitui no reconhecimento da alteridade do outro, de um encontro com o outro, diferente.

Foucault (1995) em seu texto intitulado “O sujeito e o poder”, defende a idéia de se usar formas de resistência contra as diferentes formas de poder/saber, que podem ser entendidas também como lutas que questionam o estatuto do indivíduo, contra o governo da individualização. Ele chama a atenção para as lutas contra as formas de sujeição, de submissão da subjetividade, mesmo que não tenham perdido sua importância as lutas contra as formas de exploração e dominação. Desta forma, pode-se denunciar tudo aquilo que separa o indivíduo de

suas relações com os outros, com a vida comunitária, que o força a voltar-se para sua própria identidade de forma coercitiva. Parece que o amor também é um valor que está permeado pelas relações de poder, já que é produzido na vida cotidiana, categoriza o indivíduo, tenta fixá-lo numa posição identitária que é imposta como lei de verdade (FOUCAULT, apud DREYFUS; RABINOW, 1995).

Esta valorização do individualismo no mundo contemporâneo traz consigo uma maior fragilidade das relações, implicando em uma constituição paradoxal dos vínculos humanos, onde ao mesmo tempo, busca-se estreitar os laços e mantê-los frouxos. Esta questão é discutida de forma primorosa no texto de Zygmunt Bauman, onde ele nomeia esta configuração amorosa como: “o amor líquido” (BAUMAN, 2004).

O autor, em seu texto radiografa o amor nos vários âmbitos dos relacionamentos sociais. Coloca como consequência da individualização a ambigüidade dos relacionamentos, na medida em que estes prometem ser uma fonte de satisfações extremas, ao mesmo tempo relevam a insatisfação vivida nas relações. Os “relacionamentos”, atualmente, estão entre os principais motores do atual “boom do aconselhamento”, que demonstra toda a incapacidade de agir diante da impossibilidade de escolher entre a atração e a repulsa que os relacionamentos apresentam, pois representam tanto a esperança de prazer e felicidade quanto o temor à restrição da própria liberdade.

Segundo o referido autor, os habitantes de nosso líquido mundo moderno garantem que seu desejo, objetivo ou sonho é “relacionar-se”. No entanto, ele coloca em dúvida este desejo de relacionamentos duradouros, argumentando que, aparentemente, o desejo é que eles sejam leves e frouxos, de tal modo que, “cairiam sobre os ombros como um manto leve”, e que possam “ser postos de lado

a qualquer momento” (BAUMAN, 2004, p.11). Falar em relacionamento é falar, ao mesmo tempo, dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura. Talvez seja por isso que as pessoas falam cada vez mais em conexões e, em vez de parceiros, preferem falar em redes.

No mundo contemporâneo existe a obrigatoriedade do movimento em alta velocidade diante da própria velocidade em que ocorrem mudanças nos comportamentos. Portanto, quanto mais pronto estiver o indivíduo para os sucessivos rompimentos e desengajamentos, mais apto ele estará para uma nova tentativa. Tentativa esta que, provavelmente carrega em si a promessa de ser mais satisfatória, devido à crença de que a aprendizagem possa ser adquirida na vivência de relações sucessivas.

Atualmente a troca de parceiros sucessivos é muito comum e aceita. A lógica é: “se não deu certo com um tento novamente”. Esta lógica da experimentação, ao mesmo tempo que pode trazer um aprendizado sobre si mesmo e sobre as relações, em outros casos gera muita frustração. O relato do vazio vivido por pessoas que experimentam tentativas amorosas sucessivas não é nada raro. No entanto, ninguém tenta se aprofundar no entendimento destas vivências. Diante deste vazio e insatisfação, ouvem-se comentários que chegam a ser engraçados, na tentativa de amenizar tal vivência, que denotam um certo comodismo diante disto: “enquanto não encontro os certos, me divirto com os errados” (comentário de uma mulher de 30 anos separada há um ano, presente no diário de bordo).

Para Bauman (2004) quando se diz tudo sobre os temas principais da vida humana, as coisas mais importantes continuam por dizer e menciona dois temas de suma importância para humanidade, já que fazem parte de suas preocupações diárias: o amor e a morte. Apesar de vários esforços no sentido de

compreender estes acontecimentos, de estabelecer seus antecedentes, suas conexões, de identificar princípios que os norteiam, na tentativa de manter a fé na regularidade do mundo e na previsibilidade dos eventos, indispensáveis para a saúde mental, não se pode aprender a amar e nem a morrer.

Porém, percebe-se que atualmente, as pessoas apaixonam-se e desapaixonam-se, com a maior facilidade, existe uma variedade de experiências denominadas como amor, desde um encontro fortuito de uma noite de sexo, até relações mais estáveis. No entanto, Bauman (2004) afirma que o conhecimento adquirido nesta série de eventos amorosos é o conhecimento do amor como episódios intensos e curtos, desencadeados pela consciência de sua própria fragilidade e curta duração. E complementa que este é o desaprendizado do amor, é um exercício de incapacidade para amar.

Nesta perspectiva, amar significa abrir-se ao destino para que se possa admitir a liberdade no ser. E como argumenta Erich Fromm:

A satisfação no amor individual não pode ser atingida... sem a humildade, a coragem, a fé e a disciplina verdadeiras (...) uma cultura na qual são raras essas qualidades, atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista (FROMM apud BAUMAN, 2004, p.21).

A cultura contemporânea consumista favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços e nem investimentos prolongados. A promessa de aprender a arte de amar é uma oferta falsa e enganosa, apesar de que se deseja que seja realmente verdadeira. A construção da “experiência amorosa” é semelhante à de outras mercadorias, em que promete-se realização de desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

Os relatos das revistas demonstram claramente a falta de consistência e a

liquidez do amor contemporâneo. Como aparece neste relato da revista Cláudia de novembro de 2005: A., publicitária, coloca que: “simbolizamos a nova era da globalização. Gostamos de tudo, mas não somos fiéis a nada”. Vivemos na era da globalização em que a oferta excessiva gera a impossibilidade da escolha e do encontro, levando à vivência do amor como algo confuso e contraditório”.

No entanto, a globalização tem possibilitado a emergência de novas formas de relacionamentos amorosos, que vencem as barreiras da distância geográfica e das diferenças culturais. Estas novas formas de relacionamentos podem estar se configurando como uma resistência, o amor abrindo fronteiras, uma reinvenção de modos de amar.

Atualmente a internet promove encontros entre pessoas que vivem em lugares distantes e países diferentes, interessadas em conhecer um parceiro amoroso. Vários destes casos culminam em namoro ou até casamento. Vários são os relatos destas vivências: “uma mulher de 50 e poucos anos, nestes últimos anos, já teve relacionamentos com um italiano, um americano, um inglês e agora está namorando um norueguês e diz que pretende se casar...neste período viajou e conheceu os países dos namorados” (relato do diário de bordo).

A necessidade de trabalho também pode fazer com que casais construam relações em que cada um mora em uma cidade diferente, mantendo um relacionamento amoroso em “trânsito”. Os projetos de vida muitas vezes não coincidem, principalmente, no que se refere ao profissional, no entanto, alguns casais têm conseguido investir e manter o projeto de se relacionarem amorosamente mesmo com a distância: “uma mulher é casada há 18 anos, tem uma filha e nunca morou na mesma cidade que o marido porque cada um tem seu trabalho em cidades distintas” (diário de bordo), este relato exemplifica o que foi

abordado acima, e o que mais chama a atenção neste caso é que esta mulher afirma: “gosta muito que seja assim, acredita que esta forma de se relacionar mantém a chama acesa...que se dá muito bem com o marido e se morassem juntos talvez isto não aconteceria”. Talvez esta configuração amorosa consiga conciliar o desejo de segurança que se busca nas relações com a liberdade para viver os projetos pessoais e talvez supra, uma parte das necessidades afetivas de ambos.

Talvez o grande paradoxo existente neste amor líquido é: todo amor luta contra a incerteza e a insegurança em relação ao outro, recusa-se em suportar com leveza sua vulnerabilidade, porém quando subjuga o outro, toma posse do outro, o amor começa a definhar, enfraquece e o desejo não se sustenta, e é aí que começa a morte do amor, demonstrando o quanto o ideal romântico do amor se alimenta pela própria impossibilidade. Sob este ponto de vista o amor é mais uma paixão pelo poder que a conquista pode proporcionar, pela posse, pela capacidade de sedução do que um investimento num relacionamento mais maduro e duradouro. Este paradoxo aparece claramente em um relato da revista *Cláudia* (nov. 2005), onde há uma busca idealizada do amor e quando se encontra uma possibilidade de relação há todo um desinvestimento desta.

I.G., 31 anos, defensora pública, diz: “se o cara me interessa, encaro”. Ela vive em Salvador, onde 51% das mulheres vivem sozinhas. Ela procura um homem que seja carinhoso, sócio na rotina e que não lhe provoque sobressaltos, como traições e que também não deve ser do tipo que gruda. Encontrou um namorado pelo qual se diz apaixonada, “num grude só”... e ela começa a sentir falta da vidinha de solteira.

Bauman (2004) ressalta a importância do que diz Levinas sobre Eros, que Eros é uma relação com a alteridade, com o mistério, e que o pathos, ou melhor, a paixão, o sofrimento do amor consiste na intransponível dualidade dos seres.

Eros então, pode ser vivido através da utilização da linguagem, é no

discurso que ele se mantém, é na troca e compartilhamento que ele pode se sustentar e superar o triunfo da conquista do desejo e, assim superar o vazio vivido pela dualidade dos seres. O objeto desejado só pode se manter enquanto tal através do exercício da conversação. No entanto, no mundo contemporâneo, onde as mudanças são rápidas e bruscas, não há o tempo necessário para que este discurso possa se tecer e se constituir enquanto prática amorosa. Ao invés disso o que se busca, atualmente, é o desenvolvimento de “receitas” ou “dicas” de como se deve viver o amor e o que fazer para ser amado e para amar.

Alguns valores que por séculos constituíram as práticas sociais, criando assim uma certa sensação de segurança e ordem na modernidade, tornaram-se valores obsoletos na contemporaneidade. Além de trazer uma sensação de insegurança e desamparo, isso trouxe uma necessidade de se desenvolver práticas pedagógicas sobre questões importantes, como o amor e as relações, que se configurassem como um discurso de verdade. Com isto, ressalta-se o crescimento da literatura de auto-ajuda, as psicoterapias, as agências de casamento, a busca de aconselhamento das relações, bem como o investimento da mídia em geral, no que se refere a estas questões. Percebe-se um movimento desenfreado na busca de receitas de como saber o que é verdadeiro ou falso nas questões sentimentais, na tentativa de se estabelecer técnicas de como chegar a idealizada felicidade. Quanto mais queixas há, no que diz respeito ao amor, mais procedimentos são inventados, na tentativa de solucionar este mal-estar.

Atualmente, as revistas femininas trazem verdadeiros manuais de sobrevivência de relacionamentos, que visam dar dicas de como manter a relação em meio às várias dificuldades que possam aparecer. Na Revista Nova de outubro de 2003, na matéria “Namoro, à prova de bala”, por Karina Hollo e Tatiana Bonumá

(suas especialidades não vem especificadas na matéria), prometem fornecer táticas de blindagem de relacionamentos e garantem “felicidade para sempre”. Algumas dicas:

Proteja-se dos ataques da concorrência através de demonstrações constantes de afeto que reforcem a ligação e a segurança entre o casal... Dê fim às brigas, pensando antes de falar e segurando o impulso de brigar... Deixe os desabafos para uma amiga e ponha em discussão com ele questões concretas, objetivas e diretas. Derrube a rotina, o importante é preencher o tempo com atividades de interesse comum, que além de proporcionar prazer, unem a dupla, analisa Maria Helena, autora do livro *Coragem para Amar* (Record). Em relação à rotina sexual dá dica: vale investir numa depilação ou lingerie diferente; excite-o com novas carícias, sugira posições diferentes, novos horários e locais de transa, entre outros.

Estas dicas fornecem soluções simplistas e sem nenhuma problematização dos relacionamentos na atualidade, aumentando de certa forma, o descrédito nas relações, já que não garantem a felicidade prometida, mas funcionam como um paliativo, por algum tempo podem em alguns casos diminuir a angústia daqueles que a procuram.

Dagmar Serpa escreveu na Revista Nova, de agosto de 2003, uma matéria sobre agência de casamentos, onde relata que são jovens que procuram as agências de casamento, sendo 98% com curso superior e quase metade já concluiu uma pós-graduação. Das 3.500 pessoas que esperam encontrar um parceiro, para casamento, 6% das mulheres têm entre 18 e 24 anos, 12% entre 25 e 30 anos, 39% entre 31 e 40 anos. Entre os homens, 1% está na faixa dos 18 e 24 anos, 21% dos 25 aos 30 anos e 38% dos 31 aos 40 anos.

Nas duas agências que pesquisou, 60% dos clientes são do sexo feminino. As agências exigem antecedentes criminais e fazem avaliação psicológica. Só apresentam pares que julgam compatíveis. Dos almoços marcados 70% resultam num relacionamento. Uma das agências declara que em 9 anos promoveu 511 uniões.

A revista *Cláudia*, de Julho de 2005, também traz esta realidade, na matéria: “Um Homem para Amar”, em que se inicia com a seguinte chamada: “Até lindas e famosas como Jane Fonda, continuam nessa busca...”. E continua, dizendo que há mais mulheres do que homens vivendo sozinhas na faixa etária acima de 35 anos, segundo o estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), coordenado pelo economista Marcelo Néri, baseado no censo de 2000. A solidão aumenta com a idade, aos 50 anos, a diferença chega a 18%. Os motivos levantados são: as mulheres vivem mais do que os homens, casam-se com homens mais velhos, aumentando o número de viúvas e as mulheres conquistaram a independência econômica, o que permite que escolham a solidão.

A historiadora Alzira Lobo, da Universidade São Marcos, em São Paulo, diz: “trata-se de um fenômeno dos tempos modernos que atinge ambos os sexos”. Segundo a matéria, a maioria das mulheres, mesmo as realizadas com dinheiro, carreira de sucesso, desejam um amor. Jane Fonda, 67 anos, depois de três casamentos, diz que continua procurando o “homem certo”.

As revistas surgem neste cenário como um dos veículos em que são postos os pedidos a respeito desta pedagogia do amor e tentam responder a esta demanda procurando fórmulas para amenizar o mal-estar, que aparece como o desencontro amoroso e a vivência da solidão. Cresce, desta forma, uma literatura para o público feminino que busca discutir esta questão, e isto, também foi relatado em uma matéria da revista *Cláudia*, de novembro de 2005, por Patrícia Zaidan, onde coloca que: o número de mulheres sozinhas cresce na medida que o mercado de livros para solteiras, centrados em heroínas aflitas à procura de um par, são as “balzaquianas pós-modernas”. O *Diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding, vendeu 107 mil exemplares no Brasil, onde a tiragem média de um livro é de 2 mil:

“mulheres que chegam sozinhas aos 30 anos se sentem vingadas por aquela gordinha meio neurótica e engraçada que acaba se dando bem”. De lá para cá, uma avalanche dos chamados “capas cor-de-rosa – ou literatura de mulherzinha” - invadiu as livrarias sob a forma de romances, contos, manuais de sobrevivência e derivados. Sintoma da globalização, esses livros têm aceitação frenética no mundo.

A Record colocou no mercado 55 títulos, entre eles: “Sex and city”, de Candace Bushnell; “Casório”, da irlandesa Marian Keyes; “A entrega: memórias eróticas”, de Toni Bentley, etc. O rigor estético não é o forte da maioria dos títulos. Quase todos apresentam o casamento como o antídoto exclusivo para a solidão: “as heroínas são hilárias”. Alguns destes livros foram transformados em seriados de TV ou estão disponíveis em DVD. A mídia tem se esmerado em produções que buscam trazer alívio para o mal-estar vivido pelos desencontros amorosos, no entanto, parece não desenvolver uma reflexão mais fecunda sobre esta problemática, se limitando a ser um produto de consumo de alívio imediato de angústia, bem característico da cultura contemporânea de entretenimento.

Sueli Rolnik (2002) relata a desestabilização de algumas subjetividades diante de forças desconhecidas e inesperadas e ressalta a capacidade da subjetividade do artista e de criadores culturais em suportar mais esta desestabilização no mundo contemporâneo.

Ao que parece, é primeiro em microuniversos culturais e artísticos que relações de força inéditas ganham corpo e, junto com um corpo, sentido e valor. Esse microuniversos constituem cartografias – musicais, visuais, cinematográficas, teatrais, arquitetônicas, literárias, filosóficas, etc. – do ambiente sensível instaurado pelo novo diagrama (ROLNIK, 2002, p.29).

Esta autora denuncia o perigo que corre a potência criadora nos dias atuais, enquanto uma preocupação de cunho ético. Argumenta que o homem contemporâneo é viciado em identidades e por isso se anestesia diante do

surgimento de novos diagramas de forças, no entanto novos diagramas se instauram em sua subjetividade apesar de tudo. Coloca, o quanto, os personagens da mídia, invencíveis e cheios de glamour, permeiam as vivências destes sujeitos que acabam mimetizando personagens imaginários que não estão ancorados em sensibilidade alguma, muito pelo contrário, têm uma linguagem clichê comprometendo o potencial criador. Isto está bem retratado na revista Nova 08, de 2003, na matéria: “Marketing da sedução”, p. 86, de Luana de Moraes, especialista de Marketing e Vendas pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Estados Unidos, que defende a idéia do marketing pessoal como estratégia de conquista amorosa.

Justifica que com uma estratégia em mente, não se corre o risco de colocar tudo a perder por causa dos “impulsos de quem está afim de um homem”.

Suas dicas são:

- 1) Defina seu Target: no marketing significa definir o alvo, designa o consumidor. É preciso, conhecê-lo bem para poder encantá-lo. Para traçar um mapa confiável é preciso ter o máximo de informações. O que esse homem busca para si mesmo? Ou seja, é uma pesquisa de mercado.
- 2) Foque as Vantagens do Produto: Montar um plano de comunicação, para isto, focalizar os benefícios que o seu alvo busca em uma mulher. Desenvolver uma promessa de proporcionar aquilo que ele procura... “é um desejo realizado e não características físicas”.
- 3) Tome posição de Destaque: Escolher o melhor canal para divulgar seus atributos (telefone, e-mails, etc.). Propagar uma ou duas bandeiras de destaque; “seu principal diferencial deve ser ressaltado com base no que o seu paquera procura em uma mulher”.
- 4) Derrube a Concorrência: mostre que é melhor que a concorrente, capaz de proporcionar tudo o que ela oferece e mais (valor agregado).
- 5) Capriche na Embalagem: O invólucro jamais deve destoar do que é o produto. A aparência é parte fundamental do marketing.
- 6) Esqueça a Propaganda Enganosa: nunca finja ser o que não é, caso contrário, não poderá manter a história por muito tempo.
- 7) Faça o Plano Funcionar: checar os resultados parciais de quando em quando, assim poderá fazer os ajustes necessários de acordo com as reações de seu consumidor.

Estas dicas demonstram com clareza, a necessidade na atualidade de fórmulas de conduta que proporcionem uma técnica de saber sobre os

procedimentos amorosos, denunciando uma dificuldade de se lidar com a instabilidade vivida nas relações, das diversas forças que compõem os valores múltiplos característicos do mundo contemporâneo. Parece mais fácil diante do incerto, da falta de garantia de resultados satisfatórios, não arriscar, e sim experimentar fórmulas testadas por alguns, tratando a relação como uma mercadoria, limitando os potenciais criadores. Como aparece no seguinte relato:

T.M., especialista em marketing político, 30 anos, conta que seu pai dizia: “encontrar alguém é como fazer uma seleção de pessoal. A mulher arquiva currículos, entrevista os candidatos e decide”. E ela coloca que: “só aparecem estagiários. Quando vou assinar a carteira, ele vacila e a vaga fica aberta” (Revista Cláudia, novembro, 2005).

Esta fala deixa evidente uma busca de resolução das dificuldades amorosas, através de um procedimento objetivo, numa tentativa de encontrar o parceiro adequado, como se o surgimento do amor pudesse ser algo possível de planejamento e controle.

Alguns procedimentos que surgem para atender as demandas das queixas amorosas transformam-se em um nicho de mercado. O mal-estar advindo dos desencontros é explorado e pode se tornar em um negócio rentável, como as agências de encontros. Estas agências promovem encontros a partir da compatibilidade dos perfis dos interessados.

Uma agência de São Paulo combina um jantar com dez homens e dez mulheres que apresentam interesses em comum e que buscam um parceiro, onde se realiza um rodízio em que cada uma das mulheres irá conversar por dez minutos com cada um dos homens, depois aqueles que se interessarem em conhecer melhor o outro poderá combinar um encontro a dois (relato colhido para o diário de bordo).

A falta de tempo do mundo atual é uma das justificativas adotadas para este tipo de procedimento, uns dizem que não têm tempo para ir a barzinhos ou boates para tentar conhecer alguém, achando mais fácil contratar este tipo de

serviço. Mas será que terão tempo, se encontrarem alguém para se relacionar, para investir e cuidar da relação? E será que têm como garantir que estes encontros “arranjados” resultarão em amor? Será o amor previsível e passível do desenvolvimento de estratégias de controle para que se possa encontrá-lo? Quando se busca o amor da mesma forma que se busca qualquer produto que possa ser comprado pela Internet, que tipo de amor é possível encontrar aí?

No entanto o amor é algo da ordem do imprevisível, nunca se sabe ao certo quando vai acontecer, embora o ser humano sempre tente criar teorias e explicações para este acontecimento. Para Bauman (2004), o amor e a morte não têm história própria. São eventos que ocorrem, eventos distintos, que não tem uma relação causal com eventos “similares”. Coloca também que não se pode aprender a amar, tal como não se pode aprender a morrer. Quando o amor ou a morte chegarem, de repente, provavelmente nos pegarão desprevenidos. Evidentemente, todos nós tendemos a nos esforçar muito para extrair algum sentido dessa experiência; tentamos estabelecer seus antecedentes, apresentar explicações plausíveis que dêem uma idéia de segurança e previsibilidade dos eventos, tentando garantir a saúde mental. E também, principalmente, buscamos evocar uma ilusão de sabedoria, de uma sabedoria que se pode aprender.

Algumas pessoas, cansadas de tanto tentar descobrir estratégias de como encontrar e/ou manter o amor, chegam a colocar a questão da imprevisibilidade do amor, mesmo que isto ocorra depois de várias tentativas frustradas: “... já tentei de tudo, promessa, I Ching, cartomante, rezadeira, ler livros de auto-ajuda... e no fundo eu sei que a hora que eu menos esperar o amor vai aparecer, sem que eu tenha feito nada para que isto acontecesse... mas o duro é esperar...” (Relato do Diário de Bordo).

Segundo Chillemi (2003) há todo um movimento que tenta colocar a relação amorosa dentro de um certo modelo que impede a possibilidade de experimentar o encontro amoroso conforme seu próprio movimento. A autora cita um texto de Clarice Lispector, em sua tese de doutorado, que retoma esta questão:

... só porque não estavam bastante distraídos. Só porque, súbito exigentes e duros, quiseram ter o que já tinham. Tudo porque quiseram dar um nome; porque quiseram ser, eles que eram. Foram então aprender que; não estando distraído, o telefone não toca e é preciso sair de casa para que a carta chegue, e quando finalmente o telefone toca, o deserto da espera já cortou os fios. Tudo, tudo por não estarem mais distraídos. (LISPECTOR, 1999, p. 13-14)

Rolnik (2002) propõe que a arte e cultura podem propiciar uma nova forma de se lidar com a insegurança diante da imprevisibilidade da vida. Coloca que diante desta instabilidade instaurada pelas relações de forças e da impotência diante da finitude da vida, existe um mal-estar, e para que a vida possa ser afirmada enquanto potência criadora depende da relação que se estabelece com o trágico. Ressalta também que no campo das produções culturais há muitas formas de se lidar com o trágico, e uma das formas é aliando-se com as forças da processualidade, que constituem novas cartografias. Relaciona a negação do trágico com o vício em identidade que impede a produção do novo, a evitação do movimento rumo ao desconhecido. Defende a subjetividade artística enquanto possibilidade de afirmação da vida, como uma possibilidade de ultrapassar o mal-estar e propiciar uma subjetividade criativa e singular.

No entanto, os discursos amorosos presentes nas revistas pesquisadas não revelam nenhuma singularização, pelo contrário, demonstram a busca de relacionamentos idealizados regidos por valores vigentes, massificados, que se mostram contraditórios e confusos. Nestes discursos, percebe-se que ao mesmo tempo em que as entrevistadas das revistas querem uma relação estável e

duradoura, na tentativa de repetir padrões vividos por gerações anteriores, há uma grande valorização da liberdade e da individualidade.

Para B., as solteiras têm um pé no século 21 e outro nos anos 50: “não abrem mão dos avanços sexuais, mas sonham casar como a mãe delas” (Revista Cláudia, novembro, 2005).

Estes relatos confirmam o que Bauman (2004) coloca sobre o amor contemporâneo, em que os habitantes de nosso líquido mundo moderno garantem que seu desejo, seu objetivo, é “relacionar-se”. No entanto, questiona: será que estão mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos? E afirma que atualmente o que aprendem com os especialistas de relacionamentos é que o compromisso e, em particular, o compromisso em longo prazo, é a maior armadilha a ser evitada no esforço por “relacionar-se”. E recomendam: “Ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas” (BAUMAN, 2004, p. 10). Já que ao se falar em relacionamento, fala-se ao mesmo tempo dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À minha vontade abjeta de ser amado, substituirei uma potência de amar; não uma vontade absurda de amar qualquer um, qualquer coisa (...). Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou uma história. Amar os que são assim: quando entram em um lugar, não são pessoas, caracteres ou sujeitos, é uma variação atmosférica, uma mudança de cor, uma molécula imperceptível, uma bruma ou névoa (DELEUZE & PARNET, 1998, p.80).

A realização do presente trabalho traz algumas considerações, mesmo que provisórias e muitas questões. As perguntas se refazem, no decorrer do processo, abrem novas linhas intensivas, em que novos afetos pedem passagem.

Nos caminhos percorridos, acompanhando os movimentos dos discursos e afetos amorosos, o texto amoroso que constitui as práticas amorosas, no contemporâneo, pôde ser delineado. Com os textos lidos, histórias ouvidas, filmes assistidos, com o empenho daqueles que contribuíram doando intensidade e cor para esta dissertação, algumas linhas expressivas se tornaram palavras para dizer o amor, vias pelas quais ele pôde ser falado. Intensidades vividas em uma época específica, múltiplas fontes que deixaram jorrar as materialidades presentes nas práticas amorosas da atualidade. Multiplicidade buscada em tempos distintos, valores, crenças, afetos que, às vezes diluídos, às vezes intensificados, dão o tom, o indício, do caminho a ser seguido. Trata-se de uma rede ramificada de sentidos que ao se distender cria novas possibilidades subjetivas.

Têm-se algumas considerações importantes a serem levantadas: o amor é uma crença emocional, e, portanto, pode ser modificada. No entanto, existe uma tendência nos discursos amorosos em atribuir valores ao amor de forma naturalizada, onde esta crença não é questionada enquanto tal. Os discursos

presentes na cultura estão atrelados à central de valores e sentidos amorosos estabelecidos na atualidade, não apresentando quase nada de singular nas vivências amorosas, ao contrário, parece que as sensibilidades estão se anestesiando diante das forças atuantes de valores morais.

O amor, enquanto crença emocional, implica na constituição de práticas amorosas específicas, constituídas pelos valores presentes neste momento histórico, que constrói um regime de saber sobre o amor. Regime de saber este que está calcado em conhecimentos científicos, em vários saberes homogeneizadores sobre o homem que podem estar distanciando as práticas amorosas de um exercício ético, da dimensão criativa e das sensibilidades que inventam novas frequências nas relações amorosas.

Os valores da Antiguidade, dos gregos pagãos, os valores cristãos vêm tecendo com os valores do amor cortês, (séc. XII), o discurso romântico que se instituiu nos séculos XVII, XVIII e que estão presentes nas idealizações amorosas presentes na atualidade. Mesmo diante da volatilidade do mundo contemporâneo às idealizações amorosas objetivam a completude, a busca da felicidade, ao supremo bem. O sentimento torna-se, assim, a substância ética que cria materialidades morais.

Parece que o projeto amoroso da modernidade malogrou, percebe-se, através dos discursos, presentes neste trabalho, uma incapacidade de se colocar em jogo os atributos racionais e passionais das relações. Os discursos oscilam entre os extremos, tanto uma relação pode gravitar na absoluta superficialidade, quanto se deixar arrastar pelas paixões, levando-se a sofrimentos intensos. Fica claro, então, o quanto os pedidos de procedimentos pedagógicos implicam que são os valores morais que constituem as relações, de forma a separar-se de procedimentos éticos.

Entende-se ética como uma técnica de si, que não visa fornecer um modelo de comportamento para todos, mas sim uma preocupação ética e moral, das relações consigo mesmo, que impliquem em uma ética que se baseia na estética da existência, permeada pelo desejo de viver uma vida bela. Em que cada um possa ser mestre de seus desejos e não escravo, “em que o indivíduo possa constituir a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações” (FOUCAULT, 1983, p. 263).

Segundo Chillemi (2003), todo movimento que tenta colocar a relação amorosa dentro de um certo modelo faz com que se perca o melhor, pois é o contrário de quando se pensa que um foi feito para o outro, onde tudo já está dado. Ao se fixar em modelos pré-estabelecidos - viciados em identidades, perde-se a possibilidade de ser lançado através de um sorriso, de um certo olhar, um gesto, um pensamento, para outros lugares, a possibilidade de experimentar o encontro amoroso conforme seu próprio movimento.

O amor fundado na relação “eu-tu” é o encontro de duas interioridades, de duas identidades e estrangula as possibilidades de invenção no campo amoroso, impede a experimentação amorosa, principalmente se trazer em si o desejo de dominar o outro. Não adianta tentar apreender as intensidades provocadas pelo encontro amoroso, apesar dos apaixonados quererem eternizar os momentos de felicidade vividos.

Não se trata de “almas-gêmeas”, idéias como absoluto, completude, complementaridade não conseguem dar conta de traduzir o que ocorre entre os apaixonados. Os modelos estão rachados, não têm mais a mesma consistência, as forças que os compunham, não atuam mais da mesma forma, há um desvanecimento dos territórios amorosos. Diante disso, surge, então, uma questão: como quebrar nosso amor, esse amor que se quer completo e perfeito, para nos

tornarmos, enfim, capazes de amar? Esta quebra pode ser uma possibilidade para que novas vivências amorosas sejam criadas, afetos possam ser desbloqueados. Isto pode ser bom ou ruim - se a questão se puser ao nível da valoração. Isso vai depender da capacidade daqueles que embarcam nesta viagem, de suportar a instabilidade, os abalos que desmancham os territórios de “garantias-segurança”.

Todos querem garantias de um amor tranqüilo ou de um amor excitante; ou mesmo de um amor efêmero, mas intenso; um amor para a vida toda e tantas outras garantias... No entanto, o acontecimento amoroso e seu desenrolar não dependem só da nossa vontade. Pode-se esperar e não acontecer. Não esperar e acontecer. Podem passar anos e, esperando ou não, pode ou não acontecer (CHILLEMI, 2003).

Será, então, que no mundo contemporâneo, o amor realmente anda impossível? Este trabalho indica perspectivas aparentemente sombrias. Como o homem com os processos de produção de subjetividade vividos atualmente, na forja do narcisismo, pode encontrar um caminho para viver amores portadores de “uma nova suavidade amorosa”? Até porque o narcisismo como configuração amorosa também não se sustenta diante das vicissitudes do mundo contemporâneo, o espelho já não satisfaz, perde-se o encanto pelo reflexo e pelo amor pelo mesmo. São vários os enredos em que o amor pode se constituir, mesmo em uma configuração narcísica. Neste caso também não existem modos específicos de se relacionar que garantam felicidade. O narcisismo também está perdendo consistência, está se desmanchando, se desterritorializando diante das forças atuantes do contemporâneo. Novos modos de viver as relações amorosas pedem para serem inventadas.

Uma relação singular requer trabalho, paciência, tempo para que relações

possam ser tecidas e também a coragem de se acompanhar o movimento, os fluxos amorosos que podem surgir de repente...

É preciso coragem, o mundo contemporâneo pede coragem e leveza para suportar a vulnerabilidade das relações humanas. Para alguns pode só restar o mal-estar provocado pela ruptura com a subjetividade dominante, que pode ser vivida de maneira dolorosa, porém inevitável. É o estranho em nós pedindo passagem, muitas vezes a presença desse estranho pode ser vivida como horror.

Portanto, o amor, como outras forças, é intratável, porque não cabe nos esquemas interpretantes. Amor não mora na alma, nem no coração e não se deixa pegar. A força apaixonada não pode se colocar nas mãos de um interpretante. Ela vibra, sacode e afeta. Amor é uma atmosfera de abismo. Tudo se passa *no meio, entre*, numa zona de indiscernibilidade, daí que as palavras e os gestos pré-fabricados não dão conta. Uma zona de solidão (independente de se estar só ou acompanhado), povoada de encontros, feitos termos de natureza diferentes – encontro com pessoas, a música, o vento. Uma área vazia dos sentidos habituais, onde algo fala, mas não pode ser traduzido porque os códigos do mundo, banhados de significados, não podem decifrar. Ou mesmo, porque a conexão entre estas forças é mutante e as palavras não conseguem expressar esse movimento à medida que acontece. Daí que o amor pode ser, também, mutante; não porque é do amor ser mutante, mas das forças em luta em qualquer encontro – inclusive o amoroso. São zonas de ressonâncias de invisibilidades que não podem ser interpretadas (CHILLEMI, 2003, p. 165).

Muitas são as queixas no contemporâneo, no que se refere ao acontecimento amoroso. Estas queixas não estão sendo, problematizadas pelos discursos presentes nos dispositivos da cultura, o que ocorre é a criação de vários procedimentos que tentam dar uma solução para o mal-estar vivido. Como se houvesse uma técnica que pudesse trazer o amor ideal.

No enlace amoroso as ressonâncias que se dão nas experimentações amorosas são da ordem da diferença, de algo novo, que sempre será vivido diferente um do outro. A tentativa de capturar estas ressonâncias, em modos identitários de amar, pode dar uma direção para a relação – o fracasso. O encontro

amoroso se dá num campo aberto, onde os contornos existem, se movimentam, levam a ampliação da potência de afetar e ser afetado.

O amor implica em procedimentos de ascese, que envolvem sacrifícios, escolhas, doação, entre outros. Isto implica em um assujeitamento a determinadas regras, no entanto, percebe-se que a configuração do mundo contemporâneo dificulta a escolha das regras às quais cada um quer e pode se submeter, anulando a possibilidade da conexão do prazer com o desejo.

Geralmente, se coloca a existência de um mundo externo como a possível causa da morte do amor. Não é este suposto mundo, fora das relações, que causa a morte do amor, as relações são efeitos de conexões de forças. Mas o que pode levar à morte do amor é tentar colocar o mundo a serviço do cumprimento de um determinado roteiro de amor.

Por outro lado, modos de existência podem ligar-se a um exercício: aprender a lidar com os choques entre as relações, a se movimentar e se aliar àquilo que vibra, ao desejo que se potencializa e se expande, criando um campo de intimidade e cumplicidade que se articula com os processos e movimentos da vida. “Um amor que aumenta a potência exige esforços para se unir ao que fortifica e vitaliza” (Chillemi, 2003, p. 180). Estes esforços em se ligar às vibrações amorosas fazem com que se potencializem os afetos e o amor que se encadeia com a alegria pode aumentar nossa potência de agir. Trata-se, então, de acolher a estranheza diante do movimento em direção ao outro, outro diferente, desconhecido. Como, também, o cuidado e a delicadeza necessários às experimentações amorosas para que existam encharcadas de intensidades que transbordam vida.

Para finalizar é necessário dizer o quanto a escrita deste trabalho muitas vezes foi permeada pelas vivências e a própria subjetivação de quem escreve. Em

muitos momentos, o fluxo das idéias, dos afetos, interrompia a escrita. Os canais pelos quais as palavras pediam passagem se obstruíam pelos valores morais que insistiam em ecoar... Não é fácil falar de amor e às vezes nem deixar que ele se fale...

Termino com Pequenas Epifanias de Caio Fernando Abreu:

Há alguns dias, Deus – ou isso que chamamos assim, tão descuidadamente de Deus – enviou-me um presente ambíguo: uma possibilidade de amor. Ou disso que chamamos, também com descuido e alguma pressa, de amor. E você sabe a que me refiro.

Antes que pudesse me assustar e, depois do susto, hesitar entre ir e não ir, querer ou não querer – eu já estava lá dentro. E estar dentro daquilo era bom. Não me entenda mal... não aconteceu qualquer intimidade dessas que você certamente imagina. Na verdade, não aconteceu quase nada. Dois ou três almoços, uns silêncios. Fragmentos disso que chamamos, com aquele descuido, de “minha vida”. Outros fragmentos, daquela “outra vida”. De repente cruzadas ali, por puro mistério, sobre as toalhas brancas e os copos de vinho ou água, entre casquinhas de pão e cinzeiros cheios que os garçons rapidamente esvaziaram para que nos sentíssemos limpos. E nos sentíamos.

Por trás do que acontecia, eu redescobria magias sem susto algum. E de repente me sentia protegido, você sabe como: a vida toda, esses pedacinhos desconexos se armavam de outro jeito, fazendo sentido. Nada de mal me aconteceria, tinha certeza, enquanto estivesse dentro do campo magnético daquela outra pessoa. Os olhos da outra pessoa me olhavam e me reconheciam como outra pessoa, e suavemente faziam perguntas, investigavam terrenos: ah você não come açúcar, ah você não bebe uísque, ah você é do signo de Libra. Traçando esboços, os dois. Tateando traços difusos, vagas promessas.

Nunca mais sair do centro daquele espaço para as duras ruas anônimas. Nunca mais sair daquele colo quente que é ter uma face para outra pessoa que também tem uma face para você, no meio da tralha desimportante e sem rosto de cada dia atravancando o coração. Mas no quarto, quinto dia, um trecho obsessivo do conto de Clarice Lispector – Tentação – na cabeça estonteada de encanto: “Mas ambos estavam comprometidos. Ele, com sua natureza aprisionada. Ela, com sua infância impossível”. Cito de memória, não sei se correto. Fala no encontro de uma menina ruiva, sentada num degrau às três da tarde, com um cão bassê também ruivo, que passa acorrentado. Ela pára, os dois se olham, cintilam, prometidos. A dona o puxa, Ele se vai, E, nada acontece.

De mais a mais, eu não queria. Seria preciso forjar climas, insinuar convites, servir vinhos, acender velas, fazer caras. Para talvez ouvir não. A não ser que soprasse tanto vento que velejasse por si. Não velejou. Além disso, eu estava dentro da aprendizagem solitária do não-pedir. Só compreendi dias depois, quando um amigo me falou – descuidado, também – em *pequenas epifanias*, Miudinhas, quase pífiyas revelações de Deus feito jóias, encravadas no dia-a-dia.

Era isso - aquela outra vida, inesperadamente misturada à minha, olhando a minha opaca vida com os mesmos olhos atentos com que eu olhava: uma pequena epifania. Em seguida vieram o tempo, a distância, a poeira soprando. Mas eu trouxe de lá a memória de qualquer coisa macia que tem

me alimentado nestes dias seguintes de ausência e fome. Sobretudo à noite, aos domingos. Recuperei um jeito de fumar olhando para trás das janelas, vendo o que ninguém mais veria.

Atrás das janelas, retomo esse momento de mel e sangue que Deus colocou tão rápido e com tanta delicadeza, frente aos meus olhos há tanto tempo incapazes de ver uma possibilidade de amor. Curvo a cabeça, agradecido. E se estendo a mão, no meio da poeira de dentro de mim, posso tocar também em outra coisa. Essa pequena epifania. Com corpo e face. Que recomponho devagar, traço a traço, quando estou só e tenho medo. Sorrio, então. E quase paro de sentir fome.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Pequenas epifanias. In: AFRÂNCIO, M. **Crônicas do estado**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1991.

ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARIÈS, Philippe & DUBY, George. **História da vida privada**: da revolução francesa à primeira guerra, livro 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ASSIS, Machado. COUTINHO, Afrânio (org.). **Machado de Assis**: obra completa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

BADINTER, E. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BRANDÃO, J.S. O mito de Narciso. In: _____. **Mitologia grega**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, v.II.

CARVALHO, Paulo Roberto. Nietzsche e os modos de amar na contemporaneidade. In: NAFFAH NETO, Alfredo (org.) **Falando de amor**: uma escuta musical dos vínculos afetivos. São Paulo: Agora, 2006.

CHAHINE, Marien Abou. **Os caminhos e descaminhos do narcisismo**: um caso em estudo, 2000. Monografia de Especialização. Universidade Estadual de Londrina.

CHILLEMI, Margaret M. **Tirando a poeira da palavra amor**: experimentações no cinema e na clínica, 2003. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, Joel. **Percursos na história da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus, 1988, p.151-174.

DELEUZE, Giles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: formas e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FRANÇA, Sônia A. M. **Cenas do contemporâneo da biossociabilidade à ética**, 2004. Tese de Livre docência. Universidade Estadual Paulista – Assis.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense, 1995. p. 231-249.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Obras Completas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. XIV, p. 89-119.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JULIEN, Phillipe. **A feminilidade velada**: aliança conjugal e modernidade. São Paulo: Companhia de Freud, 1997.

KREPS, Bonnie. **Paixões eternas, ilusões passageiras**: uma análise do mito do amor romântico. São Paulo: Saraiva, 1992.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperança em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Antropos, 1983.

MANSANO, Sônia R.V. **Vida e profissão**: cartografando trajetórias. São Paulo: Summus, 2003.

MURARO, Rose-Marie. **A mulher na construção do mundo futuro**. São Paulo: Vozes, 1969.

PEÇANHA, José Américo Motta. Platão as várias faces do amor. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. Funarte. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.77-106.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

_____. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel S. **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997, p. 25-34.

ROUANET, Sérgio Paulo. Dilemas sobre a ética Iluminista. In: NOVAES, Adauto (org.) **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 149-162.

_____. **Mal-estar na modernidade**: ensaios. São Paulo Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Namara. **Cartografias das práticas de atenção aos transtornos decorrentes do uso de álcool e outras drogas em territórios sociais de risco**, 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Assis, SP.

WISNIK, José Miguel. A paixão dionisíaca em Tristão e Isolda. In: NOVAES, Adauto (org.) **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.195-227.

REVISTAS

CLÁUDIA No 9, ANO 43, Setembro, 2004. Editora Abril.

CLÁUDIA No 11, ANO 43, Novembro, 2004. Editora Abril.

CLÁUDIA No 11, ANO 44, Novembro 2005. Editora Abril.

NOVA/COSMOPOLITAN No 10, ANO 31, Outubro de 2003. Editora Abril.

NOVA/COSMOPOLITAN No 08, ANO 31, Agosto 2003. Editora Abril.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO CONSULTADO

AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na escola**: teorias e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **O erotismo seguido de reflexões sobre o problema do amor (1910)**. São Paulo: Princípio, 1991.

BALZAC, Honoré. **A Mulher de trinta anos (1831-1834)**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade**: corpo e metáfora. São Paulo: Iglu, 1997.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Amor a Solidão**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FLAUBERT, Gustave. **Educação Sentimental (1869)**. Rio de Janeiro: Ediouro, (s/d).

FILMOGRAFIA:

Blade Runner

Gênero: Ficção Científica

Origem/Ano: EUA/ 1982

Duração: 118 minutos

Direção: Ridley Scott

Distribuição: Colúmbia TriStar / Warner Bros.

Denise Está Chamando

Gênero: Especial

Origem/Ano: EUA / 1995

Duração: 80 minutos

Direção: Haw Salwen.

Esposamante

Gênero: drama

Origem/Ano: EUA / 1977

Duração: 103 minutos

Direção: Marco Vicaro

Distribuição: Warner.

Pão e Tulipas

Gênero: Comédia

Origem/Ano: Itália- França / 2000

Duração: 115 minutos

Direção: Silvio Soldini

Distribuição: Movie Star